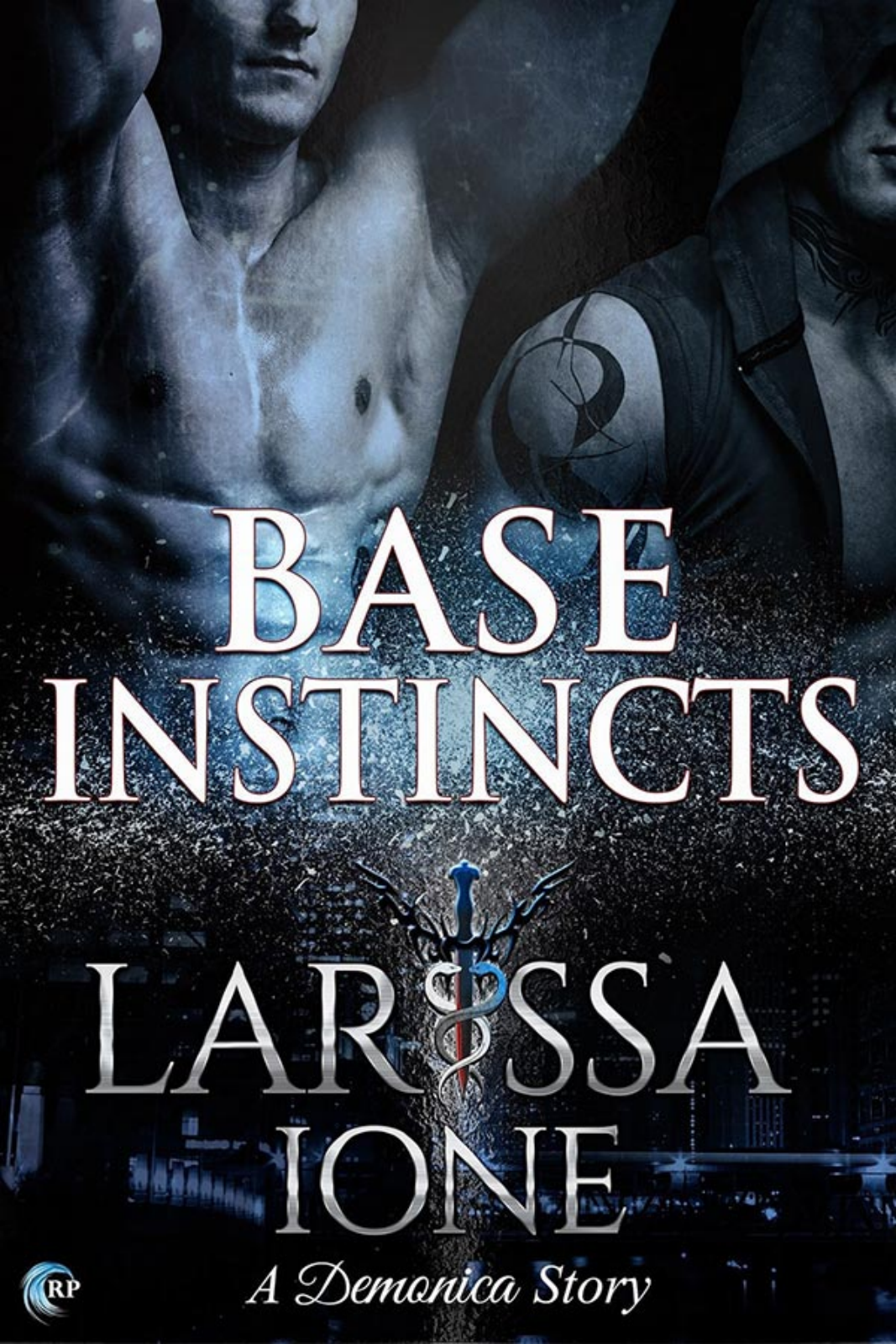




BASE INSTINCTS



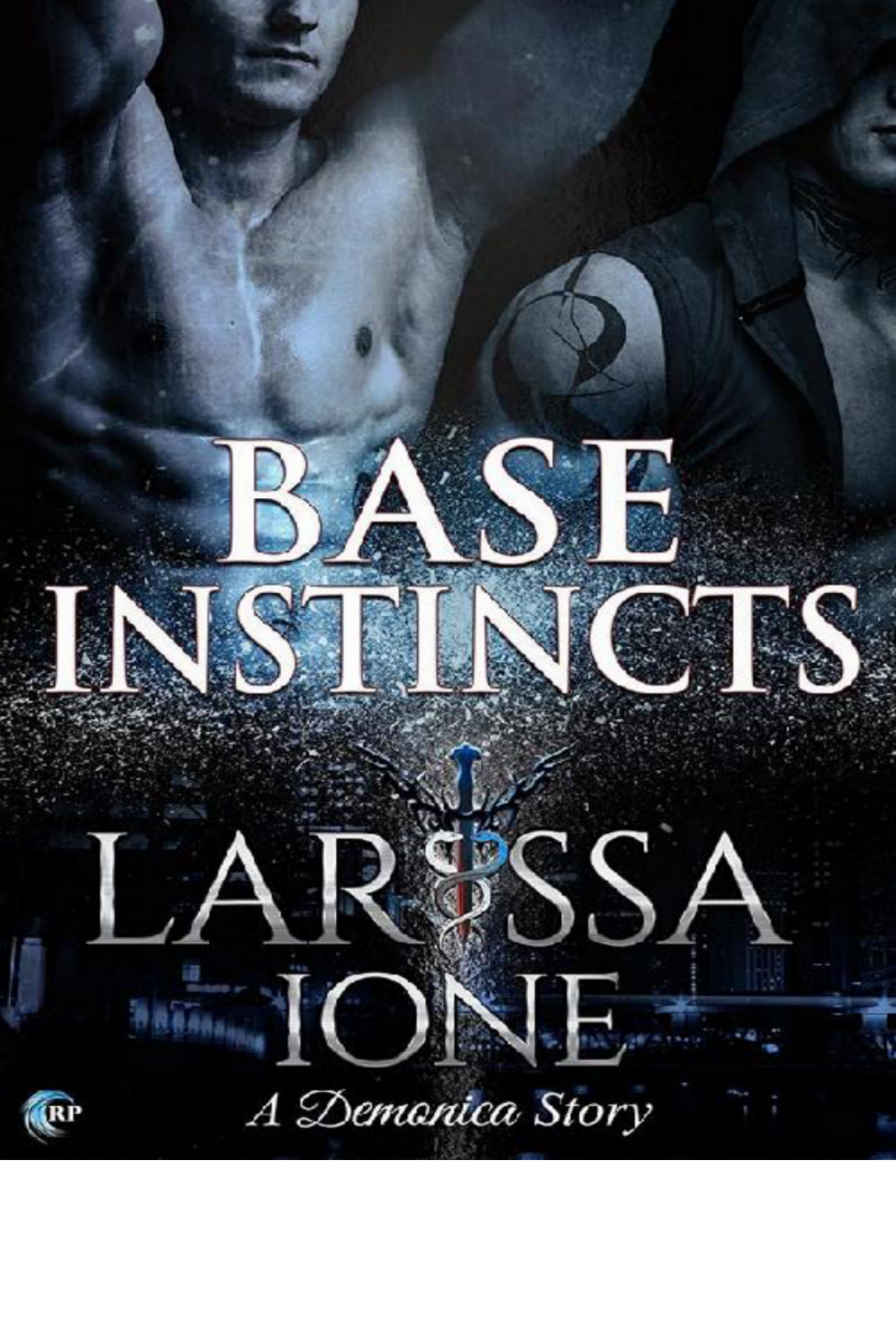
LARSSA IONE

A Demonica Story



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BASE INSTINCTS

LARISSA
IONE

A Demonica Story



BASE INSTINCTS


LARSSA
IONE

A Demonica Story

Como um demônio Seminus, a vida de Raze literalmente depende de ter sexo com fêmeas. O problema é que ele não deseja fêmeas, e é fisicamente impossível para ele estar com os machos. Felizmente, ele e sua melhor amiga, Fayle, tem um acordo que o mantém vivo... embora solitário. Ele encontra algum consolo em seu trabalho como médico no Thirst, um clube de vampiros conhecido por sua difícil clientela. Mas seu mundo cuidadosamente estruturado vira de cabeça para baixo quando ele conhece um macho misterioso que o faz querer o que nunca pode ter.

Slake é um assassino acostumado a obter o que ele quer, e o que ele quer é Raze. Mas ele também quer ganhar de volta a alma que vendeu quando ele era um demônio muito diferente. Tudo o que tem a fazer é capturar uma succubus fugitiva chamada Fayle e entregá-la à sua família. O que ele não conta é ser pego por uma rede de mentiras – e sua atração por Raze.

Raze e Slake devem navegar em um mundo perigoso para estarem juntos. Mas, quando o ciúme de Fayle sobre o relacionamento deles torna-se mortal, eles se veem envolvidos em uma batalha não só por seu amor, mas por suas vidas e almas.

CAPÍTULO 01



De acordo com as notícias, a tempestade avançando sobre Damon Slake era uma assassina comprovada.

Mas então, Slake também era um assassino, e poderia garantir que ele era muito mais letal do que qualquer tempestade.

Chuva e granizo o acertaram enquanto estava do lado de fora de uma das várias entradas secretas para o Thirst, uma boate de vampiros que operava nas sombras de um ponto de encontro gótico humano chamado The Velvet Chain. Como um dos clubes vampiros mais exclusivos, este atendia a todos os seres sobrenaturais, bem como seres humanos que estavam dispostos a servirem de lanche para aqueles que se alimentavam de sangue. E, como um dos estabelecimentos de alta qualidade mais movimentados, este lugar tinha até uma clínica médica. A reputação era tudo, e nenhum dono de clube queria lidar com um monte de mortes humanas por excesso de alimentação, ou em uma briga de bêbados.

O que era inteligente, especialmente agora que o recente quase-apocalipse revelou o mundo demoníaco aos humanos, causando tensão, medo e caos. Eles estavam no modo de extermínio total, enquanto os demônios estavam lidando com algum tipo de agitação política em Sheoul, o reino que muitas pessoas chamavam de Inferno. Slake não tinha ideia do que estava acontecendo em Sheoul, e, francamente, ele não se importava. Tinha um trabalho a fazer, e sempre completava suas missões.

Sua recente presa tinha sido esperta, talvez seu adversário mais inteligente até agora, mas ele finalmente a seguiu até aqui. A succubus astuciosa tinha coberto bem os seus rastros, mas Slake tinha uma habilidade para descobrir segredos e, enquanto Fayle era boa em se esconder, Slake era melhor em encontrar.

Um relâmpago brilhou como uma espécie de prenúncio de filme de terror quando ele entrou no clube mal iluminado, através de uma porta que apenas as criaturas sobrenaturais podiam ver. Instantaneamente, o som da batida do rock, o cheiro de suor, pessoas dançando, a energia elétrica e sensual do pecado o assaltaram. Se ele não estivesse no trabalho, se divertiria na boate e estaria procurando parceiros potenciais para levar para casa durante a noite.

Parceiros como aquele médico sexy como o inferno apoiado contra a parede perto do posto de primeiros socorros, seu olhar varrendo a multidão com a intensidade do núcleo duro de um soldado em território inimigo. Mesmo do outro lado da sala, Slake podia ver a prontidão para qualquer problema na sutil tensão de seu corpo.

E que corpo. Seu uniforme preto estava esticado em seus ombros e abdômen, as mangas enroladas revelando braços densamente musculosos, feitos para prender seu parceiro em um colchão.

Slake não tinha ideia se o cara gostava de machos, fêmeas ou ambos, mas o cara praticamente exalava confiança e sexo. O médico cruzou os braços sobre o seu peito amplo, dando a Slake uma visão privilegiada de uma tatuagem manga^[1] que serpenteava de seus dedos até o bíceps, onde desaparecia sob seu uniforme e depois reaparecia no topo do colarinho. O padrão terminava logo abaixo de sua mandíbula, e Slake decidiu que precisava olhar mais de perto, porque maldição, ele amava tatuagens.

E talvez aproximar-se o ajudaria a descobrir qual espécie – ou raça – de demônio o cara era. Ele definitivamente era um

demônio, a habilidade de Slake de distinguir uma aura azul humana de uma vermelho-alaranjado de demônio tornava isso claro. Não era que Slake fosse exigente quando se tratava de companheiros de cama, mas ele traçou um limite para fugir de qualquer espécie de demônio que valesse um cinco na escala do mal de Ufelskala. Quatro eram ruins o suficiente, mas com um cinco, você nunca saberia se o seu parceiro iria ou não te matar depois que você gozasse.

Ou *antes* de você chegar a isso.

Uma briga estourou perto dos banheiros, afastando sua atenção do médico, mas os seguranças agiram antes que muito sangue derramasse. Sem dúvida, a luta seria apenas uma das muitas desta noite, mas isso não era problema de Slake. Ele atravessou o clube, seus olhos atentos para o alvo. Havia cerca de um milhão e meio de fêmeas, aproximadamente, mas nenhuma parecida com a asiática pequena de cabelos negros na foto que ele havia recebido há dois meses de seu chefe na Dire & Dyre, o escritório de advocacia que o empregava como Adquirente. Sim, se um cliente quisesse algo ou alguém, Slake era aquele enviado para adquiri-lo.

Exceto que este trabalho era diferente. Este trabalho determinaria o curso do resto da sua vida.

E o resto de sua vida *após* a morte.

Mas, ei, como seu chefe salientou, era apenas sua *alma* em jogo.

O idiota.

Ele avistou uma cabine vazia perto de uma saída para os esgotos e foi direto para ela, rosnando para um demônio corpulento de pele verde que tentou escorregar no assento à frente dele. O demônio amaldiçoou, mas um olhar para o arsenal de armas de Slake que aparecia por baixo de sua jaqueta de couro fez o cara pensar duas vezes. Provavelmente, uma terceira vez também.

Um garçom trouxe um uísque duplo para Slake, puro, e ele se instalou, esperando que sua presa mostrasse seu rosto

bonito. Enquanto isso, no entanto, ele não viu nenhum mal em olhar um pouco mais para o médico na parte de trás do clube.

Esse macho tinha algo especial. Até a cor dele era perfeita. Não muito bronzeado, mas não pálido. E dado ao cabelo avermelhado do cara, mais curto atrás do que na frente, Slake apostaria que de perto, ele teria algumas sardas à espera da carícia de uma língua.

A boca de Slake encheu de água com o pensamento, e ele teve que se mover para dar um pouco mais de espaço em sua calça de couro. Mas ele não deixou sua luxúria distraí-lo de sua missão. Não quando o sucesso significava liberdade... e o fracasso significava dar adeus a sua alma para sempre.

Ele bebeu a metade da sua bebida e pegou seu celular assim que a coisa vibrou no bolso do casaco. O nome que brilhou na tela de texto com um curto “*Você está aí?*” era exatamente quem ele estava querendo ouvir por dias. Esperando por boas notícias de seu espião do submundo favorito, ele escreveu uma mensagem.

Ei, Atrox, já estava na hora. Diga-me que você tem uma atualização sobre o nosso prêmio.

Ele esperou um tempo insuportavelmente longo por uma resposta. Os dedos gordos e as garras longas de Atrox não eram exatamente compatíveis com teclados touchscreen. O demônio réptil tinha que usar os nódulos para digitar, o que Slake achava engraçado... até o garoto lagarto ter usado esses nódulos para dar uma surra em Slake.

Finalmente, o telefone apitou com a mensagem de Atrox.

Tenho uma pista. Um dos tipos que eu interroguei ontem à noite é um regular na Thirst. Disse que viu a succubus várias vezes em companhia de um homem com cabelo ruivo e uma tatuagem manga no braço direito.

Cabelo ruivo e uma tatuagem manga. Slake olhou para o médico gostoso e sorriu.

Esta tarefa tinha acabado de ficar interessante.



O sangue estava fluindo livremente esta noite.

Claro, o mesmo poderia ser dito de qualquer noite na Thirst, mas entre os vampiros que se alimentavam dos humanos e as lutas que se desenrolavam entre todas as espécies enquanto a lua pairava à beira de se tornar cheia, Raze era um médico ocupado e exausto. Ele estava de plantão por nove horas, com apenas um curto período de calma, e enquanto observava uma discussão acalorada no bar, ele sabia que era hora de se preparar para outro trabalho de remendo.

Muito ruim, também, porque aquele macho de cabelos escuros sentado sozinho no canto distante o intrigava. Intrigou-lhe o suficiente para que, pela primeira vez em anos, Raze estava tentado a ceder a um desejo que ele raramente se entregava.

A discussão se transformou em violência física, aumentando de três instigadores originais para oito, não, dez caras. Um dos bartenders, um shifter leão chamada Lexi, gritou para os seguranças, que já estavam a caminho. Eles começaram a afastar as pessoas, mas precisou que o dono do clube, Nate, e o gerente, Marsden, ambos vampiros, entrassem na briga e jogassem os lutadores de lado como bonecas de pano para acabar com aquilo.

Enquanto Raze colocava as luvas em preparação para o tratamento das lesões, a maioria dos participantes afugentou-se como cachorros espancados para lambar suas feridas, mas um cara peludo e com chifres foi chutado para fora pela porta lateral. Outro, com sua mão pressionada contra uma ferida jorrando na coxa, foi arrastado para a clínica, amaldiçoando e grunhindo, e colocado na mesa de exames.

Marsden e Lexi deram a Raze um olhar de simpatia e sair deram o fora dali antes que Raze pudesse recrutá-los para ajudar.

— Obrigado, caras — gritou Raze atrás deles. — Da próxima vez que vocês se cortarem enquanto estão cortando limão, não venham chorando para mim.

Lexi lhe lançou um sorriso atrevido por cima do ombro, enquanto lhe fazia um gesto obsceno com um dedo do meio recém enfaixado. Mars fez o mesmo, menos o sorriso atrevido e bandagem curativo.

Rindo, ele voltou-se para o paciente, que, se o seu sorriso de desdém fosse qualquer indicação, não tinha o mesmo senso de humor de Mars e Lexi.

Maldito seja, Raze não deveria ter respondido o telefone quando o número da Thirst apareceu em seu identificador de chamada nesta manhã. Era suposto ter sido seu dia de folga do clube e do Underworld General, não que ele tivesse tido planos emocionantes. Não havia nem bons filmes novos.

O paciente mostrou os dentes para Raze, suas presas ligeiramente alongadas indicando que o cara não era humano. A partir do fedor almiscarado, Raze tinha um palpite de que ele era uma espécie de shifter animal ou were-criatura, mas dada a aproximação da lua cheia e seus efeitos sobre os lobisomens, Raze iria com o último.

— Como você se chama? — Perguntou Raze quando puxou a bandeja de equipamentos de primeiros socorros para ele.

— Morda-me.

Ah, sim, isso será um bom momento.

— Ok, Morda-me, que espécie você é?

Morda-me estreitou os olhos.— Por que diabos isso importa? Você vai me tratar diferente se eu for algo que você não gosta?

Aparentemente, Morda-me não era apenas um bêbado furioso, ele era uma daquelas pessoas engraçadas que transformavam tudo sobre si mesmas e suas opiniões pessoais.

— É importante porque todas as espécies e raças são únicas e cada uma tem diferentes necessidades médicas e reações ao tratamento. — Morda-me não pareceu convencido,

portanto, Raze elaborou. — Os cães podem tomar aspirina, mas é tóxico para os gatos. Os demônios Oni irão explodir em chamas se expostos a água oxigenada, mas isso afeta os demônios Sora da maneira como o álcool afeta os humanos. — Ele gesticulou para um kit de sutura na bandeja do equipamento. — Algumas espécies não podem tolerar meu poder de cura e precisam de métodos mais tradicionais para fechar feridas. Então pare de ser um pé no saco e me diga o que você é.

O ódio rolou fora do corpo de Morda-me, enquanto ele encarava Raze em um desafio insolente. — Adivinhe.

— Bem — Raze disse — considerando os seus caninos superdesenvolvidos, mau cheiro e personalidade brilhante, eu diria que você é um lobisomem.

— É *warg*, sua escória Seminus — o cara rosnou.

A mão de Raze sacudiu de surpresa, não com a palavra “warg”, que era como os lobisomens preferiam ser chamados, mas pelo fato de o cara sabia o que era um demônio Seminus. Ele manteve sua expressão neutra, não querendo deixar que este idiota soubesse que ele tinha atingido um nervo.

— Parabéns — ele disse sem rodeios. — Você identificou corretamente uma raça extremamente rara de demônio sexual.

O lábio superior do garoto estreitou. — Isso é porque eu matei dois de vocês bastardos.

Raze inalou profundamente, disposto a manter a calma. Acontecia muitas vezes de pessoas matarem demônios Seminus, e infelizmente, muito disso era merecido. Raze nem queria pensar em como, se ele não se unisse a uma fêmea no momento em que completasse cem anos, ele passaria pelo segundo dos dois processos de maturação: ganhar fertilidade, uma marcação facial e uma profana necessidade incontrollável de sexo. Em cinquenta anos, ele se tornaria um animal cujo principal instinto era reproduzir, e qualquer fêmea dentro do alcance de pau seria um alvo... disposta ou não.

Machos de todas as espécies matavam Sems à vista, o que

Raze imaginava ser bastante compreensível. Especialmente dado que todos os descendentes de um acasalamento Seminus nasciam demônios Seminus machos, independentemente da espécie da mãe. A própria mãe de Raze era uma espécie de demônio das cavernas, mas os testes de DNA realizados no Underworld General não conseguiram identificar a espécie exata, e muito menos a raça.

— Bem, bom para você — Raze disse, quando não tão suavemente bateu a mão sobre a ferida do lobisomem e ativou seu poder de cura. Uma energia penetrante fluía pelas marcas do braço, iluminando-as como ferro fundido. Em sua mente, ele viu os vasos, as veias e os tecidos rasgados da ferida começando a se unir. — Nem todos podem enfrentar um Sem e sobreviver. Assim... você vai me dizer seu nome? Ou você prefere que eu continue chamando você de Morda-me? Porque estou bem com isso.

— Eu sou Heath, seu demônio parasita.

— Parasita? Isso é um pouco forte. E pouco original. — Raze enviou outra onda de energia na perna de Heath, mas não para curar. Esta foi feita para doer. Heath gritou, e Raze sorriu. — Não foda com o cara que está te remendando, idiota. Eu posso facilmente matá-lo ou curá-lo, e meu chefe é bom em descartar corpos. Tenha isso em mente.

Heath inclinou-se para frente, dentes à mostra, os caninos se alongando.— Eu prefiro morrer do que deixar um demônio imundo me curar.

— Tudo bem com...

Em uma súbita explosão de fúria, o desgraçado agarrou Raze pela garganta e puxou-o para fora de seus pés. O cara era forte, mas então, os lobisomens eram conhecidos por sua força. E seu mau hálito.

O lobisomem levantou, trazendo Raze com ele, os dedos apertando a traqueia de Raze como um torno.— Um de vocês fodidos roubou minha mulher.

Não havia nada mais clichê do que um lobisomem estúpido

que prometia vingança contra uma espécie inteira porque ele havia sido humilhado.

Raze teria dito isso, mas, apenas respirar exigia esforço, falar estava fora de questão. Ele olhou para o ombro de Heath e viu Marsden se aproximando para ajudar, sua forma ampla e alta empurrando a multidão como um trator. Raze encontrou seu olhar, deu-lhe o olhar *Recua, eu tenho isso sobre controle* e, em uma onda rápida, ele puxou seu dom curativo e apertou seus dedos contra a têmpora de Heath. Instantaneamente, o poder que Raze normalmente usava para curar rasgou a pele e a carne a um nível celular.

O lobisomem gritou em agonia e deixou Raze cair no chão. Girando, Raze apertou sua mão ao redor da parte de trás do pescoço de Heath e empurrou o idiota pela parte traseira do clube em direção à porta dos fundos. Marsden seguiu atrás como uma sombra, contente em deixar Raze lidar com sua própria bagunça, mas quando Mars entrou no escritório de segurança, Raze sabia que ele estaria assistindo tudo através do sistema de vigilância de ponta.

Raze empurrou a porta e deu à câmera um sorriso quando empurrava Heath para fora. O idiota balançou desajeitadamente no momento em que entrou na chuva, e sim, o medidor de paciência de Raze estava explodindo. Com um empurrão forte, ele enviou o cara tropeçando pelas poças no beco.

— Você está banido, idiota — Raze rosnou.

— Foda-se. — Segurando a cabeça em uma mão, Heath girou e bateu o punho no maxilar de Raze.

Raze bateu a coluna na porta fechada e, caramba, isso doeu. A dor irradiava em suas costas e através de sua caixa torácica com tanta força, que até mesmo respirar doía. Relâmpago piscou quando o lobisomem voltou para ele novamente, mas Raze abaixou e girou, evitando um golpe que teria quebrado muitos ossos no rosto.

Filho da puta. Este filho da puta precisava ser abatido

como o cão raivoso que ele era. Raze nunca gostou de lobisomens, mas esse era um tipo especial de idiota estúpido e teimoso.

Com um rugido, Raze empurrou o cara, pegando-o no intestino com o ombro. Heath ofegou e tropeçou para trás, mas ele conseguiu derrubar o punho como um martelo na parte de trás do pescoço de Raze. Raze atingiu o pavimento molhado em um estalo de rótulas, os ouvidos zumbindo e os olhos embaçados. Ele pensou que ouviu um gemido agudo seguido de outro forte, e quando sua visão se clareou, ele olhou para Heath, o idiota, sua boca esmagada em uma bagunça sangrenta, cuspiendo sangue, dentes e... uma bola de gude?

Antes que o cara pudesse se recuperar da lesão que havia quebrado sua mandíbula, Raze preparou seu poder e pôs-se em pé. O trovão percorreu o ar quando ele jogou um gancho de direita que colocou o lobisomem no chão, colocando-o de bruços e imóvel no pavimento.

Ele sacudiu o seu punho, sabendo que sentiria aquele soco em seus nódulos mais tarde. Então, pelo canto do olho... movimento. Lentamente, ele moveu o corpo, e lá nas sombras, casualmente inclinando-se contra a parede de tijolos do prédio do outro lado do beco, estava o macho vestido de couro que estava olhando para ele lá dentro.

E em sua mão, saltando da palma, estava uma bola pequena e brilhante do tamanho de uma bola de gude... assim como aquela que o lobisomem cuspiu. Seja o que for, era um inferno de uma arma. Mas quando Raze encarou o estranho, cujos olhos escuros estavam brilhando com uma estranha luz prateada, os cabelos na parte de trás do pescoço levantaram-se, e ele percebeu que, por mais perigoso que o pequeno projétil brilhante era, seu dono era de longe muito mais letal.

CAPÍTULO 02



Se Slake não estivesse com tesão antes, ver o médico derrubar o lobisomem tinha lhe dado uma furiosa ereção. Seja qual for a espécie do médico, ele tinha um poder assassino naquele braço direito, e mesmo agora, suas tatuagens brilhavam, pulsando com energia residual.

Slake enrolou o liso e gelado *sinisphere* entre os dedos antes de guarda-lo no bolso e afastar-se do lado do edifício.— Bom. Você colocou aquele cara para dormir.

O médico gesticulou para o lobisomem inconsciente.— Não fui eu quem o fez cuspir os dentes.

Slake encolheu os ombros.— Tenho brinquedos divertidos.

O médico murmurou algo que soou como — Eu aposto que você tem.

Slake sorriu. Ele realmente tinha alguns ótimos brinquedos, e alguns deles não sequer eram para matar ou mutilar. — Eu sou Slake.

— Raze. — Raze inclinou-se sobre o lobisomem, permitindo uma visão tentadora de seu traseiro envolto em um dessas calças pretas de estilo BDU⁽²⁾. Slake observou enquanto ele agarrou o idiota inconsciente pelos tornozelos e o arrastou para o Harrowgate que Slake tinha usado para chegar aqui. O portão, invisível para os olhos humanos, tinha sido colocado na parede de tijolos, seu arco cintilando em convite. Raze desapareceu dentro com o lobisomem e depois saltou para trás quando o portão fechou.

— Onde você o enviou?

— Underworld General. Deixe-os lidar com o idiota.

Slake bufou. — Você é melhor do que eu. Eu o deixaria aqui para os abutres.

— Nova York não tem uma grande população de abutres. — Raze tirou algo do bolso, desembulhou-o e colocou-o em sua boca. — Mas tem um grande problema com lobisomens.

No que diz respeito a Slake, o mundo tinha um grande problema com lobisomens. Vira-latas estúpidos. Eles nem sequer se davam bem com os membros de sua própria espécie.

— Eu te entendo. Temos algo em comum.

Havia uma sutil rigidez nos ombros de Raze que durou apenas um segundo antes dele começar a se mover em direção à porta do clube.— Não sabia que estávamos procurando por merda para nos unir.

Então o jogo seria difícil de ganhar. Slake poderia jogar dessa maneira. Por um tempo, pelo menos. O médico lhe deu o suficiente para que Slake percebesse o gosto do cara pelos machos, mas se Raze fosse, de fato, o cara que Atrox disse que estava saindo com Fayle, as coisas poderiam ficar um pouco complicadas.

Ou talvez elas pudessem ser realmente simples. Transar com o cara, pegar a garota, salvar a alma.

Sua alma.

— Eu não disse nada sobre criar uma ligação. — Slake se moveu em direção a Raze. Lenta. Propositadamente. — Mas eu não me importo em conhecê-lo. Tem uma namorada?

Raze parou a dois passos da entrada.— Não.

— Namorado?

Raze balançou, seus olhos verdes escureceram.— Você não tem ideia do que sou, não é?

— Eu deveria? — Slake avançou sobre ele, desfrutando como o corpo de Raze ficou tenso e suas respirações se tornaram mais rápidas. — Você é... perigoso? Além daquela merda louca que você faz com suas tatuagens.

O canto da boca de Raze inclinou-se em um meio sorriso. — Eu só sou perigoso se você me irritar.

— E se eu sair com você?

Raze deu uma gargalhada.— Cara, o que você quer de mim?

Slake chegou perto, invadindo o espaço pessoal do outro macho. O cara poderia se manter firme ou recuar, e qualquer um dos doisalaria muito sobre ele.

A tensão encheu o espaço estreito entre eles, pulsando como um batimento cardíaco. Raze era mais alto do que o um metro e noventa de Slake por talvez uns dois centímetros, mas Slake o superava com uns bons dez quilos, e enquanto eles ficaram ali medindo um ao outro, ele teve que admirar que Raze não recuou. A maioria dos caras que ficaram de igual para igual com ele fizeram isso por arrogância machista, mas o cálculo e a inteligência piscando nos olhos de Raze disseram que ele estava se mantendo firme por uma razão diferente.

Raze estava atraído por ele.

Mas ele estava desconfiado. O que era inteligente.

— O que eu quero de você? — Slake estendeu a mão, escovou um dedo sobre a jugular de Raze, mais uma vez observando. Avaliando. E torcendo. — Eu quero lhe pagar uma bebida. Isso é pedir muito?

— Eu não bebo.

— Por que não? — O álcool era veneno para algumas espécies, enquanto em outros, não fazia nenhum efeito, não importava o quanto eles ingerissem. Qualquer outra pessoa que não bebia era apenas estranha na opinião de Slake.

A mão de Raze agarrou o pulso de Slake em um aperto que caminhou a linha entre dor e... bem, não de dor. Mas foi bom de ser tocado. Bom demais.

— O álcool não pode me deixar bêbado, mas isso me faz querer o que não posso ter.

— E o que — ele disse suavemente — seria isso?

Liberando-o com um empurrão furioso, Raze girou suavemente em direção ao clube. Oh infernos não. Slake não tinha terminado com o médico. Raze provavelmente estava

associado com fêmea que Slake estava procurando, e mesmo que ele não estivesse... bem, havia apenas algo sobre o cara que o intrigava. Além disso, Slake nunca foi de desistir facilmente. Ele já teria sido morto há muito tempo.

Com um grunhido baixo, Slake agarrou o ombro de Raze e girou-o de volta. A surpresa e a raiva refletiram na expressão do médico, e nesse momento de incredulidade assustada, Slake se aproveitou como o predador que ele era, pressionando seu corpo contra o de Raze enquanto ele juntou suas bocas.

A luxúria instantânea e escaldante atingiu Slake, trazendo as terminações nervosas a vida e chocando seu coração em um ritmo errático. Mais baixo em suas costas, a cicatriz de uma antiga facada começou a pulsar, um lembrete para nunca se render completamente, nem mesmo a um beijo sensual que poderia levar a mais. Ele precisava manter sua mente focada, clara e consciente de tudo acontecendo ao seu redor. Como a brisa fresca que sacudiu o lixo no chão e cheirava a chuva. Ou o gotejamento de água na calha a poucos metros de distância. E o som de buzinas e pneus do trânsito.

Ninguém e nada jamais se esgueirariam nele novamente.

Avidamente, ele segurou o cabelo de Raze e aumentou a pressão em sua boca. Os lábios de Raze eram firmes, inflexíveis e tinham o sabor do doce de caramelo que ele havia comido há um momento. Delícia, pensou Slake, enquanto ele varria a língua ao longo da costura da boca de Raze, pedindo-lhe para abrir. Raze teimosamente cerrou os dentes e grunhiu suavemente, mas Slake insistiu com lambidas persistentes e sensuais. Justo quando pensou ter perdido a batalha, a língua de Raze se colidiu com a dele em uma luta quente e molhada pelo domínio.

Uma mão forte segurou a parte de trás da cabeça de Slake e a outra deslizou em volta da cintura para atraí-lo ainda mais contra Raze. A pressão da ereção de Raze na dele fez Slake gemer quando uma nova onda de luxúria rolou sobre ele, embotando as bordas da vigilância que ele se orgulhava de

manter.

Merda. Era hora de colocar os freios...

— Idiota. — Raze empurrou e recuou. Ele estava respirando pesado, seus lábios inchados e brilhantes, e Slake se perguntou se ele parecia tão bêbado como Raze. — Há pelo menos uma dúzia de caras lá dentro que deixaria você acabar com eles em cima do maldito bar com uma audiência, se você quisesse. Então, por que eu?

Porque você pode ser a chave para localizar a fêmea que estou procurando. O pensamento percorreu o cérebro de Slake, mas para o seu sobressalto algo inesperado. Surpreendente.

— Porque algo sobre você me faz querer jogar a cautela ao vento, e eu nunca faço isso.

— Por que não?

Slake encolheu os ombros.— Baixar a guarda te deixa morto.

Uma sobrancelha ruiva ergueu-se, mas a cautela nos olhos de Raze nunca diminuiu.— Você deve viver uma vida perigosa.

Slake encolheu os ombros novamente. — Você sabe o que dizem. Você se sente mais vivo quando a morte está na sua porta.

— Morte, hein? — Raze riu, um som profundo e gutural que foi direto para a virilha de Slake. — Você não tem ideia.

— Sim? Então, por que você não me ensina?

— Não precisa. — Raze abriu a porta para o clube. — Você é um idiota, então não tenho dúvidas de que a morte virá para você em breve.

Com isso, Raze desapareceu, provavelmente nem mesmo percebendo o quão certo ele provavelmente estava.



Raze praticamente correu pelo clube, chegando ao posto médico em tempo recorde. Vladlena, a companheira shifter do

proprietário e uma colega de trabalho do Underworld General, tinha chegado para o seu turno, então ele lhe deu uma atualização rápida do status e saiu correndo para a parte de trás do clube e em um estreito beco que separava a Thirst dos apartamentos do outro lado. Rapidamente, ele abriu a porta de metal e subiu as escadas até o terceiro andar.

As escadas eram antigas, de madeira, e ele jurou que elas tamborilavam debaixo de cada passo. Não foi até que ele entrou em sua casa e caiu contra a porta que ele percebeu que as escadas estavam bem. Ele que estava tremendo.

Que. Merda.

Sua mente continuava reproduzindo a cena do beco em detalhes vívidos, e com cada segundo que passava, seu corpo aquecia mais, sua respiração ficava mais rápida, e seu pênis latejava mais. Ele sabia muito bem o que o excitava, mas isso... isso era diferente de qualquer coisa que ele já experimentara. Isso não era necessidade. Isso era desejo, e em um nível que ele não poderia ter compreendido até agora.

Enquanto ele respirava ofegante, ele ouviu passos suaves. Fayle. Merda. Treinando sua expressão, ele se afastou da porta, mas o olhar no rosto imutável da succubus disse que ela já sabia o que estava acontecendo.

— Você não precisa de uma liberação por mais quatro horas — ela disse. — O que significa que algum macho fez você ficar excitado.

Deuses, ela era muito possessiva. E a coisa realmente fodida sobre isso era que ela nem queria Raze. Pelo menos, não para um relacionamento. Eles estavam juntos há quase trinta anos em uma parceria simbiótica que operava com respeito mútuo e amizade, mas não havia intimidade, nem toques, nem beijos, desde o dia em que se encontraram. Não havia sentimentos românticos entre eles. Isso era bom para Raze, e era exatamente o que ele queria dela, mas às vezes a maneira como ela controlava e cobiçava as coisas que ela considerava serem dela era frustrante.

— Eu pensei que você ficaria fora o dia todo — ele disse, esperando que a luxúria residual em sua voz não fosse tão óbvia para ela como era para ele, mas isso era uma ilusão e, no fundo, ele sabia disso.

Fayle estava de pé no tapete amarelo brilhante na sala de estar, os braços cruzados sob os seios que todo homem heterossexual comia com os olhos, não importando o que ela estivesse vestindo.— Sai para comprar outra mala. Agora estou empacotando.

Raze reteve um gemido. Não isso de novo.— Fayle, não estamos nos mudando.

Uma sobranceira escura ergueu-se e a boca apertou-se em uma linha teimosa enquanto ela olhava para ele. Ele encontrou seu silêncio com uma recusa em se envolver mais, indo para a geladeira para um refrigerante. Quando ele tirou a tampa de uma garrafa de cerveja preta, ele ouviu-a amaldiçoar suavemente. Um momento depois, ela estava na frente dele na cozinha, seus dedos alcançando a braguilha de suas calças.

— Deixe-me cuidar de você.

Ele recuou.— Estou bem.

Ela bufou.— Você não está bem. Você está pálido e suando.

— Eu não atingi o ponto de não retorno. — Ele contornou-a para ir em direção à sala de estar. — Isto vai passar.

Fayle o seguiu.— Até onde você conseguiu ir com ele?

Não muito longe, e é por isso que isso irritava muito. Raze estava muito mais ligado do que deveria estar.— Longe o bastante, aparentemente.

Sabendo que ele não podia escapar dela, ele parou no limiar da sala de estar, que Fayle tinha decorado com cores brilhantes. Ela odiava tons suaves e naturais, o que significava que tudo ao redor dela parecia que uma caixa de lápis de cor explodiu.

Ela deu a volta na frente dele e empurrou a sua franja preta dos olhos.— Por que você não o trouxe aqui?

— Eu já te disse. Eu pensei que você tinha saído. — Como um demônio Seminus ele precisava de sexo ou morreria, mas ele não conseguia sair com os machos, o que significava que, se ele quisesse fazer sexo com um, ele precisava que uma fêmea estivesse presente. Fayle acolheu o desejo de Raze por machos de vez em quando, mas ela fez a vida dele um inferno durante meses e, em sua maior parte, ele renunciou ao fato de que ele não poderia ter o que queria. Que nunca poderia ter um relacionamento com um macho, mesmo para sexo casual.

— Bem, agora estou de volta. — Ela gesticulou para o quarto dela. — Talvez você possa me ajudar a arrumar minhas coisas, e então podemos arrumar as suas.

Suspirando, Raze afundou no sofá e jogou os pés na mesa de café.— Estou cansado de me mudar, Fayle. Eu finalmente tenho um emprego que eu gosto. Amigos. Uma vida. Eu estou feliz.

Bem, na maior parte. Havia um buraco dentro dele que ele não conseguia preencher com o trabalho. Ou amigos. Ou sexo. E toda vez que ele sentia vislumbre de atração por um macho, o buraco ficava maior. Mesmo agora, depois daqueles poucos minutos com Slake, era como se o buraco tivesse se tornado um poço sem fundo, ampliando e ecoando sua solidão.

Fayle fez um som longo impaciência.— Você sabe que minha espécie é nômade. Estou ficando louca. Já estamos aqui há mais de um ano do que queria. Nós precisamos ir. Estava pensando... Tóquio. Ou Manila. Nunca moramos em Manila. Eu ouço que há uma boa cena de sexo acontecendo lá.

Como uma succubus que se alimentava da energia sexual daqueles envolvidos nas proximidades, Fayle gostava de áreas densamente povoadas. Naturalmente, Raze preferia exatamente o oposto.

— Eu disse não.

Uma rajada de raiva o atingiu em uma onda psíquica que fez seu cérebro doer. Fayle nunca aprendeu a controlar suas explosões emocionais.— Talvez eu vá sem você.

Ela já havia feito essa ameaça, muitas vezes, na verdade. Eventualmente, sua gratidão pelo fato de que ela salvou sua vida ajudando-o através de sua transição sexual venceu e ele sempre cedeu, apesar de ter certeza de que ela não estava falando sério. Desta vez, porém, a raiva que acompanhava suas palavras era diferente. Mais intensa. Talvez ela não estivesse blefando.

E talvez ele também não estivesse.

Ele pegou o controle remoto e ligou a TV. Ooh, talvez o Dr. Phil pudesse ajudar. Dez segundos depois, ele percebeu que o Dr. Phil só poderia ajudar se o problema de Raze fosse uma sogra controladora e uma criança viciada em drogas.

— Bem? — Fayle bateu o pé no chão de concreto. — Eu tenho que ir sozinha?

— Faça o que você tem que fazer.

Ela se moveu para ficar na frente da TV, bloqueando o Dr. Phil e o convidado com o estúpido filho viciado em heroína.

— Como você se atreve? — Ela retrucou. — Depois que eu salvei a sua vida? Depois que eu passei os últimos trinta anos te dando o que você precisa para se manter vivo?

— Sou grato, Fayle. — Ao encontrar seu olhar, ele se inclinou para frente, esperando que ela acreditasse em sua sinceridade. — Você sabe disso. — Ele falou isso apenas um monte de vezes. — Mas eu posso fazer sexo com outras fêmeas. Nunca a obriguei a ficar comigo.

Ele tinha que admitir, porém, que ter uma parceira permanente tornou sua vida muito mais fácil. A maioria dos demônios Seminus não acasalados tinha que arrumar uma parceira a cada poucas horas. Fayle tinha se colocado à disposição de Raze a qualquer momento que ele precisasse dela desde que ele tinha vinte anos e o tinha ajudado em seu primeiro estágio de maturação, quando ele poderia ter morrido sem ela.

— Você é um bastardo — ela disse. — Eu não acredito que você seja grato.

Ele soprou uma respiração longa e frustrada. Eles tinham essa discussão com mais frequência do que qualquer outra. Se ele não lhe dissesse constantemente que ele estava grato por tudo o que ela tinha feito, ela se lançava em terríveis ataques de raiva.

— Agradeço todos os dias — ele disse.

— Palavras. — Ela balançou a mão em rejeição. — Eu quero ação. Venha comigo.

— Veja, esse é o problema. — Ele olhou para o chão entre suas pernas abertas e balançou a cabeça. — Eu ficaria mais que feliz em mudar, mas não é isso que você deseja. Você quer que eu abandone meus empregos também.

— Para evitar que alguém nos rastreie. Você sabe o quanto estou arriscando estar com você.

Ele ergueu o olhar bruscamente, incapaz de acreditar que ela tinha acabado de dizer isso. — Na verdade, não, eu não sei. Toda vez que pergunto, você se fecha ou muda de assunto. Então que tal, depois de trinta fodidos anos juntos, você diz o que acontecerá se o seu povo a encontrar?

Seu queixo ergueu e a teimosia regressou.— É privado.

Em pé, ele bateu a garrafa de cerveja na mesa de café, espirrando líquido sobre a superfície brilhante.— Tudo é privado com você. Não conheço nada sobre sua espécie. Não conheço nada da sua família ou da sua vida antes de nos juntarmos. Então, talvez já está na hora de você parar esperar que eu me submeta toda vez que você mandar, só porque você *salvou minha vida*.

Fúria transformou seu rosto em vermelho. — Você... você...

— Sim, sim, sou um bastardo. Um bastardo que te apoiou financeira e emocionalmente nas últimas três décadas. Eu mesmo faço toda a comida. Você anda por aí sugando energia sexual das pessoas, e às vezes você pega algumas coisas na mercearia. Então pare de agir como se eu te negasse qualquer coisa.

Os músculos de sua mandíbula saltaram com raiva

enquanto pousava seus molares.— Eu salvei sua vida mais de uma vez — ela mordeu. — Você sempre parece esquecer isso. E eu te mantenho vivo todos os dias. — Ela lançou um olhar aguçado à sua virilha e depois lhe lançou um sorriso perverso que fez suas bolas se encolherem. — Mas esta noite, acho que vou deixar você se lembrar do quanto você precisa de mim.

Com isso, ela entrou no quarto dela. Seu pênis latejava, como se soubesse o que acabava de acontecer. Ele precisaria de sexo em cerca de quatro horas ou a dor começaria. O que significava que Fayle esperaria para procura-lo até que ele estivesse desesperado o suficiente para implorar.

Claro, ele poderia encontrar uma outra fêmea com bastante rapidez. A Thirst estava cheia de demônios, vampiros e humanos excitados que responderiam aos feromônios que seu corpo estaria jogando como uma droga. Mas não queria foder fêmeas estranhas. Inferno, ele nem queria Fayle, mas pelo menos com ela, não havia pretensões, nenhuma sedução desordenada, nenhuma conversa pós-sexo embaraçosa.

Infelizmente, o que ele queria era algo que ele não poderia ter.

E por algum motivo, o rosto de Slake apareceu na sua cabeça, o garoto propaganda para “Eu não posso ter”.

Seu pênis latejou novamente.

O filho da puta.

CAPÍTULO 03



O escritório do Big Boss no Dire & Dyre Hong Kong era, para o olho destreinado, luxuoso, extravagante e elegante. Slake duvidava que uma única partícula de poeira se atrevesse a se instalar em qualquer uma das superfícies polidas.

Mas para aqueles que sabiam melhor, o escritório era uma masmorra sinistra cheia de armadilhas letais e relíquias enfeitadas que podiam derreter os globos oculares, hipnotizar os desavisados ou ferver o sangue de uma pessoa em suas veias.

Aquele vaso Ming na estante de livros do outro lado de onde Slake estava sentado? Claro, era inestimável, mas também continha as cinzas de um Apóstolo da Morte que, se aspergidas na chama da vela preta ao lado dele, drenaria cem anos da vida do demônio mais próximo.

A pintura do anjo querubim bebê com o doce sorriso na parede atrás do Big Boss? Sim, com um comando sussurrado, os olhos do anjo se iluminariam com calor que vaporizava a pele da sua vítima .

Slake sempre ficava bastante desconfortável na sala.

Não, é claro, que ele mostrasse qualquer sinal de estar nervoso. Não. Na verdade, ele fez questão de casualmente descansar na desconfortável cadeira de madeira em frente ao Big Boss. Frank Dire, como os humanos o chamavam, só que os humanos que não tinham ideia do fato de que ele era ter'taceo, um demônio em um traje humano. Para o seu círculo íntimo, ele era Dyre, e era tão perverso quanto qualquer um que Slake conhecesse.

Ele era, sozinho, Dire & Dyre. Ele era Dire e Dyre, e quando os clientes humanos exigiam reuniões com ambos os “parceiros”, ele tinha a capacidade de se replicar por curtos períodos de tempo, mas apenas depois de sacrificar um inocente. O cara era um cinco definitivo na escala do mal de Ufelskala.

— Então. — Do outro lado da mesa de mogno polida do tamanho de uma mesa de sinuca, Dyre olhou para Slake, suas íris escuras rodeadas por um escarlate incandescente. O interior do demônio tinha saído para brincar hoje. Não era um bom sinal. — Você não completou sua tarefa.

— Eu estou perto. — Slake recuou ainda mais na cadeira e cruzou os seus pés com botas nos tornozelos, a própria imagem de *está tudo bem*. — Eu a rastreei até um clube de vampiros em Nova York. Ela foi vista na companhia de um certo macho.

A expressão neutra no rosto enganadoramente atraente de Dyre não mudou.— Sua espécie é parasitária. Ela se ligou a esse macho?

— Não está claro. Mas estou trabalhando para descobrir. — Se ela tivesse, era possível que Raze sentisse se ela estava com problemas. E um sequestro provavelmente contava como um problema.

Dyre pegou uma caneta dourada e começou a girá-la entre os dedos. Slake ficou tenso. O cara era mais perigoso quando ele parecia mais casual.— O cliente tem sido muito paciente.

Slake lançou um olhar sobre a pintura do anjo. Sem olhos derretidos. Por enquanto, tudo bem.— O cliente não forneceu muito para continuar.

— Você nunca precisou de muito para continuar — respondeu Dyre. — Você é um dos melhores caçadores de Dire & Dyre. Então, por que demora tanto para rastrear uma succubus parasita?

Deuses, ele estava impaciente.— Faz apenas um mês.

— Você tem uma semana para completar sua tarefa.

Slake disparou da cadeira.— Uma... semana? Isso é besteira! Eu deveria ter até o final do próximo mês.

— Os clientes anteciparam o cronograma.

Filho da puta.— Por quê?

— Isso é problema deles.

— Sim, bem, minha alma é meu problema, e isso é afetado por este novo prazo.

Os lábios de Dyre se separaram para revelar seus dentes brancos brilhantes e suas presas enormes.— Sua alma também é da minha conta.

Como se Slake precisasse do lembrete de que Dire & Dyre não existia apenas para ganhar muito dinheiro. Ele também existia para colecionar almas e Slake se tornaria um dos ativos do escritório de advocacia se ele não trouxesse Fayle antes do prazo.

Slake rangeu seus molares tão forte que sua mandíbula doeu.— Sim senhor.

Dyre sorriu.— Bom. Agora que estamos de acordo, complete a sua tarefa.

Isso tinha sido fácil demais, e com tanta coisa em jogo, Slake não podia deixar passar uma oportunidade de cavar um pouco mais fundo.— Eu acho — Slake disse — que você quer que eu falhe, uma vez que meu fracasso significaria que minha alma fica com você após minha morte.

Dyre encolheu os ombros.— De qualquer forma, eu ganho. Ou os clientes me pagam milhões, ou eu consigo sua alma. Pouco importa para mim, exceto que os clientes sempre foram bons, e eu gostaria de mantê-los.

No que diz respeito a Slake, os clientes podiam se foder. Quem quer que eles fossem. Com um *foda-se* em sua mente, ele escapou do escritório e atingiu o Harrowgate mais próximo, um antigo que estava localizado atrás de uma loja de peixes fedorenta. Antes de entrar, ele enviou uma mensagem de texto para Atrox.

Descubra tudo o que puder sobre um demônio chamado

Raze. Médico no Thirst. Quero saber sobre cada respiração que ele tomou desde o dia em que nasceu.

Slake esperou, imaginando Atrox desajeitadamente apertando o teclado do seu telefone até que ele finalmente voltou, *Isso é pessoal ou negócios?*

Apenas faça isso.

Pessoal, então. Peguei você.

Slake amaldiçoou enquanto ele digitou. *Apenas faça isso, imbecil.*

:-) Eu também te amo, amigo.

Balançando a cabeça, Slake enfiou o telefone no bolso e entrou no Harrowgate. Instantaneamente, as paredes pretas iluminam-se com símbolos para Sheoul, Terra e o Underworld General Hospital. Ele tocou o símbolo da Terra, e um mapa de todo o globo cobriu o interior do espaço do tamanho do armário. Ele passou um dedo sobre o continente brilhante da Europa, depois a Alemanha, depois a Baviera e, finalmente, o Harrowgate mais próximo da sua casa nos Alpes.

O portão se abriu e, quando ele entrou na floresta escura, ele suspirou com alívio. Não importava o quão ruim foi o seu dia, sempre se sentia bem em voltar aqui, para o lugar que ninguém, nem mesmo Atrox, conhecia. Este era o seu santuário.

Mas enquanto ele atravessava as árvores para o chalé no alto de um penhasco, ele se perguntou por quanto tempo mais continuaria sendo um lugar de segurança. Porque se Dyre reivindicasse sua alma, não haveria lugar na Terra ou em Sheoul onde ele pudesse se esconder.



Raze deveria estar na cama. Ele deveria estar dormindo profundamente e descansando para seu turno no Underworld General pela manhã.

Em vez disso, ele estava sentado no bar do Thirst, deixando a cacofonia da vida noturna afogar os pensamentos em sua cabeça.

Sete horas depois, Fayle ainda estava em modo de retaliação, e desta vez, ela estava esticando até o limite. Ele precisava tanto de sexo que as punhaladas de dor começavam a parecer pequenas adagas em sua virilha. Daqui a uma hora, a dor o transformaria em um monstro irracional que atacaria qualquer mulher perto dele, e se ele ainda não fizesse sexo, em uma hora ele morreria. Mesmo agora, as fêmeas estavam sentindo os efeitos de seus feromônios de foda-me, esfregando-se contra ele e se tocando, provavelmente sem sequer perceber o que estavam fazendo.

Seria tão fácil sair com qualquer uma dessas fêmeas, mas enquanto o seu pau dizia sim, sua mente não podia até que se tornasse muito enevoada com dor e necessidade. E não era nem mesmo por causa de seu acordo com Fayle. Era porque ele não suportava como isso o fazia se sentir ao fazer sexo com alguém que ele não queria, simplesmente porque a biologia o forçava a fazê-lo. Talvez isso o fizesse um idiota, mas ele queria controle sobre sua mente e seu corpo.

Quando um golpe particularmente severo de dor o fez aspirar o ar, passou por sua cabeça que talvez resistir até que Fayle finalmente chegasse até ele, ao invés de ir até ela e suplicar, era a sua maneira de punir seu corpo por fazê-lo precisar do que ele não queria.

Uma vampira loira e provocante se aproximou, seus quadris se movendo a cada passo, seus dedos se arrastando para cima e para baixo entre os seios grandes que pareciam desesperados para escapar do espartilho preto e apertado que os prendia.

O pênis de Raze se forçou ainda mais contra a costura de seu jeans, mas foi uma resposta baseada na necessidade que ele odiava tanto, não no desejo. Não, o vampiro que sugava um homem perto do posto médico era muito mais o tipo de Raze.

Como era Slake.

Com um rosnado, Raze pegou sua água gelada, tentando a despejá-la na virilha. Talvez um banho gelado detivesse a febre começando a se espalhar da sua virilha.

A vampira estava mais próxima agora, seus lábios se separaram para revelar duas presas estendidas. De repente, seu campo de visão se encheu com uma morena curvilínea que o fez suspirar com alívio.

— Ei, meu doce bebê — Lexi ronronou, com seu sotaque irlandês grosso cortando os outros sons. — Precisa de um salvamento?

Ele sorriu. Como todos os funcionários do clube, ela sabia que ele era exclusivo com Fayle. Mas, ao contrário de todos os outros, ela sabia o verdadeiro negócio. A shifter leão viu o que os outros não fizeram, e dentro de alguns meses trabalhando no Thirst, ela começou a provoca-lo brincando, apontando os caras especialmente gostosos quando eles entravam. Ele deveria ter ficado irritado, ele supôs, mas isso tinha sido um alívio para ele, ter alguém além de Fayle para conversar.

Fayle não sentia o mesmo.

— Você é incrível — ele disse, abraçando-a e tendo uma satisfação cruel na forma como a vampira recuou. Ele gostava de Lexi, gostava que sua personalidade borbulhante escondesse um QI de gênio que ela exercia como uma arma, desencadeando-o de vez em quando para bater em idiotas arrogantes. Observá-la servir um bando de imbecis bêbados que achavam que ela era apenas um rosto bonito e tolo, era uma forma de entretenimento. — Se eu gostasse de fêmeas... e shifters de leão...

Rindo, Lexi o beijou na bochecha.— Meu traseiro. Se um dos meus irmãos entrasse aqui agora, você gozaria em você mesmo, shifter de leão ou não.

— Se eu pudesse fazer isso, eu não precisaria de Fayle. — Ele resmungou. — O que seria uma bênção agora.

Lexi franziu o cenho para ele.— Qual é a idiotice dela desta

vez?

Não ele, com certeza. Fayle não gostava de ser tocada. Ou beijada. Não gostava de seu corpo contaminado com suor, saliva e sêmen. Apenas em ocasiões muito raras, ela lhe permitiu mais que um boquete profissional. Deuses, o que ele não daria para que alguém o tocasse. Abraçá-lo. Beijá-lo como se ele fosse a única pessoa no mundo.

Da maneira que Slake tinha feito há apenas algumas horas.

— Nada — ele murmurou.

— Eu duvido seriamente disso — disse Lexi, gesticulando para seu colega de bar. — Ela está segurando você sobre esse *nada*, não é? — O barman entregou a Lexi uma garrafa de tequila e um copo. Ela derramou uma dose enquanto falava. — Você precisa chutar essa idiota controladora para a sarjeta.

— Ela não faz isso com frequência, Lex.

Lexi bebeu a tequila e despejou outra. Ela estava de plantão, mas a gerência não se importava se os funcionários bebessem, desde que pudessem manter sua merda junto. Lexi podia beber toda a garrafa e ainda ganhar competições de bartenders.

— Não ceda a ela dessa vez. — Lexi deixou cair a mão na coxa dele. — Deixe-me cuidar de você.

Ela oferecia de vez em quando, e ele estava tentado a aceitar. Lexi podia manter o sexo e o amor separados, e sabia que ela seria mais do que um robô na cama. Mas Fayle não aceitaria bem, e ele não colocaria Lexi em sua mira.

— Eu não posso — ele disse grosseiramente, sua necessidade crescendo quase fora de controle agora. A mão de Lexi que apertava sua ereção não estava ajudando. Nem era o fato de que o rosto de Slake continuasse aparecendo em sua cabeça, como se fosse o macho massageando seu pênis em vez de Lexi. — Fayle...

Ela o segurou, e ele sibilou tanto do prazer ao seu toque, e da dor na necessidade de gozar. O suor explodiu por todo o

corpo, e sua mente ficou nebulosa quando o instinto começou a anular seus pensamentos racionais.

— Fayle vai superar isso — disse Lexi.

Ele balançou a cabeça ao mesmo tempo em que ele se arqueou na mão de Lexi, e, ao fazê-lo, ele conseguiu um vislumbre de uma cabeça de cabelo preto e sedoso que chicoteava enquanto a fêmea a que pertencia irrompeu pela saída traseira.

Fayle.

Amaldiçoando, tirou a mão de Lexi e ficou de pé.— Ela pode superar isso, mas eu sou o único que tem que viver com ela até que ela faça isso.

— Boa sorte — gritou Lexi enquanto ele se dirigia pela multidão, mas ele mal a ouviu sobre a pressão de sangue batendo em seus ouvidos. Seu corpo tinha controle agora, e levou cada célula do cérebro que ele tinha para manter o impulso até o apartamento em vez de agarrar a fêmea mais próxima e jogá-la diretamente contra a parede.

A única coisa que o mantinha agora era o pensamento de que, quando ele chegasse a sua casa, ele ficaria tão longe com a luxúria que ele controlaria a batalha das vontades que sempre acontecia entre ele e Fayle.

Ela estava pronta para ele quando ele explodiu no apartamento, estando nua no meio da sala, suas roupas estavam dobradas perfeitamente sobre a parte de trás do sofá. Um estranho veria o desafio em sua postura de pernas largas e ombros enquadrados, mas isso era tudo só de fachada.

Ela cheirava a medo.

O incubus dentro dele preferiria sentir cheiro de excitação, mas, em última instância, ele era um demônio que tinha sido conduzido até os limites de seu autocontrole, e o aroma de seu medo fazia seu sangue cantar e seu pau latejar. Ele não a machucaria, mas ele também não a pouparia. E ele com certeza não a deixaria impor restrições, porra. Ela odiava e temia não estar mais controle de qualquer coisa, mas ela o empurrara

para longe, e ela sabia disso.

Quando a levou bruscamente para o chão duro e pousou a boca sobre a dela, ela não protestou.

Nem quando murmurou o nome de Slake contra seus lábios.

CAPÍTULO 04



Slake tinha sonhado com Raze durante toda a noite. Então pensou sobre ele durante toda a manhã, enquanto ele se preparava para o dia. Agora era no início da tarde, e ele ainda estava pensando nele.

Isso irritou-o. Ele nunca deixou que seus amantes ocupassem um espaço importante na sua cabeça, e muito menos sonhava com seus amantes... ou potenciais amantes. Não desde Gunther. Não desde que Slake tinha sido uma pessoa diferente. Muito diferente.

Grunhido para si mesmo, ele afastou o pensamento em seu ex vampiro, mas se manteve centrado em Raze, e enquanto acariciava o comprimento sua da corda encantada no bolso do seu casaco, um dos poucos objetos que poderiam imobilizar um demônio da espécie de Fayle. Sem isso, ela poderia hipnotizá-lo ou, se os rumores fossem precisos, ela poderia se transformar em um tipo de fera dragão e engoli-lo inteiro.

Não é legal.

O Harrowgate que ele entrara há um momento abriu, e ele entrou no agitado departamento de emergência no Underworld General Hospital. Ele nunca esteve aqui antes, mas, como todos os outros que não viviam debaixo de uma pedra, ele tinha ouvido falar sobre isso. Um hospital administrado por demônios, vampiros e lobisomens que existia sob as ruas de Manhattan, bem debaixo dos narizes humanos, era uma espécie de grande negócio na comunidade do submundo, mesmo que uma grande porcentagem pensasse que era uma ideia estúpida.

Pessoalmente, Slake achava que ele e a clínica com sede em Londres eram uma boa ideia, e nem tanto pelo aspecto médico. O hospital e a clínica forneciam empregos e educação, para não mencionar o santuário, dentro de suas paredes que não permitiam violência. O que não queria dizer que os funcionários da UGH e UGC eram um grupo de santos. Aparentemente, os medicamentos para dor eram opcionais para pacientes que eram idiotas, e o conceito de boas maneiras à cabeceira³ era uma noção totalmente humana.

Tanto faz. Slake não planejava nunca ser um paciente. Além disso, havia apenas um tipo de boas maneiras à cabeceira que funcionava para ele, e com certeza não incluía agulhas ou suturas ou antissépticos.

Apesar... ele não se importaria se as “boas maneiras à cabeceira” envolvessem um certo médico.

Sobre certo médico, ele fez uma rápida varredura do departamento de emergência. Na recepção, um vampiro estava discutindo com um demônio rechonchudo e parecido com um rato em um uniforme, e do outro lado da sala sob as fileiras de luzes enjauladas, vários pacientes de diferentes espécies esperavam sua vez de consultar um médico. E lá, em um dos cubículos de exame, sua mão com luvas apoiada no abdômen distendido de um paciente, estava Raze. Enquanto Slake observava, os glifos no braço de Raze começaram a brilhar, e a paciente do sexo feminino gritou antes de suspirar e relaxar.

Raze disse algo que a fez sorrir fracamente. Ele sorriu de volta e pegou sua mão na dele com uma ternura que deixou Slake admirado. No mundo de Slake, não havia espaço para a bondade. Ele não mostrou nenhuma e não recebeu nenhuma. Às vezes, ele não acreditava que existisse.

Mas Raze não estava apenas fazendo um trabalho por um salário. Claramente, ele gostava de ajudar os outros. E tão claramente, pensou Slake rudemente, Raze nunca esteve no mundo real. Qualquer um que tivesse visto tanto quanto Slake, perderia o sentimento de empatia.

Raze remexeu um mostrador em uma máquina ao lado da cama da fêmea e depois tirou as luvas quando ele saiu do cubículo. Acenou para alguém no corredor, mas no momento em que viu Slake, ele parou bruscamente.

— Que merda você está fazendo aqui? — Ele rosnou. Rabugento.

— Um segurança no Thirst me disse que você estava trabalhando aqui hoje, — disse Slake, deixando a parte em que ele teve que ameaçar o segurança com a perda de órgãos vitais se ele não cooperasse. Suas ameaças provavelmente o baniram do Thirst, mas que assim fosse. Elas funcionaram. — Você tem dois empregos?

Raze encolheu os ombros, um ombro poderoso marcado sob o uniforme verde bordado com o símbolo do caduceus do Underworld General, uma lâmina com asas de morcego estilizadas circundadas por duas serpentes.— Comecei aqui um tempo atrás, mas trabalho meio período no Thirst. Alguns de nós fazem as duas coisas.

Um deslumbrante demônio de cabelos escuros com marcas no braço semelhantes às de Raze saiu do Harrowgate, o nome *Eidolon* costurado em seu jaleco branco. Quase simultaneamente, outro demônio incrivelmente bonito com tatuagem correspondente veio através das portas deslizantes que pareciam levar a um estacionamento subterrâneo. Embora o homem mais novo usasse jeans e uma camiseta preta de Star Wars, ele atravessou o lugar como se ele o possuísse, assobiando a música “*Ghost Riders in the Sky*” de Johnny Cash, seus cabelos loiros no ombro escovando os glifos na sua garganta enquanto caminhava.

— Porra, há muitos de vocês aqui — disse Slake, incapaz de esconder a apreciação em sua voz. — O que suscita a pergunta... o que você é?

O loiro recém-chegado parou, sorriu o suficiente para revelar presas, e deu um tapa nas costas de Raze.

— Nós somos Sems.

— O que?

— Demônios Seminus — ele disse. — Incubi. Nós somos incríveis.

Raze se afastou para jogar suas luvas no lixo.— Obrigado, Wraith — ele disse sem rodeios. — Você é sempre tão útil.

Slake olhou entre Wraith e Raze.

— Vocês são demônios sexuais? — A razão para bela aparência de modelo deles de repente fazia muito sentido, e a atração intensa de Slake para Raze também o fazia.

— Sim. Legal, hein? — Wraith gesticulou para o demônio Seminus com o cabelo curto e escuro. — Esse é o meu irmão. Raze está relacionado a nós em algum lugar abaixo do braço.

Slake piscou.— Em algum lugar abaixo do... braço?

— Realmente não é importante — murmurou Raze, mas Wraith o empurrou para fora do caminho e gesticulou para a tatuagem manga que começava em sua mão direita e se estendia até o pescoço, como o de Raze.

— É chamado de *dermoire*. Os *glifos* são uma história paterna, e cada um de nós tem o nosso próprio símbolo. — Wraith tocou o símbolo da ampulheta logo abaixo da sua mandíbula na parte superior de seu *dermoire*. — Este é o meu. Esse abaixo é do meu pai. Esse abaixo é o do meu avô. Continua. Veja, esse glifo de crânio pertence ao meu tataravô, que por acaso é o tataravô de Raze.

Slake observou os dois anéis tribais trançados ao redor do pescoço de Wraith.— Por que você tem um glifo ao redor do pescoço, mas Raze não?

Wraith sorriu.— Significa que estou acasalado.

— Então, existem fêmeas de sua espécie?

— Não. Reproduzimos com as fêmeas de outras espécies, mas nossa prole é sempre de machos Seminus de raça pura.

Hã. Slake olhou para Raze, que parecia extremamente absorto na abertura de uma caixa de máscaras cirúrgicas. Por esse ângulo, Slake não conseguiu ver o símbolo pessoal de Raze, mas agora ele queria saber o que era.

— E vocês são demônios sexuais — ele pensou. Que interessante. Ele nunca tinha ouvido falar de demônios sexuais que gostassem do mesmo gênero, mas ele sabia muito bem que ele não tinha lido os sinais de Raze errado. Ele certamente não tinha lido o beijo errado. — Assim... vocês também fodem machos?

— Cara. — Wraith se encolheu. — Porra, não. Apenas mulheres.

— Realmente. — Slake olhou de novo para Raze, cujo rosto estava em uma tonalidade de vermelho interessante. — Sem exceções?

O Harrowgate piscou-se abriu, e Wraith acenou para a fêmea vestindo um jaleco com o nome *Gem* bordado no bolso do peito em grandes redemoinhos multicoloridos, os cabelos pretos com mechas azuis e penteado em tranças gêmeas.

— Outros machos podem participar, mas...

— Slake, posso falar com você? — Raze disse entre os dentes cerrados. — Lado de fora?

— Ok — disse Wraith. — Eu preciso alcançar Eidolon antes que ele fique ocupado ajudando as pessoas e a porcaria. Até mais tarde.

No momento em que Wraith se afastou, Raze agarrou Slake, e a próxima coisa que sabia, ele estava sendo arrastado para o estacionamento. O manejo era algo pelo qual ele normalmente espancava alguém, mas quando Raze o jogou contra uma coluna de concreto e pegou seu rosto, tudo o que ele queria fazer era beijar o cara. Continuar o que eles começaram no beco atrás do Thirst.

— Sem mais perguntas — Raze rosnou, o som baixo e ofegante retumbando em todas as zonas erógenas de Slake.

Então surgiu a percepção.— Seus amigos não sabem, não é? Eles não têm ideia de você ficar com machos.

As manchas douradas, como a luz do sol brilhando em um lago de esmeralda, cintilaram nos olhos de Raze.— O que diabos eu acabei de dizer?

Em um movimento rápido, Slake agarrou os ombros de Raze e girou-o para que a coluna de Raze ficasse pressionada no poste. Antes que o Incubus pudesse se recuperar, Slake cobriu sua boca com a dele. Raze congelou, seu corpo tenso, os dentes cerrados atrás dos lábios tão frios e inflexíveis como a coluna. Slake manteve a pressão por alguns segundos, deixando claro que ele não desistia facilmente.

Ponto feito, ele colocou a boca na orelha de Raze e sussurrou: — Foi por isso que você interrompeu a noite passada? Precisamente quando as coisas estavam ficando boas? — Não importava que Slake estivesse prestes a fazer o mesmo. — Porque você não quer que ninguém saiba que você fica com caras?

— É um pouco mais complicado do que isso. — Raze tentou afastar Slake, mas ele o segurou, afastando apenas o suficiente para olhar o cara nos olhos. — Na verdade, muito mais complicado.

Slake entendeu isso, já que ele não era exatamente um exemplo típico e brilhante de sua própria espécie.— Conte-me.

Raze bufou.— Você vai compartilhar seu trauma primeiro? Eu não penso assim. Então, afaste-se, idiota.

Deuses, esse cara era sexy quando ficava chateado. Slake nunca foi de sexo com raiva, mas algo sobre Raze fez com que ele quisesse arrancar as roupas deles e fazer uso do capô daquele BMW novo atrás deles.

Ele estava prestes a dizer isso quando as portas deslizantes do hospital se abriram e dois paramédicos correram, indo para uma das duas ambulâncias negras estacionadas nas proximidades. Um deles, um cara loiro com estranhos olhos prateados, gritou para Raze.

— É o Thirst — ele gritou. — Algum tipo de explosão.

O coração de Slake deslizou para uma parada em pânico no peito. Se Fayle estivesse ferida ou morta, ele estava com um monte de problemas. O som abafado de um telefone tocou, o que acelerou seu coração novamente, e então Raze tinha seu

celular na orelha.

— Sim, merda, estarei lá. — Ele guardou o telefone e afastou-se de Slake. — Eu tenho que ir.

— Eu estou indo com você.

— Tanto faz — Raze disse. — Mas entre no meu caminho e eu mandarei você de volta para cá - na parte de trás daquela ambulância.

Slake quase riu. Quase. Porque se Fayle estivesse morta, estar na parte de trás de uma ambulância seria muito melhor do que qualquer punição que Dyre pudesse inventar.



Raze sempre se orgulhava de sua capacidade de permanecer calmo durante uma crise. Colocar o medo em segundo plano quando as coisas estavam loucas. Mas, enquanto ele pulava do Harrowgate ao lado do Thirst com Slake em seus calcanhares, o terror passou por ele. As imagens de seus pais, dilacerados por demônios, brilharam na sua cabeça e ele sabia que veria o mesmo tipo de trauma nas vítimas do atentado a bomba. Vítimas que eram seus amigos. Marsden, Lexi, Vladlena... Fayle.

Oh deuses, não.

O cheiro acre da morte o fez engasgar quando ele pisou em pedaços de detritos irregulares, sua palma suando na alça da bolsa médica que ele pegou do UGH.

O caos governava a cena, o caos e os tijolos carbonizados e o metal torcido e manchado. Sirenes e gritos rasgavam o ar, que estava cheio de fumaça preta e fuligens que lhe ardia os olhos e as narinas. Os atendentes das emergências da cidade de Nova York correram para tratar os humanos que haviam sido apanhados na explosão que havia destruído tanto o Thirst, quanto o clube estritamente humano que servia de fachada.

Nate, no entanto, não era estúpido, e ele já havia acionado

os místicos que ele mantinha na equipe para alterar as memórias humanas quando necessário. A última coisa que alguém queria era que um paramédico ou um policial se deparando com demônios feridos ou descobrindo um clube de vampiros em seu próprio quintal humano.

— Maldição. — A voz suave de Slake veio do lado direito de Raze, mas de alguma forma parecia distante, como se não houvesse lugar para nada, exceto gritos.

— Venha — ele latiu, correndo para a porta lateral do Thirst.

A alguns metros de distância, um dos místicos, Jen, estava fazendo aquela coisa, *Estes não são os dróides que você está procurando*⁽⁴⁾, para um bombeiro que estava indo em direção à mesma porta, agora visível para os seres humanos, graças a uma falha no feitiço de ocultação que manteve o lugar escondido dos olhos humanos.

Dentro estava... merda. A fumaça entupia o ar e a fuligem cobria o mobiliário destruído, as paredes e todos os pedaços de vidro quebrado cobriam o chão ao lado dos corpos dos mortos e feridos.

Gemidos e gritos por ajuda estimularam Raze a entrar em ação. Com o coração acelerado, ele procurou freneticamente as vítimas, esperando que seus amigos não estivessem entre eles. Esperando que Fayle não estivesse entre eles. Ela geralmente evitava o clube, preferindo coletar a energia sexual que ela precisava para sobreviver de fontes mais silenciosas. Mas de vez em quando, se ela precisasse de um alívio rápido, o clube oferecia as vibrações sexuais em abundância.

Quando ele se ajoelhou ao lado de um demônio cabra e pressionou a palma da mão contra uma ferida na perna peluda do macho, ele ouviu uma voz feminina chamar seu nome, e ele deu um suspiro de alívio mental.

— Raze. — Fayle estava perto do posto médico destruído, com o rosto pálido, mas de outra forma ilesa. — Eu estava no apartamento quando ouvi a explosão. O que eu posso fazer?

Ela era inútil em torno de sangue, desmaiando ao ver algo mais do que um corte de papel, mas foi legal da parte dela oferecer. — Volte para o apartamento e espere por mim. Estarei lá assim que puder.

— E quanto a mim? — Slake gritou de onde ele estava agachado sobre uma das garçonetes, Ava, enquanto ela descansava contra uma parede, seu braço mutilado seguro protetoramente contra seu peito. — O que você precisa que eu faça?

Raze observou Slake, o vulto de armas debaixo de sua jaqueta, e se perguntou o que o cara fazia para viver. De alguma forma, Raze suspeitava que Slake era mais provável de ser a pessoa que causava lesões do que as cuidava.

— Leve Ava para a Underworld General Clinic. Todos os feridos que podem caminhar precisam ir para lá. Vamos deixar o hospital lidar com os pacientes críticos. — Ele aumentou a pressão sobre a ferida do paciente enquanto usava a outra mão para fazer um gesto para a bolsa de primeiros socorros. — E pegue algumas etiquetas de triagem pretas para sinalizar qualquer DRT que você encontrar.

— DRT?

Certo. Slake não entenderia a gíria médica.

— *Dead Right There*⁽⁵⁾. Falecido — ele esclareceu. — Marque-os quando você se deparar com eles. Isso economizará o tempo do pessoal médico. — E daria a Slake algo útil para fazer enquanto ele procurava por feridos que podiam caminhar para acompanhar até clínica.

Slake entrou em ação enquanto Raze se voltou para o paciente. — Ei, amigo — ele disse em sua voz médica mais calma. — Qual o seu nome?

— B-Blead.

— Como sangrar⁽⁶⁾ em inglês — Raze disse, mantendo seu tom leve. O cara ia ficar bem, mas sem Raze, ele teria uma hemorragia. — O que você está fazendo agora.

— Engraçado... cara — Blead ofegou, seu focinho de cabra

enrugado quando uma onda de dor o invadiu.

Rapidamente, Raze envolveu seu poder de cura para reduzir o sangramento do cara. A energia atravessava seu braço, correndo ao longo de seu *dermoire* em um formigamento pulsante em vez de um zumbido constante. Filho da puta, ele estava ficando sem energia depois de seis horas ocupadas no hospital.

Em vez de fazer uma cura completa, ele fez uma parcial, o suficiente para manter o cara vivo até que um dos membros da equipe não feridos pudesse acompanhar Bleed para uma das instalações do Underworld General.

Durante o resto da tarde, ele foi forçado a usar seu dom com moderação, passando de paciente em paciente e fazendo a triagem e curando as feridas mais graves e potencialmente fatais, para que a outra equipe médica UG chegasse para tratar e transportar para o hospital.

Ele odiava a triagem. Sempre odiou. Todo instinto nele gritava para curar seus pacientes, para ficar com eles até estar confiante de que eles estavam fora de perigo. Mas as situações de acidentes em massa não permitiam isso, e ele perdeu a noção do número de vezes que ele teve que parar por alguns segundos para controlar sua frustração.

Ele também perdeu a noção de tempo enquanto trabalhava. De vez em quando, ele vislumbrava Slake enquanto ajudava os socorristas a retirar detritos pesados sobre as vítimas ou oferecia conforto aos feridos. Uma vez, Slake até salvou uma vida, amarrando um torniquete ao redor da perna de um humano que tinha decepado na altura do joelho. Onde Slake tinha encontrado a corda que ele usou, Raze não fazia ideia, mas foi uma boa solução.

Algumas vezes, Raze se viu admirando a maneira como Slake tratava a situação com confiança e autoridade, enquanto ainda obedecia às ordens do pessoal de resgate. Impressionante como ele conseguiu manter seu ego sob controle. Raze tinha pensado que Slake era o tipo de guerreiro arrogante e

musculoso que se recusaria a aceitar instruções. Então ele era quente e inteligente.

Pare com isso. Você está apenas se preparando para um desastre.

Sem mencionar que ele continuava babando sobre outro homem no meio de um desastre. Assim. Malditamente. Inapropriado.

Amaldiçoando-se, Raze limpou a testa na manga e voltou a ele. O ritmo frenético da emergência finalmente terminou quando a noite caiu, mas, enquanto ele ajudava outro dos irmãos de Wraith e Eidolon, um paramédico chamado Shade, levava um paciente para a ambulância que esperava, ele ouviu o grito de Slake gritando por ajuda.

Ele correu para dentro, mas ele não viu Slake em qualquer lugar entre os destroços chamuscados e mutilados.

— Onde você está?

— Por aqui!

Raze abriu caminho para o canto mais distante do prédio e encontrou Slake ajoelhado atrás de uma mesa virada, sua voz baixa e calma enquanto falava com alguém que Raze não podia ver. Quando ele se aproximou, o coração de Raze quase parou ao ver uma forma feminina deitada no chão, sua metade inferior esmagada sob uma enorme seção de parede. Slake estava segurando uma mão frágil em uma palma enquanto ele escovava ternamente os longos cabelos morenos do rosto coberto de sangue da fêmea.

Lexi.

— Vai ficar tudo bem — murmurou Slake, seu tom hesitante e desajeitado, como se ele não estivesse acostumado a prometer esperança. — Eu não vou deixar você. Eu juro.

Os olhos castanhos dourados de Lexi estavam vidrados de dor e choque, mas ela se fixou no olhar de Slake com a ferocidade que apenas um shifter leão conseguiria.

— Obrigada — ela murmurou. — Obrigada... você.

— Não. — A voz de Raze soou tão destruída quanto o clube

enquanto ele caiu pesadamente sobre seus joelhos. — Não!

Ele agarrou o bíceps de Lexi e canalizou o que restava de seu poder, mas um segundo depois ficou claro que ela estava além de sua capacidade de ajudar, mesmo que sua habilidade estivesse completamente carregada. Ele sentiu que ela se afastava, seu pulso se tornando mais fraco enquanto o seu golpeava mais forte, até que parou completamente e seus belos olhos se nublaram.

— Ah, caramba — ele sussurrou.

— Desculpe — Slake disse suavemente. — Eu não sabia o que fazer.

— Você fez tudo o que pôde. — Raze estremeceu, mas muito depois que deveria ter parado, seu corpo continuou a tremer. Ele não podia deixar Lexi, não até que Slake tirou os seus dedos do braço dela.

— Vamos, Raze. — Slake sinalizou para uma equipe de resgate quando ele puxou Raze para se levantar. — Deixe-os fazer o que precisam fazer.

Raze assentiu, grato pela maneira como Slake assumiu e deu-lhe uma chance de voltar atrás. Ele também estava grato pelo modo como Slake estava cuidando dele de forma protetora, sua mão era uma presença reconfortante e constante no ombro de Raze.

— Eu gostava dela — Raze disse, sua voz tão grossa quanto a fumaça que permanecia no ar. — Eu gostava muito dela. — Ele olhou para o clube destruído, para as poças de sangue que se misturavam com a fuligem e as cinzas, e sem a adrenalina e vítimas para tratar, a realidade da situação finalmente se afundou. — Muitas mortes e destruição. Por quê?

Slake balançou a cabeça. — Parece que o Thirst pegou a maior parte da explosão. No começo, pensei que o clube humano era o alvo, mas se você olhar para lá — ele apontou para os banheiros — você pode ver onde a explosão se originou. Também estava concentrada, então explodiu em direção à frente do clube. Alguém queria atingir o clube sem derrubar

todo o edifício. De fato...

A voz de Slake tornou-se um zumbido silencioso, até que tudo o que Raze ouviu foi blá, blá. blá, talvez os humanos tenham feito isso, blá, blá, inspecionar os materiais usados, blá, blá, bláblábláblá...

— Blá.

Raze se sentiu sendo sacudido.

— Blá!

Mais uma sacudidela.

— Raze!

Ele piscou. Focado. Slake estava de pé diante dele, a expressão apertada com preocupação, as mãos nos ombros de Raze.

— Raze, cara, você está bem?

— Sim. — Não. Alguém havia intencionalmente mutilado e matado dezenas de pessoas. Como ele poderia estar bem com isso? Piorando a situação, à medida que sua adrenalina diminuía, seu corpo passava por alternadas ondas quentes e frias, e seu intestino estava começando a doer quando os primeiros sintomas de abstinência sexual começaram. Ele olhou para o relógio. Eram quase sete da noite, um pouco mais de doze horas desde que Fayle lhe havia dado um gozo tão frio e clínico que eles poderiam ter estado na clínica de fertilidade da UGH, em vez de seu próprio apartamento. Ele não tinha ideia de quanto tempo ela iria puni-lo por tirar todo o controle da sua última noite, mas ele sabia que ele precisaria dela novamente em breve. Muito em breve.

Mas agora, enquanto olhava para os olhos de Slake, ele precisava de outra coisa. Ele nem tinha certeza do que. Tudo o que sabia era que Slake era a chave.

— Venha comigo. — Raze começou a andar, perguntando-se se Slake o seguiria.

Não foi até chegar à porta que levava ao seu apartamento no andar de cima que ele ouviu a pancada pesada das botas de Slake atrás dele.

CAPÍTULO 05



Slake seguiu Raze até um apartamento em frente ao Thirst, seus passos cheios de exaustão. Com mais de um século de idade, Slake tinha visto muita violência, tinha sido a causa de muita violência, mas ele nunca se deixava levar por um envolvimento emocional.

Claro, ao longo dos anos, ele perdeu muitos amigos e amantes, mas aprendeu da maneira mais difícil a nunca se apegar demais, e ainda mais importante, nunca ser afetado pelos laços de mais ninguém. Nunca sentir empatia. Ou mesmo simpatia. A vida era difícil, e só se tornava mais difícil quando você tinha mais para se preocupar do que apenas com você mesmo. Inevitavelmente, aqueles que você gostava tinham um hábito desagradável de chutá-lo nas bolas quando eles não podiam aceitar quem você era.

Mas, vendo Raze tão afetado por seu fracasso em salvar todos, especialmente uma amiga, sentiu algo solto dentro dele. O sujeito foi estoico e profissional desde o momento em que chegaram na cena, mas nos últimos cinco minutos, a dura concha que rodeava Raze quebrou – como uma vítima do bombardeio como o Thirst tinha sido - e Slake se viu querendo consertá-lo.

Estranho, considerando que Slake nasceu em uma espécie de demônio que tinha tudo a ver com destruição e sofrimento. Claro, o fato de Slake nunca ter se encaixado era exatamente por que ele os deixou para trás.

Ainda assim, seu povo pode ser bárbaro e primitivo, mas havia algo a ser dito para não se preocupar com a dor de outra

pessoa. Mesmo agora, quando Slake deveria estar fazendo o que sempre fez e se preparando mentalmente para o pior que poderia acontecer uma vez que ele entrasse no apartamento de Raze, ele estava se perguntando o que ele poderia fazer para apagar as sombras que assombravam os maravilhosos olhos verdes de Raze.

Raze levou Slake para dentro de um pequeno, mas limpo apartamento que parecia ser parte de um piso de fábrica convertido. Pilares de metal espessos feitos por obstáculos interessantes, mas pelo menos eles tinham sido pintados em cores primárias brilhantes que combinavam com o mobiliário Ikea e a arte moderna nas paredes. A música de jazz suave derivava do que Slake assumiu ser um quarto, mas Raze pegou a esquerda e fez um caminho mais curto para a cozinha. Slake começou indo atrás dele, mas o movimento na entrada do quarto chamou sua atenção.

Parando, ele balançou a cabeça. Uma fêmea estava olhando para ele, seus cabelos pretos caíam sobre o rosto, assim ele apenas podia ver apenas um olho, mas aquele olho estava apertado e cheio de suspeita.

Fayle. Não há dúvida sobre isso. Ele viu imagens suficientes, e um desenho extremamente detalhado fornecido pelo cliente do escritório de advocacia, para reconhecê-la.

Ele a observou até girar e desaparecer de volta para o quarto. Junto com a porta batendo.

Por uma fração de segundo, ele se perguntou o que aconteceria se ele não tivesse usado as amarras destinadas a ela para parar o sangramento de cara ferido e, em vez disso, invadissem seu quarto, agarrando-a e a empacotado para ser entregue a Dire & Dyre. Quanto de resistência Raze colocaria? Ele seria forçado a matar o cara?

Slake sempre teve o cuidado de evitar danos colaterais, mas sua alma estava em jogo, e ele faria o que tinha que fazer. Mas maldição, algo sobre Raze o fez querer descobrir outra maneira. Ou, pelo menos, esperar um pouco. Fayle ainda

estaria aqui amanhã.

Provavelmente.

Amaldiçoando-se por ser um tolo, entrou na cozinha... e parou bruscamente. Raze estava em frente a pia, a parte superior do uniforme médico no chão, deixando-o tentadoramente nu da cintura para cima. Seus músculos rolaram e flexionaram sob a pele macia de suas costas, enquanto ele lavava o sangue e a fuligem de suas mãos e braços.

Droga. Slake engoliu em seco, incapaz de desviar o olhar. E quando Raze finalmente pegou uma toalha de mão e se limpou, tudo o que Slake poderia pensar era como aquele pano tinha sorte. E como sua língua poderia fazer um trabalho muito melhor.

Raze jogou a toalha no chão ao lado da parte superior do uniforme sujo de fuligem e sangue e abriu a porta da geladeira.

— Cerveja?

De alguma forma, Slake conseguiu dar encolher de ombros de forma casual e um áspero — Claro.

Raze jogou-lhe uma garrafa de alguma cerveja chique, e então ele torceu a tampa da sua garrafa e drenou a metade do seu conteúdo.

— Achei que você não bebesse.

Fechando os olhos, Raze deixou a cabeça cair para trás contra a parede de azulejos azuis. Os músculos em sua garganta ondularam quando ele engoliu, e Slake de repente se imaginou beijando o caminho pelo pescoço longo e arqueado. Imaginou traçando o símbolo sob a mandíbula com a sua língua. Imaginou os sons que Raze faria enquanto ele estava fazendo isso. Deuses, o próprio pensamento fez com que o calor correr para a sua virilha e seu coração disparar espantosamente rápido.

Slake queria Raze de uma maneira que ele não quis ninguém em um longo, longo tempo.

— Eu não posso ficar bêbado, mas beber ainda me faz

querer o que eu não posso ter. — As pálpebras de Slake levantaram, e os músculos de Slake ficaram moles com a fome escura que brilhava no fundo de seus olhos. — Agora mesmo, o que eu quero está em pé na minha frente, e tenho certeza de que posso ter. — Sua voz baixou. Rouca. Sexy como foda. — Estou certo?

Putá merda. Um soco de calor apertou seu peito e se espalhou em uma onda lenta enquanto seu corpo reagia à promessa flagrante de sexo cru. Ele observou Raze e aqueles magníficos ombros e braços grossos que foram construídos para manter um parceiro firme para uma investida de êxtase. Mais abaixo, seu peito largo se afunilava até um abdômen rígido e uma cintura estreita que desaparecia em calças que não faziam nada para esconder uma ereção impressionante.

Deuses, ter toda essa força sólida debaixo dele, absorvendo seus impulsos...

— Você está certo — disse Slake grosseiramente, mesmo que o que Wraith havia dito anteriormente ecoasse em sua cabeça. — Mas Wraith disse que seu tipo só faz sexo com fêmeas, e acabei de ver uma na sua sala de estar.

Raze deu um passo mais perto, as manchas brilhantes em seus olhos se derretendo como ouro líquido. — Eu morrerei sem sexo. Sexo com fêmeas. Ela me mantém vivo, e faço o mesmo por ela.

— Mas ainda pode fazer sexo com machos, certo? — *Por favor, diga sim. Por favor diga sim.*

— Enquanto uma mulher estiver presente, sim. — Ele deu um passo mais perto, seus ombros rolando, e o pau de Slake empurrou.

— Presente? Como, nas proximidades?

A tenda na calça de Raze ficou ainda mais pronunciada, e a boca de Slake encheu de água.

— Presente, como em nós temos que ejacular em uma.

— Assim... você é bissexual?

— Isso importa? — Raze disse suavemente, o calor em sua

voz um ardor quase tangível que se instalou na pele de Slake como uma febre.

De repente, Slake não se importou se o cara gostasse de machos, fêmeas ou demônios cobras roxas assexuadas de duas cabeças. Tudo o que importava era fechar a distância entre eles.

Em um instante, Slake não estava mais do outro lado da sala em frente a Raze. Ele estava peito a peito, boca a boca, pau duro a pau duro.

Raze encontrou-o com igual entusiasmo, empurrando a língua contra a de Slake enquanto ele envolveu um braço em volta na cintura e os conduziu para o cômodo adjacente. O que, graças, acabou por ser um quarto.

Slake não questionou os motivos de Raze trazê-lo aqui depois de ser tão inflexível em não querê-lo. Tomou o controle como sempre fez, empurrando Raze para a cama. Raze obedeceu, deitou de costas para permitir que Slake tirasse a calça dele e a cueca boxer. Slake praticamente babou ao ver a ereção de Raze projetando-se entre as pernas, a coluna de carne escura curvando-se contra sua barriga dura.

Homem, Raze era uma obra de arte, um estudo da perfeição masculina até a intensidade crua e selvagem em seu olhar manchado de dourado.

Slake não ia negar isso. Ele queria muito isso.

Fazendo um rápido trabalho com suas roupas, ele pulou na cama. Raze arqueou os quadris quando Slake abriu a boca sobre a cabeça de seu pênis e girou sua língua em torno da coroa.

— Sim — murmurou Raze. — Toque me.

Como se Slake precisasse ser informado. Agarrando os quadris de Raze, ele percorreu seu eixo espesso até chegar ao saco pesado na base. Raze sugou uma respiração dura quando Slake pressionou a ponta da língua contra a costura dividindo os dois testículos firmes.

Enquanto Slake sugava e lambia as bolas de Raze, ele envolveu uma mão em torno do pênis de Raze e apertou. Raze

gemeu, e o pau de Slake pulsou como se lembrasse que precisava de atenção.

Ele soltou Raze e segurou sua própria ereção enquanto trabalhava seu caminho de volta, rastreando as veias escuras que iam como um mapa de êxtase no eixo de Raze. Uma gota sedosa de pré-sêmen gotejou da ponta, e Slake capturou-o ansiosamente com a boca, e desta vez foi sua vez de gemer. O sabor salgado e ligeiramente picante cobriu sua língua, e o calor se espalhou por seu interior enquanto ele engoliu.

Porra, era quase como derrubar algumas doses de whisky, a forma como cada centímetro de seu corpo se tornava sensível. Neste ponto, Raze provavelmente poderia acariciar o cotovelo de Slake e dar-lhe um orgasmo.

Os demônios sexuais eram incríveis.

Quase perdido pela luxúria, olhou para cima, encontrando o olhar quente de Raze. Foda-se, se não via o mesmo desejo, essa necessidade, espalhando em seus olhos que parecia ouro fundido.

— Seus olhos - ele murmurou. — Eu amo como eles mudam de cor.

— O dourado aparece quando estou com tesão. — Raze arqueou os quadris, esfregando sua ereção no queixo e nos lábios de Slake. — Ou quando estou com raiva.

Slake girou sua língua em torno da coroa do pau de Raze, amando como Raze sibilou de prazer.

— Eu gosto disso. Eu quero ver mais.

Raze empurrou um braço para o lado para se esbarrar com a gaveta da cabeceira, onde tirou um tubo de lubrificante. O pau de Slake latejava em uma resposta agonizante.

— E sobre a fêmea? — Slake respirou, fingindo não saber quem ela era. E neste momento, não se importava. Não podia, ou uma emoção que não estava acostumado levantaria em sua cabeça feia.

Culpa.

Raze agarrou os cabelos de Slake e o puxou para cima em

seu corpo.

— Fayle vai se juntar a nós quando eu precisar dela.

Slake se lembraria de perguntar mais tarde como ela saberia. Agora, tudo o que ele queria era se enterrar profundamente até as bolas dentro de Raze.

Com um grunhido impaciente, Slake enfiou seu braço embaixo dos ombros de Raze para virá-lo, mas Raze o deteve com um aperto de ferro nos bíceps. Raze levantou a boca para a orelha de Slake e pegou seu lóbulo entre os dentes com força suficiente para fazê-lo assobiar.

Raze lambeu o local, acalmando-o, e então, com uma voz que pingava com luxúria, ele disse: — Você cheira a sexo. Poder. Está me deixando tão duro que dói. Se pudesse, gostaria que você se inclinasse sobre aquela cadeira atrás de você, e eu te perfuraria tanto que você me sentiria por dias.

Ah... *sim*. Slake espalhou suas coxas enquanto a mão de Raze mergulhava entre elas, encontrando seu eixo, depois indo mais baixo, até suas bolas, e quando a ponta dos dedos encontraram o nervo sensível logo atrás delas, Slake inclinou os quadris para dar acesso a Raze para qualquer coisa que ele desejasse.

Slake sempre preferiu fazer a perfuração, como Raze havia dito, mas algo sobre Raze fez com que ele quisesse experimentar ser tomado por um homem poderoso e intenso que literalmente era feito para sexo.

Antes de Raze, ele só se sentiu assim por uma outra pessoa, e mesmo assim, a posição sexual de Slake no fundo foi uma exigência de seu relacionamento, a única maneira que Gunther faria.

E porra, por que aquele bastardo teve que se intrometer no que estava acontecendo aqui, agora, com um macho em que Gunther nem sequer podia começar a se comparar?

Afastando mentalmente seu ex-amante vampiro, Slake empurrou Raze de volta para o colchão.

— Você será o único a me sentir, incubus — ele

resmungou quando ele virou Raze e o cobriu, empurrando sua ereção entre suas coxas musculosas.

Ah, maldito, ele não ia durar muito tempo assim. De alguma forma, Raze sabia, empurrando-se para cima em suas mãos e joelhos para que o pau de Slake estivesse alinhado em sua entrada.

Raze jogou o tubo de lubrificante no ar. Slake pegou com uma mão, e, em questão de segundos, ele estava empurrando lentamente no apertado anel de músculo. Seu sexo latejava enquanto ele entrava no buraco quente de Raze e, finalmente, deuses finalmente, ele estava engolido até o punho.

Incapaz de esperar outro segundo, ele se retirou... e depois bateu os quadris para frente. Raze gemeu, o som engolido pelo gemido ofegante de Slake.

O êxtase passou por ele. Santo Inferno, isso era inacreditável. Cada centímetro do corpo de Raze foi feito para isso, o que não foi uma surpresa, dado que ele era um demônio sexual, mas ainda assim, o jeito em que o rabo dele estava apertado em torno de seu pau, ondulando da base para a cabeça... Porra.

Ele mal ouviu o som de passos suaves, percebendo no último segundo que Fayle entrou na sala. Ele congelou, envergonhado e com raiva de si de mesmo por ter deixado sua luxúria entrar no caminho de manter uma medida de consciência de tudo acontecendo ao seu redor. Então Raze empurrou contra ele, e ei, não era como se Fayle estivesse brandindo um machado e vestindo armadura. Mesmo que tivesse, suas armas estavam ao alcance. Elas estavam sempre ao alcance.

Mas não, ela estava com as mãos vazias, vestia-se da maneira que estava antes, com calças de ioga pretas e uma camiseta amarela ajustada que exibia peitos fartos e uma barriga dura, e ela não parecia feliz por estar aqui. Na verdade, quando olhou para Slake, ela enrolou o lábio em um rosnado silencioso, deixando-o saber que, se ele tivesse alguma intenção

de tocá-la, seria melhor esquecer.

Mensagem recebida, mas desnecessária. Slake nunca gostou de fêmeas, o desapontamento assassino de sua família.

Debaixo dele, Raze se mexeu, endireitando-se para que suas costas estivessem contra o peito de Slake. Slake sibilou com a nova sensação da posição vertical. Raze pousou seu traseiro contra ele, e o aperto que ferveu em suas bolas foi crítico. Apertando os dentes, ele se concentrou em segurá-lo de volta quando Fayle subiu no colchão, encarando Raze ajoelhada, e tomou seu comprimento duro em sua boca.

O ciúme gritou através de Slake. Ele queria ser o único a fazer Raze gozar. Fazer o cara gritar para qualquer deidade que ele adorasse.

— Foda-me — Raze gemeu. — Faça. Isso. Duro.

Oh, *inferno sim*. Slake agarrou o quadril de Raze em uma mão e deslizou a outra ao redor do esterno para apertá-lo enquanto ele afastou seus próprios quadris e os golpeou para frente, quase levantando Raze da cama com a força de seu impulso.

Raze gemeu novamente, e Slake fez isso mais forte. Mais forte, até que o único som no quarto era carne batendo contra a carne e respirações ofegantes.

As bolas de Slake ficaram apertadas, o orgasmo passou por seu pênis até que ele explodiu em uma tempestade alucinante de sensações. Continuou e continuou, e então, assim que acabou, Raze gritou, sua bunda apertando-se e Slake se juntou em outro orgasmo que o quebrou mais completamente do que o primeiro. Um terceiro seguiu seus calcanhares, drenando-o todo, incluindo energia e pensamentos.

Eles colapsaram no colchão, Slake deslocando-se para o lado, de modo que ele não esmagasse Raze. Foi só então que ele percebeu que Fayle havia escapado.

Boa viagem. Vai ser um prazer entregá-la a Dire & Dyre.

CAPÍTULO 06



Raze não sabia por quanto tempo ele ficou deitado na cama, incapaz de se mover, tão desamparado como um bebê Sems. Slake poderia matá-lo agora, e tudo o que Raze poderia fazer sobre isso seria primeiro agradecê-lo pelo melhor orgasmo de sua vida.

Ele esteve com machos antes, algumas vezes, mas sempre foi estranho. Ou eles não gostaram de ter uma fêmea envolvida, ou se gostavam, ficaram desapontados com o fato de Fayle não tocar ninguém além de Raze.

Slake não parecia dar uma merda de qualquer maneira.

Eles ainda estavam conectados, uma intimidade que Raze nunca havia compartilhado com ninguém. Nem mesmo Fayle. Quando eles faziam sexo, era só para manter Raze vivo e dar-lhe o tipo de alívio sexual que sua espécie precisava para sobreviver, um alívio que ela nem precisava estar no mesmo quarto para conseguir. Sua espécie era toda sobre proximidade com o sexo, sobre absorver a energia que irradiava do ato de prazer. Inferno, Fayle geralmente evitava sexo. Disse que era nojento. Irritante.

Ele sorriu pelo modo como sua pele úmida colava em Slake. Sujo, absolutamente. Irritante? De jeito nenhum.

Slake colocou o braço sobre a cintura de Raze e escovou os nódulos para trás e para frente ao longo da caixa torácica de Raze.

— Aquilo foi...

— Sim — Raze disse. — Isso foi. Não posso me mover. Como você está se movendo?

Ele sentiu os lábios de Slake se curvarem em um sorriso contra o ombro.

— Como é que eu pude ter múltiplos orgasmos com você?

Raze franziu a testa, incerto da resposta.

— Não tenho certeza sobre os machos, mas as fêmeas sempre têm. Nosso sêmen faz com que elas gozem mais e mais, durante meia hora.

— Ah, bem, eu estava meio que do seu lado errado para isso.

Interessante. Nenhum dos outros parceiros do sexo masculino tinha experimentado isso. Ele se perguntou se alguém já havia testado os efeitos do sêmen Seminus em machos de várias espécies. Se alguém tivesse, era Eidolon. Não que ele soubesse como abordar esse assunto.

Ei, Doutor, fiz sexo com um cara e ele teve múltiplos orgasmos, e agora tenho curiosidade sobre os nossos efeitos nos machos.

Sim... não.

— Assim... Fayle está em seu quarto agora tendo momentos felizes?

Raze bufou. — A ingestão de nosso sêmen tem um efeito diferente. Deixa as fêmeas excitadas. — Talvez fosse sua imaginação, mas ele poderia ter jurado que Slake ficou rígido um pouco. — Mas Fayle é uma succubus que se alimenta de energia sexual. Para ela, o sêmen é como uma dose superconcentrada de combustível.

Slake lambeu sua garganta, um deslizamento lento ao longo de sua jugular, e Raze estremeceu de prazer.— Com que frequência você precisa dela?

— Depende. — Ele silenciosamente encorajou Slake a lambê-lo novamente, mas ele deu um golpe suave de sua palma em seu braço. Deuses, quanto tempo passou desde que alguém o tocou assim? — A maioria dos demônios Seminus precisa de sexo várias vezes por dia.

A mão de Slake congelou.— Puta merda. Como vocês

conseguem fazer alguma coisa?

Raze riu, mas o som de uma sirene do lado de fora lembrou-lhe da tragédia que levou a isso, e ele ficou sério. Ele não tinha certeza de por que perder sua amiga, colegas de trabalho e o clube, ele tinha começado a sentir-se tão confortável como o seu próprio apartamento o tinha feito querer perder-se em Slake, mas não era algo que ele estava pronto para explorar.

— A frequência diminui à medida que envelhecemos ou depois de tomarmos uma companheira. A frequência também é afetada pela espécie de nossa mãe. — Ele reprimiu um suspiro contente enquanto Slake retomava a carícia. — Eu não sei de qual espécie minha mãe era, mas ela deve ter sido uma espécie com metabolismo lento ou que não se reproduz frequentemente, porque eu posso ir de doze a dezesseis horas sem sexo, mas as coisas começam a ficar desconfortáveis depois de cerca de treze ou catorze.

— Os demônios Seminus assumem muitos traços da espécie da sua mãe? — a mão de Slake se acalmou novamente por um batimento cardíaco antes de retomar as carícias lentas e leves. — Ou vocês são todos iguais? Existe uma espécie de híbrido?

Raze fechou os olhos e se divertiu em ser tocado. Em estar vivo.

Ao contrário de Lexi.

— Não — ele disse suavemente. — Enquanto a mãe for um demônio, todos os demônios Seminus são de raça pura. E machos. — Bem, houve uma exceção à regra dos “machos”, mas apenas uma. E Sin era irmã dos irmãos Seminus que fundaram o Underworld General. — Nós assumimos alguns traços menores de nossas mães, mas na maioria das vezes, todos os Sems são representativos de nossa espécie. Se sobrevivermos ao nosso centésimo aniversário, nos tornamos férteis. Se não tivermos uma companheira até lá, todos nós nos transformamos em monstros que podem mudar de forma para

se transformar em quase todas as espécies de tamanho similar. Então, corremos por aí enganando e impregnando todas as mulheres que vemos. E, como eu disse, a menos que a mãe seja humana, as crianças sempre são Sems de raça pura. É parte do porquê nós somos tão raros. As fêmeas dão à luz e percebem que foram enganadas e que o bebê não é de sua espécie, e elas geralmente os abandonam ou matam a criança.

— Poxa — murmurou Slake, seus lábios escovando o ombro de Raze. — Mas, por ser tão raro, seu hospital está cheio com vocês.

— Isso é porque o Eidolon nos busca ativamente, e ele fez do UG um refúgio seguro para Sems. Nossas habilidades curativas inatas nos tornam médicos naturais. Confie em mim, a maioria dos demônios podem viver quinhentos anos e nunca se deparar com um de nós.

— Então vocês são de raça pura, mas você disse que a espécie da mãe desempenha algum tipo de papel em quem você é? Como o quê?

Ele inalou o cheiro almiscarado de sexo e suor, deixando-se apreciar o momento enquanto compartilhava os detalhes de sua espécie com Slake. Ele não estava acostumado com as pessoas curiosas sobre ele, e ele gostou disso.

— Há um paramédico no Underworld General, Shade... sua mãe era um demônio Umber, assim ele pode se transformar em sombra na presença de uma sombra. A mãe de Wraith era uma vampira, então ele precisa beber sangue. Esse tipo de coisa.

Os dedos de Slake seguiram pelo quadril de Raze, e ele teve que morder um gemido de prazer que nem sequer era sexual. Isso era... apreciativo.

— Vampiros não podem se reproduzir.

— Longa história. — Longa e estranha, Raze não queria falar sobre Wraith agora. Ele não queria nenhum macho nesta cama, além deste que ele já tinha.

— Então, como é que você não sabe de qual espécie sua

mãe era?

Ele sorriu, lembrando sua infância estranha, mas amorosa.

— Eu fui criado por humanos.

— Humanos? — Slake soou como se tivesse mordido um limão. — Como isso aconteceu?

Raze encolheu os ombros. — Minha mãe biológica me abandonou em um esgoto. Deixou-me para ser comido por quem viesse. Dois caçadores de demônios do Aegis me encontraram.

— O Aegis encontrou você? — a voz de Slake agora parecia um pouco estrangulada. — E eles não te mataram? Isso é o que esses bastardos fazem.

O Aegis, uma antiga liga de humanos assassinos de demônios, tinha sido o inimigo de todo submundo durante séculos. Mas, como todas as organizações, passou por mudanças ao longo dos anos, que incluíram reforma e até mesmo uma recente reviravolta quando os membros que simpatizavam com demônios não-malignos se rebelaram contra os velhos costumes. Eidolon havia até se acasalado com um de seus membros. Assim como Gem.

Infelizmente, o recente quase-apocalipse revelou a existência dos demônios, e os números do Aegis estavam inchando à medida que os seres humanos se reuniam para a justa causa de destruir o que não entendiam. Não que não houvesse muitos demônios malignos lá fora. Mas também havia demônios decentes e uma grande variedade de demônios que caminhavam por uma linha neutra.

— No momento em que o Aegis me resgatou, eles não sabiam que eu era um demônio — Raze disse.

— O fato de um recém-nascido ter tatuagem em seu braço não era uma pista?

— Eu penso que eles acharam que algo estava errado, mas para minha sorte, eles não eram o tipo de Aegis assustadores que matam-primeiro-e-perguntam-depois.

Quando eles não conseguiram descobrir o que eu era, um deles decidiu me manter. Ela se casou com um médico quando eu tinha três anos, deixou o Aegis e eles me criaram como se fosse deles.

Raze sorriu com a lembrança. Carrie Ann e Ryan Bertrand lhe haviam dado uma boa vida, uma vida normal em uma casa humana, o que ajudara muito a dar a Raze uma visão mais humana do mundo do que muitos de seus irmãos demônios.

Slake usou a ponta do dedo para rastrear os glifos de crânio no pulso de Raze, e ele estremeceu com a sensação de ter uma área tão sensível tocada. Acariciada. — Como eles explicavam a obra de arte?

— Minha mãe inventou uma história sobre me adotar de uma situação abusiva. Inferno, até que reagi mal a uma vacina, e meu pai realizou exames de sangue, ele acreditava que eu nasci viciado por aqueles que me tatuaram quando bebê.

— Você acreditou?

Ele capturou os dedos de Slake com os dele, deixando-se brincar com eles enquanto falava. A intimidade em uma coisa tão pequena era deslumbrante, aquecendo-o ainda mais do que o corpo de Slake colado contra suas costas.

— Eu não tinha nenhum motivo para não — ele disse. — Além disso, foi um pouco legal. Todos os outros garotos achavam que eu era um fodão total.

Slake se moveu, perdendo a conexão entre eles e Raze experimentou a mais estranha sensação de decepção.

— Quando a bola caiu? — O colchão saltou enquanto Slake rolava fora dele. — Porque você sabe que fez.

— Oh sim. Ela caiu. — Raze salivou ao ver a bunda musculosa de Slake flexionando quando desapareceu no banheiro. — Os demônios Seminus não possuem poderes ou habilidades especiais até que passem pelo primeiro de dois ciclos de maturação. Então, tudo estava legal até eu completar vinte anos e o primeiro atingir.

Foda-se, isso tinha sido louco. Ele se formou no ensino

médio aos dezesseis anos, então ele estava em seu quarto ano de faculdade, preparando-se para uma carreira em medicina como seu pai, quando ele ficou doente. Realmente doente.

— Minha visão começou a desfocar, e eu estava tendo essas dores de cabeça. Elas ficaram tão ruins que eu não podia ir para nenhuma das minhas aulas da faculdade, então eu fui para casa. Meu pai administrava uma clínica gratuita em Los Angeles, então eu o ajudei até que a doença se tornasse tão debilitante que eu nem conseguia andar. Minha mãe usou sua experiência de Aegis para pesquisar meus sintomas, e ela descobriu que eu era um demônio sexual de algum tipo.

Slake falou sobre o fluxo de água na pia. — Ela soube que você precisava de sexo.

Ele bufou. — Fale sobre embaraçoso, hein? — Ele enfiou o braço atrás da cabeça e olhou para o teto, sem se importar de que estava nu e esparramado na cama. — No entanto, ela foi legal. Ela e alguns dos seus antigos amigos do Aegis invadiram um bordel de demônio e conseguiram uma fêmea para mim. Essa fêmea era Fayle.

— E ela esteve com você desde então?

— Sim.

A água desligou. — O que acontece se você passar um longo tempo em abstinência?

— Febre. Agonia. Morte.

— Bem, isso não é legal — gritou Slake. — Então, onde estão seus pais agora?

Uma dor pesada centrou no peito de Raze, e demorou um momento antes que ele pudesse falar uma palavra simples, mas devastadora. — Mortos.

Slake apareceu na porta, seu magnífico corpo ainda brilhando de suor. — Desculpe — ele disse. — O que aconteceu?

Raze estudou o teto novamente. Era bastante normal, tanto quanto os tetos eram. — A merda do apocalipse que desceu há alguns anos.

— Ah, foda. — Slake saiu do banheiro, e Raze achou que ele estava indo para suas roupas, então ele ficou surpreso quando Slake se esticou ao lado dele na cama de novo. Eles não estavam se tocando, mas esse ainda era o momento mais íntimo que ele já havia compartilhado com qualquer um, incluindo Fayle.

O conhecimento o deixou fora de equilíbrio, provavelmente o teria assustado se não estivessem conversando sobre o pior período da vida de Raze. Não estava acostumado a compartilhar, não porque ele fosse uma pessoa excessivamente privada, mas porque, além de Lexi, ele realmente não tinha ninguém para conversar. Sua vida era trabalho e sexo. Sexo e trabalho.

Se manter ocupado o impediu de desejar coisas que ele não poderia ter. Como um parceiro macho.

Como Slake.

— Eles foram mortos durante a revolta. Tentei salvá-los... — Raze se afastou, a memória de encontrar seus restos espalhados por toda a sua casa, demasiadamente recente para abrir essa ferida. Ele olhou para Slake, que estava deitado de lado, apoiado por um cotovelo. — E você? Onde está sua família?

Os olhos escuros de Slake congelaram. — Tanto quanto eu sei, eles estão vivos e administrando seu especial e pequeno complexo isolado em Sheoul.

— Eu acho que há uma longa história e alguma desavença aí?

— Você poderia dizer isso.

Bocejando, Raze fechou os olhos, contente em aproveitar o resplendor do sexo e surpreendentemente... conversa agradável. — O que você faz para ganhar a vida, afinal?

— Eu trabalho para um escritório de advocacia.

Raze abriu as pálpebras apenas o suficiente para ver seu companheiro na cama. — Você é advogado?

Slake deu uma risada. — De jeito nenhum. Minha

espécie, os Duosos, é especialista em armas. Nós criamos e controlamos armas que ninguém mais pode, como meus pequenos e úteis *sinispheres*. Eu trabalho para Dire & Dyre, usando minhas habilidades, no que eles precisam de mim. Principalmente porque, como um idiota, eu assinei um contrato há décadas que me liga a eles até o final da próxima semana.

— O que acontece no final da semana que vem?

— Eu sou um agente livre. — Havia uma nota de hesitação em sua voz, mas Raze não queria bisbilhotar. Não sobre isso, de qualquer maneira. Ele estava muito curioso sobre outra coisa.

— Assim... quando você diz que você é um agente livre...

— Ele parou, deu-se um segundo para pôr a cabeça no lugar certo, como sempre fazia antes de fazer o primeiro corte de uma operação delicada. — Isso se aplica a relacionamentos?

Slake sugou uma respiração áspera, e Raze imediatamente se arrependeu da pergunta. Ele não tinha certeza por que ele havia perguntado. Não era como se estivesse disponível, não quando Fayle fazia estar com alguém muito difícil.

— Eu não estou com ninguém — Slake disse devagar — se é o que você quer saber. — Ele virou a cabeça para olhar para Raze. — E você? Quero dizer, eu sei que você tem essa coisa com Fayle, mas você já tentou estar com um homem sem ela?

Raze suspirou. — Logo após eu passar pela fase de maturação de que eu falei, tentei gozar com um cara. Não funcionou.

Ele esperava, tinha orado para uma centena de divindades diferentes nas quais ele nem sequer acreditava, mas logo quando seu clímax havia sido iminente, tão quente, o prazer mudou bruscamente para uma agonia abrasiva. Fayle estava lá para ajudar, e nunca o deixaria esquecer.

— Mas se você achar o cara certo, você poderia, eu não sei, fazer um tipo de trio? Você já tentou alguma vez?

Raze quase riu. Uma vez, ele esteve esperançoso sobre

isso, de que alguma forma ele e Fayle pudessem chegar a um acordo. Que em algum lugar havia um cara que poderia aceitar seu arranjo com Fayle e que ela poderia aceitar o desejo de Raze por outra pessoa.

Ele tinha sido tão tolo.

— Nós fizemos a coisa do trio um punhado de vezes, mas foi tudo casual. Nunca encontrei um homem que valesse a pena tentar quebrar o ciúme dela por um relacionamento real. — Ele olhou para Slake, perguntando se talvez, apenas talvez, ele pudesse ser o primeiro. Sim, era muito cedo para começar a pensar sobre o futuro, mas porra, ele nunca experimentou esse tipo de intimidade com ninguém e, embora não fosse como se ele compartilhar toda essa merda, parecia... certo.

Slake franziu o cenho. — Como ela pode ficar com ciúmes se não te quer para mais do que sexo?

— Ela diz que sua espécie se concentra na propriedade. — Ele ficou surpreso com a amargura em sua voz, mas então, ele estava cansado de jogar seus jogos. — Eles são possessivos sobre tudo o que eles consideram deles. Eles nem dão uma refeição a um amigo se estiverem famintos. Compartilhar algumas coisas é punível com a morte.

— Por que diabos você aguenta isso? Por que você não diz a ela para seguir seu caminho?

— Eu tentei deixá-la — admitiu Raze. — Eu fiz isso um mês antes que eu quase morresse. — Seu corpo apertou como se também se lembrasse de estar com extraordinária dor e miséria. — A maioria da minha espécie são encantadores naturais. Eles adoram as fêmeas e podem estar em suas calcinhas em cerca de dez segundos. Mas não sou assim. Passei cada segundo acordado tentando descobrir como eu ia fazer sexo quando eu precisava, e eu odiava foder fêmeas estranhas. Eu me odiava, e o estresse estava me matando. Eu ficava muito tempo entre as libertações, e então ficava violento e doente... até que eu demorei muito uma noite e colapsei em um beco imundo atrás de uma cova de lobisomens. — Ele estremeceu

com a lembrança de acordar fora do bordel dos lobisomens, seu corpo ardendo de febre, seus olhos sangrando e Fayle sugando seu pênis. De alguma forma, ela o encontrou e salvou sua vida mais uma vez. — Minha vida com Fayle não é ideal, mas é melhor do que a alternativa.

— Eu acho que posso ver isso. — A expressão de Slake ficou preocupada. — Mas ela está impedindo você de ser feliz.

— Feliz? — Raze bufou. — Eu desisti de desejar isso há muito tempo. Eu pego o que posso ter.

Algo cintilou nos olhos escuros de Slake. Tristeza, talvez? — Isso não soa como qualquer maneira de viver.

Raze olhou para o teto novamente. — Eu aceitei o meu destino na vida.

Muito devagar, Slake se aproximou e escovou o nó sobre o glifo pessoal de Raze no pescoço. Uma explosão de prazer elétrico explodiu das finas linhas levantadas da marca que Raze nunca havia conseguido identificar.

— É por isso que seu símbolo pessoal é um antigo símbolo Lydiano para aceitação?

Raze voltou a olhar para Slake. — Como você sabe disso?

— Meu povo faz armas para espécies de demônios que você provavelmente nunca ouviu falar. Um ou dois falam o antigo Lydian, e eles sempre exigem que certos símbolos sejam esculpidos nas armas que eles encomendam. Slake afastou a mão, mas o símbolo continuou pulsando agradavelmente. — Assim? Você é uma pessoa que aceita?

Raze quase disse que sim. Mas seria a verdade? Ele aceitou o fato de que ele nunca seria um Sems normal. Ele nunca se sentiria atraído pelas fêmeas, e ele nunca poderia estar com um homem do jeito que ele queria.

Mas isso não significava que ele gostasse. E quanto mais tempo ele passava com Slake, menos ele estava aceitando sua situação.

CAPÍTULO 07



Slake e Raze ficaram em silêncio por um longo tempo, tempo suficiente para que Slake finalmente percebesse que ele não conseguiria uma resposta para a sua pergunta. Ele queria perguntar mais sobre o relacionamento de Raze com a succubus, em parte para obter qualquer informação que o ajudasse a completar sua tarefa para a Dire & Dyre. Mas surpreendeu-o perceber que a maior parte de sua curiosidade tinha mais a ver com querer saber como Raze seria afetado pela perda de Fayle.

Parecia que Raze realmente a necessitava. Para a sua vida. Por sua sanidade.

Porra.

Slake não deveria se importar. Ele não deveria. Depois de ser rejeitado por quem ele era pela sua família e pelo único macho que ele tinha amado, um macho que ele tinha sido fraco o suficiente para deixar voltar a sua vida por três vezes, ele deveria ser imune aos sentimentos ternos.

Mas aqui estava ele, impressionado com as habilidades médicas de Raze e admirado com sua capacidade de cuidar de completos estranhos, e muito menos uma succubus que era muito ciumenta para deixá-lo ser feliz.

Slake definitivamente precisava mudar o assunto para algo menos... Fayle.

— Raze?

A resposta de Raze foi um grunhido sonolento.

— Eu estou supondo que eu estava no caminho certo no hospital quando perguntei se seus amigos sabem a verdade

sobre você?

Engolindo seco, Raze continuou olhando para o teto, claramente relutante em ir até lá.

— Você não precisa responder — Slake disse, mas Raze balançou a cabeça.

— Não, tudo bem. É estranho falar sobre isso. — Ele cruzou as pernas nos tornozelos, e o lençol sobre os quadris deslocou-se, revelando uma indicação gloriosa daquele comprimento firme que Slake adorou com a boca. — Eles não sabem. Eu não acho que seriam imbecis sobre isso, mas não conseguiria lidar com a pena, você sabe?

Slake estendeu a mão e rasteou um glifo no braço de Raze que descansava em seu abdômen, adorando como as linhas escuras pareciam vibrar ao seu toque.

—Pena que você seja gay, ou que você não possa estar com os machos do jeito que você quer?

— O último. Provavelmente. — Ele puxou o braço para fora do toque de Slake e passou a mão pelos cabelos. Slake experimentou uma estranha dor na retirada abrupta, e isso o irritou. Ele não estava pronto para deixar alguém entrar em seu coração o suficiente para machucá-lo. — Porra. Eu não sei. — Ele deu a Slake um olhar de soslaio. — E você? Nunca ouvi falar de sua espécie. Você é considerado... normal?

Slake deu uma risada amarga e se acomodou contra os travesseiros.

— Nem de longe. — Ele apertou os punhos como se ele pudesse lutar contra os bastardos em sua comunidade, em sua própria família, que não só o rejeitaram, mas que pediram por sua execução. — Eles me aceitaram até eu me transformar em algo que não conseguiram entender: um macho atraído por outros machos.

A pior parte sobre isso foi que ele realmente tentou mudar. E enquanto fingisse achar as fêmeas desejáveis, sua família estava bem com isso. Porque sim, mentir sobre quem você era estava bem, mas ser honesto... bem, isso te deixaria

morto.

— Eu acho que tive sorte — Raze disse, uma sugestão de um sorriso travesso em seus lábios perfeitos. — Minha família só teve que aceitar que eu era um demônio.

Slake riu. — Eu acho que ser gay seria a menor preocupação de seus pais.

— Eles nunca souberam, mas eles não se importariam. Eles me amavam, não importa o que.

Alguma coisa dentro de Slake doeu por esse tipo de aceitação, e por um breve momento, ele estava tentado a contar a história inteira a Raze, a verdade sobre o que ele costumava ser antes de ser um macho que queria outros machos. Raze entenderia a escolha que ele havia feito?

Gunther não tinha entendido, e Slake nunca superou a rejeição. Oh, Gunther aparecia novamente na vida de Slake a cada década, implorando perdão, insistindo que desta vez, seria diferente. Desta vez, ele poderia amar Slake por quem ele era por fora e por dentro.

Era uma besteira. Era *sempre* besteira.

Mas Raze... ele parecia diferente. Mente aberta. Compassivo. Paciente. Inferno, o cara aguentava Fayle, e até que Slake poderia dizer, a mulher era uma usuária controladora e intolerante. O fato de que Slake passou por uma transformação que mudou a sua vida não deveria ser um problema.

Deveria?

Inalando profundamente, como se isso fosse infundi-lo de coragem, decidiu ir em frente. Se Raze o odiasse, levar Fayle para Dire & Dyre seria muito mais simples. Se Raze não o odiasse... bem, ele teria de pensar seriamente a respeito.

— Ah... Raze?

Quando Raze não respondeu, Slake olhou para cima, apenas para achar o cara adormecido, e maldição, ele era adorável assim. Ele estava tão pacífico, seu rosto bonito estava relaxado, como se ele não tivesse nenhuma preocupação no

mundo.

Slake não ia arruinar isso. Em breve, Raze acordaria, lembraria de que Fayle era uma puta que não o deixaria ter um relacionamento e que seus amigos haviam morrido em uma explosão horrível.

Era hora de Slake ir de qualquer maneira, e talvez essa fosse a maneira do universo dizer-lhe que não deveria se envolver mais. Não devia revelar segredos que devem permanecer enterrados.

Silenciosamente, ele tomou banho e vestiu-se... e Raze não moveu um músculo. Claramente, ele estava certo em seu sentido de segurança, algo que Slake nunca tinha conhecido. Ele sempre dormia com um olho aberto e uma mão em uma arma.

Mesmo quando ele e Raze haviam fodido, ele sempre sabia exatamente onde cada uma de suas armas estava e com que rapidez ele poderia chegar até elas.

Sentindo-se apenas um pouco intrusivo, ele passou pelas calças de Raze em busca de seu celular. Uma vez que ele encontrou, ele conectou seu próprio número e depois digitou uma nota na tela. Nada de especial, apenas um simples, *Ligue-me*.

Quando ele colocou o telefone de volta ao bolso onde ele o achou, ele hesitou. Ele teria que agarrar Fayle em algum momento, e isso não iria correr bem. Claro, ele poderia fazê-lo para que Raze nunca soubesse que ele estava envolvido, mas porra, agora que Slake sabia o quanto Raze precisava dela, ele realmente se sentia picado por um pinga de culpa.

Agente essa porra. Sua maldita alma está em jogo.

E a vida de Raze pode estar em jogo.

Maldizendo a si mesmo e a sua situação, ele saiu do quarto e entrou na cozinha onde, eis que, Fayle estava sentada na mesa da sala de jantar, mexendo o creme em uma xícara de chá. Ela usava uma camiseta brilhante e tingida, mas o olhar que ela lhe dava era negro.

— Saindo de fininho? — Ela perguntou. E, sim, maliciosamente ele acrescentou. — Eu deixei uma nota e meu número.

— Hmm. — Ela trancou seu olhar com o dele. — Não espero vê-lo novamente.

Oh, ela iria vê-lo de novo. Em breve. Se não tivesse usado a corda que adquiriu especificamente para apreendê-la, ele poderia levá-la agora.

A culpa picou-o novamente, mas, em vez de insistir nisso, ele se aproximou dela, lentamente, avaliando sua reação. Além de um ligeiro aperto em sua mandíbula, ela estava tão fria quanto a geada na barriga de uma víbora de gelo.

— Eu não acho que você tenha alguma opinião nisso.

Um sorriso sinistro subiu os cantos de sua boca. — Não deixarei ninguém o machucar.

— Pelo que posso dizer, você não deixará ninguém se aproximar o suficiente para que isso aconteça.

Ela mexeu o chá mais rápido, a colher clicando com raiva contra o lado da xícara. — Ele não pode estar com os machos, por isso é inútil para ele tentar.

— Parece-me que você é a única que o machuca se você nem pode dar-lhe a chance de um compromisso.

Ela se afastou de sua cadeira para encará-lo, mas uma parte de sua fúria se perdeu em seus sessenta centímetros de diferença de altura. — Você não sabe nada sobre mim ou ele, você é um pedaço de merda. — Ela apontou para a porta. — Você conseguiu o que queria dele. Agora, procure outra pessoa para ferrar.

—Ferrar? A sério? Você não pode trazer a linguagem picante para ir com seu insulto? Isso é como servir tacos sem molho de pimenta. Ou dar uma festa do Super Bowl sem álcool. É a porra de um crime.

— Eu não gosto de xingar — afirmou.

Bem, agora, isso foi inesperado. Os demônios tendiam a ser bastante liberais com o que os humanos consideravam a

linguagem grosseira. — Eu não confio em pessoas que não xingam.

— Por que não?

— Porque as pessoas que não xingam estão julgando em silêncio você. Agindo como moralmente superiores, mas é apenas uma encenação. Você sabe que eles estão pensando uma merda ruim, eles simplesmente não vão dizer isso.

— Talvez eles estejam sendo educados.

— Ou talvez eles não estejam sendo sinceros.

Ela zombou. — Foda-se.

— Vê? Isso é sincero. — Ele passou por ela e foi até a porta da frente. Antes de partir, ele não conseguiu resistir em adicionar: — Diga a Raze que eu o verei mais tarde.

Eu também a verei Fayle.

CAPÍTULO 08



Oh maldição... eu vou gozar...

As palavras saíram dos lábios de Raze em uma corrida incoerente quando o orgasmo o pegou. A boca de Slake era mágica, sugando e lambendo, tirando tudo o que Raze tinha para dar. Quando o clímax diminuiu, outro bateu nele, seguido de outro e outro. A mão de Slake caiu para amassar as bolas de Raze com uma leve pressão, arrancando até a última gota e até o último arrepio dele.

Porra, o cara era incrível. Quando o brilho inebriante de um sexo realmente ótimo o aqueceu, ele ficou vagamente consciente de um formigamento de energia pulsante fluindo através seu *dermoire*, e ele teve o desejo mais estranho de virar Slake, travar mãos e corpos, e... e o que? Vincular-se a ele?

Os demônios Seminus machos não podiam se vincular com outros machos. Eles só poderiam levar as fêmeas a serem suas companheiras. Então, por que diabos o corpo reagiu a ...

Um tinir metálico o fez saltar. Outro tinir, desta vez acompanhado de uma pressão dura e fria em torno de seu tornozelo, abriu os olhos e a névoa sexual desapareceu.

— Slake — ele falou. — O que você está... — Ele piscou ao ver Fayle montada sobre suas coxas. Seus lábios brilhantes e seu pau molhado deitado na sua barriga deixaram claro que ele teve um orgasmo, tudo bem, mas não com Slake.

— Você estava dormindo por cerca de quatorze horas — ela disse, e eram seus ouvidos impregnados pelo sono ou ela soou... triste? — Eu cuidei de você antes...

— Antes de termos uma repetição da outra noite?

Suas sobranceiras se levantaram de surpresa ao desafio em sua pergunta. Inferno, até mesmo ele se surpreendeu. Ele costumava ser aquele que deixava as coisas de lado para manter o status quo, mas algo havia mudado, e ele não estava mais contente com a forma como ele e Fayle estavam vivendo.

Não, não vivendo. *Sobrevivendo.*

Ela está impedindo você de ser feliz.

As palavras de Slake preencheram seus ouvidos como se ele ainda estivesse deitado ali ao lado dele, e não era engraçado, depois de conhecer Raze por tão pouco tempo, ele destilou sua vida com Fayle em uma única frase.

— Não — ela disse suavemente. — Antes que eu parta.

— Parta? — Deuses, ele estava dormindo, confuso. Nada fazia sentido.

Inclinando-se para frente, ela colocou uma mão em sua bochecha. — Eu disse a você que é hora de me mudar.

— Espera... o que? — Ele se inclinou para sentar, e franziu a testa para o que parecia ser um grilhão grosso em torno de seu tornozelo. E o grilhão estava conectado a uma corrente pesada que ele supunha estar presa em algo sólido.

Instantaneamente, Fayle saltou, pousando como gata no chão antes de voltar para a porta. Uma suspeita sombria e terrível brotou quando ele puxou a corrente. Como suspeitava, estava presa em volta do brilhante pilar azul perto do banheiro.

— O que diabos está acontecendo, Fayle? — Ele rosnou. — Conte-me. Neste. Fodido. Momento.

— Eu lhe disse. — O tremor em sua voz deu-lhe a esperança de que ela não estivesse decidida em qualquer curso que tivesse estabelecido. — Estou indo embora.

— E você pensou que precisava me acorrentar para me dizer isso?

Ela pressionou seu lábio inferior por um momento antes de perguntar: — Você vai comigo?

— Fayle, vamos falar sobre isso. Solte-me, e vamos

resolver isso.

Ela empurrou o cabelo para fora do rosto com um empurrão frustrado. — O Thirst está destruído. E o Underworld General ficará bem sem você. Eu vou liberá-lo se você vier comigo. Diga sim. Nós podemos ir a qualquer lugar que você quiser.

— Você está me chantageando? — A raiva rolou, fresca e quente. — Eu tenho que fazer o que você quiser ou você vai me deixar aqui para morrer? — Ele puxou a corrente. — Bem. Eu irei com você. — Ele estava mentindo, mas agora, ele estava disposto a dizer qualquer coisa para se libertar.

— Desculpe, Raze — ela sussurrou. — Mas eu não acredito em você.

Maldita seja!

— Por que você está fazendo isso? — Ele gritou. — Depois de tudo que passamos juntos?

Ela sorriu com tristeza. — Eu sou um demônio, Raze.

— Eu também sou! E eu não prendo pessoas em nenhum poste maldito!

— Você sabe tão bem quanto eu que alguns de nós são mais demoníacos do que outros. — Havia um engate emocional em sua voz que ele poderia ter imaginado, exceto que seus olhos estavam marejados. Bom. Pelo menos, ela sentia-se mal com o que estava fazendo com ele. — Eu te amo, mas tenho que ir.

— Isto é amor? — Ele puxou as correntes novamente. — Não faça isso. Por favor.

— Eu tenho. Alguém está atrás de mim. — Ela ergueu o telefone. — Mas não se preocupe, eu já deixei uma mensagem para o seu garoto amante vir te resgatar.

— Garoto amante?

Ela revirou os olhos. — Slake. Pergunte-lhe por que tenho que ir. E não me diga que você já o esqueceu. Você estava gemendo seu nome enquanto eu estava chupando você.

— Solte-me — ele rugiu quando saltou da cama. — Porra,

Fayle, você não pode fazer isso!

Muito gentilmente, ela colocou o telefone e um conjunto de chaves em uma prateleira perto da porta, bem fora de seu alcance. — Eu vou sentir sua necessidade — ela disse. — Se ele não vier por você, eu chamarei o hospital antes que você morra.

— Que reconfortante — ele criticou.

— Eu sinto muito.

Com um rugido, ele se atirou, mas as correntes se mantiveram, e a dor rasgou por sua perna quando ele foi puxado, duro, fora de seus pés para pousar com um baque no chão de concreto. Fayle fugiu e, enquanto ele se levantava com raiva, ele a ouviu se apressar pelo apartamento. Um momento depois, a porta da frente fechou-se.

Ele estava sozinho. E se Slake não aparecesse nas próximas 12 a 16 horas, ele estava com muitos problemas.



Qualquer um que conhecesse Slake bem riria dele agora mesmo. E depois que eles acabassem de rir, eles o matariam por ser um idiota.

Do lado de fora do mais novo dos escritórios da Dire & Dyre, em Tóquio, ele olhou para as portas de vidro ornamentadas e se perguntou se realmente deveria fazer isso. Se ele deveria deixar que seus sentimentos por Raze afetassem sua tarefa.

Não, ele sabia a resposta para isso: ele não deveria. Mas pela primeira vez em sua vida, a culpa estava comendo-o. E a coisa era a culpa que ele poderia lidar. Ele poderia aprender a ignorá-la e continuar com seu trabalho. Mas o que ele não podia lidar era o sentimento profundo de que Raze era algo especial, e se Slake não explorasse um relacionamento com ele, ele se arrependeria pelo resto de sua vida.

O que poderia ser muito curta se ele fosse ao Dyre com

sua ideia.

Ele voltou a olhar as portas, observando quando um demônio disfarçado de uma mulher negra de meia idade saiu do prédio como se estivesse sendo perseguida por monstros. O sangue jorrava de seu nariz, lágrimas escorriam por suas bochechas e o terror emanava dela em ondas amargas e ácidas que queimavam as narinas de Slake.

Se Slake se lembrava direito, ela era uma dos mais de trinta advogados empregados por Dire & Dyre em Tóquio.

O chefe deve estar tendo um dia realmente ruim.

Inalando profundamente, ele entrou no prédio, e no momento em que as portas se fecharam, todo o barulho da cidade foi silenciado. Em vez disso, uma versão horrível e leve de "*It's a Small World*" tocava pelo lobby repetindo sem parar. Slake sabia que era incessante, porque em todos os anos que ele esteve trabalhando aqui, nunca ouviu nenhuma outra música.

Dyre era malditamente diabólico.

Slake se aproximou da recepcionista, uma shifter hiena com um cabelo loiro quebradiço e um caso perpétuo de mau humor.

— Ei, Richelle...

— O Sr. Dyre está ocupado.

— Tenho certeza que se você me deixar entrar na sua ala, seu assistente pode...

— Não pode. — Ela tocou na tela do computador. — Diz aqui que ele está ocupado pelo resto do dia.

Ele sorriu, mas só porque mostrar os dentes seria grosseiro. — Apenas me dê um cartão do elevador. — Ele gesticulou para o corredor norte, onde, no final, estava o elevador que levava as pessoas diretamente ao topo do prédio, onde o escritório de Dyre ocupava todo o piso.

— Você gosta de seus olhos? — Ela perguntou agradavelmente. — Porque eu gosto dos meus, e o Sr. Dyre disse que os removeria com seus próprios dentes se eu deixasse

alguém ir lá em cima. Então, vá se foder Sr. Slake.

— Abusada — ele murmurou, enquanto ele pegava seu telefone no bolso. Porra, ele deve ter deixado isso em casa esta manhã. Ele estava muito ocupado rastreando mais cordas para Fayle para lembrar. Ah, bem, o Plano B. Ele sorriu novamente para a recepcionista. — Preciso de seu telefone emprestado.

— Sr. Dyre também não quer ser incomodado por telefonemas também.

— É isso que a sua pequena tela de computador diz?

Ela bateu os olhos para ele. — Não. Eu simplesmente não gosto de você.

Deuses, ele odiava hienas. De todos os shifters, eles eram os piores. Arrogantes, cruéis e adoravam apertar os botões. Apenas, aparentemente, não botões de discagem de telefone.

— Olhe — ele disse, baixando a voz enquanto se inclinava sobre a mesa, entrando em seu espaço pessoal e encarando-a. — Isso é realmente importante. Tem a ver com um trabalho em que Dyre está muito interessado. Então, você me liga com ele agora mesmo, ou eu prometo, seus olhos serão a menor de suas preocupações.

Ele estava mentindo, mas ele era bom nisso, e a dúvida encheu os olhos em questão, transformando-os em verde turvo. Um momento depois, ela discou sem palavras para o escritório de Dyre e entregou a Slake o fone.

Dyre respondeu no quinto toque. — O que?

— Ei, chefe, é Slake.

— Por que você está me chamando do lobby?

Slake sorriu para a recepcionista, que olhou furiosa para ele e se concentrou em bater no teclado do computador. — Porque eu não tenho hora marcada — ele disse. — Olha, eu tenho uma ideia. Que tal você atribuir minha tarefa a outra pessoa? Me dê algo mais desafiante.

— Não.

Idiota.

— Apenas ouça. Eu a encontrei. Eu sei onde ela está,

então tudo o que alguém precisa fazer é levá-la.

— Então, por que você ainda não fez isso?

Boa pergunta. Mas se ele pudesse convencer Dyre a reatribuir a missão, ele poderia dizer a Raze o que estava acontecendo, dar-lhe uma chance justa de fazer o que ele e Fayle fizeram tão bem por décadas: se esconder.

— É complicado...

— Eu não ligo — disse Dyre. — E agora sua insolência lhe custou. Estou reduzindo o seu tempo pela metade. — O riso sinistro de Dyre crepitou no ar que tinha ficado tão frio que Slake podia ver sua respiração. — Três dias, Slake. Eu a quero no meu escritório no final do terceiro dia, ou eu prometo que vou fazer cada segundo do resto de sua vida um inferno, e então, no dia em que você morrer, vou passar cada momento acordado encontrando maneiras para fazer sua alma gritar. Você entendeu?

Sim. Slake entendeu muito bem. Entendia que ele estava ferrado. E quando ele entregou o telefone de volta a recepcionista, seu sorrisinho alegre disse que ela sabia disso também.

CAPÍTULO 09



Raze só tivera esse tipo de dor algumas vezes antes. Era algo que ele esperava nunca mais experimentar, e ele não devia ter que fazê-lo. Seu arranjo com Fayle desde então deveria ter sido permanente. Eles eram parceiros. Amigos.

Ela o traiu.

O conhecimento acrescentou uma camada emocional à agonia física destruidora que o atravessava. Seu coração doía mesmo quando suas entranhas apertavam e seu pênis sentia como se alguém estivesse empurrando as unhas nele. A necessidade sexual era uma coisa irritante e contorcida dentro dele, uma besta tentando sair de sua pele.

Se o fizesse, nenhuma fêmea estaria segura.

Ele tinha presença de espírito suficiente para saber que, mesmo que Slake aparecesse agora, ele não poderia libertá-lo. Na verdade, ele precisaria ser contido ainda mais, ou ele machucaria qualquer mulher trazida para ele.

Mas e se Slake não viesse por ele? E se ninguém viesse? Fayle poderia ter mentido sobre chamar o Underworld General para enviar ajuda. Ou algo poderia ter acontecido com ela antes que pudesse fazer essa chamada.

A miséria o lançou como se tivesse sido empalado pela virilha, e ele caiu de joelhos, tremendo, ofegante, tentando não vomitar. Seu pênis latejava e, por um momento cego, ele quase pressionou o bastardo. Mas não, ele afastou a mão, lembrando-se da vez em que foi emboscado por meia dúzia de demônios Nightlash. Eles o arrastaram até sua cova e jogaram-no em um

poço, onde ele havia ficado preso por horas, sua necessidade de sexo tornando-se mais crítica a cada minuto.

Pouco antes de ele delirar de agonia, tentou aliviar-se, e durante alguns segundos, a sensação de se acariciar aliviou algumas das dores. E então, como se o seu corpo soubesse que ele estava tentando enganá-lo, a dor rugiu dez vezes pior, até que jurava que seus testículos estavam sendo esmagados e a pele estava sendo removida de seu eixo.

Felizmente, ele desmaiou.

Mas acordar novamente o despejara de volta no pesadelo. Fayle o havia rastreado, e ela trouxe uma dúzia de bandidos contratados com ela. Eles haviam abatido os Nightlashes, e Fayle tinha saltado no poço para salvar sua vida.

Raze não se lembrava muito do que aconteceu depois disso, mas Fayle levou dois dias para se recuperar completamente.

Slake, cara, onde você está?

Com certeza, era estúpido esperar que um macho que ele só conheceu por alguns dias viria ao seu resgate, mas neste momento, a esperança era tudo que Raze tinha. Ele tentou todo o resto. Ele se bateu no poste de metal, mas a coisa não se moveu, e muito menos curvou. Ele tentou quebrar a corrente, puxando-a e esmagando-a com vários objetos pesados e duros, como o estrado da cama e a mesa de cabeceira. Ele tentou gritar por ajuda. Saltando para cima e para baixo no chão. Ele até considerou serrar o pé, mas o objeto mais afiado que ele conseguiu encontrar era a borda opaca de um suporte de metal na moldura da cama, e não havia como o suporte resistir ao osso.

Ele ia morrer aqui, não ia?

O toque abafado de seu telefone penetrou seus pensamentos mórbidos e a profunda agonia. Ele e as chaves, que assumiu que iria desbloquear o grilhão em torno de seu tornozelo, caíram sob a cômoda depois que ele tentou usar um cobertor para derrubá-los para mais perto dele. Agora, não

havia como ele pudesse chegar até eles. Talvez quem estivesse ligando se preocupasse quando não atendesse o telefone. Talvez eles viessem.

E talvez ele fosse um maldito idiota.

Ninguém viria. Ele estava ficando sem tempo, e a cadela era que, em questão de minutos, uma hora e meia, ele estaria tão distante que não se importaria.

Quando seus músculos se apertaram com tanta força que ele sentiu o estalo excruciante de suas costelas quebrando, era hora de admitir que ele já estava, essencialmente, perdido.



O dia de Slake acabou ficando pior e mais agitado. Como se as coisas não fossem ruins o suficiente, ele não conseguia encontrar seu telefone. Atrox devia acompanhar os movimentos de Fayle e enviá-los para um aplicativo prático de mercenário desenhado pelos melhores desenvolvedores de software demoníaco do planeta. Slake gostava especialmente da função de planejamento de sequestro. Aqueles geeks demônios bobos eram bons.

Ele fechou a porta da caminhonete com força o suficiente para fazer a velha Land Rover balançar em seus pneus de neve. O telefone não estava lá, e o estranho era, ele sentiu uma fração de segundo de alívio, porque se ele achasse a coisa e Raze não tivesse chamado, ele ficaria mais desapontado do que gostaria de admitir.

Ele passou por sua casa a seguir, arruinando a pequena cabana de um quarto até parecer o dia em que ele mudou há vinte anos. Ele desempacotou gavetas, arrancou almofadas e praticamente destruiu sua cama em um esforço para encontrar o telefone estúpido.

Então, quando ele se abaixou para pegar uma almofada do sofá do chão, um brilho chamou sua atenção. Lá estava,

escondendo-se sob o suporte da TV.

Amaldiçoando-se a mil infernos, ele conectou o objeto a uma tomada e teve que esperar segundos preciosos para que a bateria morta ganhasse carga suficiente para que o telefone ligasse. Depois do que pareceram dias, ele finalmente saiu da tela inicial, verificou as mensagens, e seu intestino bateu quando viu o número de notificações esperando por ele.

Havia vários textos da Atrox. E um de Dyre que veio após o incidente divertido no escritório de Tóquio. Provavelmente outra ameaça.

E lá... merda profana, havia uma mensagem de voz de Raze.

Mãos tremendo, pressionou o botão Play e sua respiração captou o som inesperado da voz de Fayle.

— Aqui é Fayle, seu idiota vil. Eu sei que você foi enviado para me encontrar, e eu sei quem o contratou. Então confie em mim quando eu digo que eu preferiria estripar-me com uma escova de dentes do que pedir por sua ajuda, mas... seja como for, não lhe devo uma explicação. Raze está acorrentado em nosso apartamento. Ele precisa ser liberado antes das dez da noite ou ele vai morrer. Assim... sim. Ajude-o. Ah, e foda-se. Eu digo isso com *sinceridade*.

Que diabos? Ela o tinha acorrentado? Por quê? E espere...

Ele olhou para o relógio e o coração dele bateu em sua garganta. Ela disse dez da noite. Era meia-noite, horário de Nova York. *Fodida meia-noite*.

Ele teve que desperdiçar um valioso tempo dirigindo para o Harrowgate mais próximo de sua cabana remota, mas uma vez que chegou ao local, a três quilômetros de distância, ele bateu no portão em uma corrida e apareceu perto do Thirst. Em uma explosão de velocidade, que ele não sabia que era capaz de fazer, ele passou pelos restos carbonizados do clube para o beco nos fundos e praticamente voou o lance das escadas.

A porta do apartamento estava destrancada, e no momento em que ele entrou, ele foi atingido por uma onda de o

que ele só poderia descrever como uma agonia erótica. Era como se o próprio ar estivesse carregado de sexo e dor, e a parte mais louca era que, enquanto ele corria pela sala de estar em direção ao quarto, seu pau ficou duro.

E então ele parou bruscamente ao ver Raze.

Ele estava torcendo em agonia no chão, sua pele rasgada como se tivesse tentado arrancá-la. O sangue escorria por sua perna ao redor do tornozelo onde estava presa, e entre respirações ofegantes, ele estava gemendo.

— Oh merda — sussurrou Slake.

A cabeça de Raze dirigiu-se para a porta, e o fôlego de Slake ficou preso em sua garganta. Os olhos de Raze brilhavam em um profundo carmesim, cheio de fúria e dor. Os dentes à mostra, Raze rosnou e pulou, apenas para ser puxado para trás pela corrente. E aquela ereção... puta merda, o Sem deveria estar em plena agonia.

Lentamente, Slake avançou. — Calma — ele murmurou, mantendo a voz baixa e tranquila, da maneira como ele uma vez havia persuadido um cão ferido sair de um bueiro perto da beira de uma estrada. — Estou aqui para ajudar. — Como, ele não tinha ideia.

Raze agachou de forma defensiva, e um grunhido, como se tivesse sido extraído dos poços mais profundos do inferno, sacudiu seu peito. Ele envolveu um braço trêmulo protetoramente em torno de sua barriga, e algo no peito de Slake apertou.

— O que você precisa que eu faça? — A resposta óbvia era conseguir uma fêmea para ele, mas de nenhuma maneira ele iria sujeitar qualquer pessoa a isso. Bem, ele jogaria Fayle em Raze em um piscar de olhos, mas tinha certeza de que ele não tinha tempo para encontrá-la.

Uma parte secreta e vergonhosa dele estava contente, mesmo porque ele não gostava de ver Raze transar com outra pessoa. Raze era dele. Talvez fosse apenas temporário, e talvez fosse errado pensar nele dessa maneira, mas que se dane.

Slake passara a vida inteira sabendo o que queria e quem queria ser, e pela primeira vez encontrou alguém que poderia aceitar essa pessoa.

Então, por enquanto, Raze era dele, e ele não o deixaria morrer.

— Ok, amigo, aqui está o plano. Eu vou derrubar seu traseiro, e então vou levá-lo ao Underworld General. Eles podem ajudá-lo. — Ele esperava. Certamente, um hospital administrado por demônios Seminus saberia como lidar com um de seus próprios tipos.

A única resposta de Raze foi um estremecimento e um gemido.

Preparando-se para uma batalha, Slake atacou Raze, passando o braço pelo pescoço do cara e jogando-o no chão. Mas merda, o que quer que Raze estivesse passando parecia ter lhe dado superforça, e em uma série rápida de movimentos espantosamente ágeis, Raze fez Slake ficar preso como um perdedor da WWF. E não apenas um perdedor. Como um amador que foi agarrado da plateia e jogado no ringue com um campeão.

Raze rasgou as calças de Slake, rasgando o zíper de forma tão violenta que os botões voaram pelo quarto e as costuras rasgaram. O pau de Slake estava tão duro que ele poderia bater prego com ele, saltou livre, pronto para a ação.

Slake nem teve tempo de pensar antes que Raze o levantasse e o jogasse de cara na cama. Slake torceu, mas Raze foi mais rápido, e nesse estado, ele era mais forte... impossivelmente forte. Em segundos, ele colocou a calça de Slake em torno de seus joelhos.

Deus, o cara estava tão distante, tão desesperado por sexo, que o fato de Slake ser macho não importava. Mas, em última análise, isso importaria, não importaria? Se Raze não pudesse gozar...

Ele ouviu o som de Raze cuspir, e girou a cabeça o suficiente para vê-lo espalhar umidade em seu pênis.

Slake prendeu a respiração, sua mente frenética ao considerar suas opções, porque, embora sua ereção latejasse como uma filha de puta e seu corpo desejasse Raze com uma intensidade que ele nunca experimentou antes, seus instintos gritaram para lutar. Suas mãos estavam livres e ele sabia que poderia parar isso. Ele teria que ferir Raze para fazê-lo, mas, oi, não era como se Slake não tivesse machucado nem matado antes.

Raze olhou para cima, encontrando o olhar de Slake, e por um momento, o tempo parou. Atrás da fúria e da dor no fundo dos olhos carmesins de Raze, havia reconhecimento. Uma sombra de agonia passou por sua expressão, e o coração de Slake parou.

Raze não queria fazer isso. — Não — Raze sussurrou, sua voz era puro tormento. — Eu... não posso... — Ele tropeçou um passo, dobrou e gritou. Gritou como se estivesse sendo esfolado vivo.

Ele iria se deixar morrer.

A estridente realidade bateu em Slake na cabeça como um golpe do punho carnudo de um troll. Raze era um curandeiro que preferia morrer do que causar dano. Ele não era como Slake. Ele não era como qualquer um que Slake alguma vez conheceu, e de repente, não bastava apenas conseguir ajuda para Raze. Slake queria, precisava, dar a Raze algo que ele nunca tinha dado a ninguém.

Rendição total.

Pela primeira vez em sua vida, Slake deixou de lutar. Isso não era sobre ele. Não se tratava de uma batalha para ser aceito por suas escolhas. Trata-se de dar a alguém o que ele precisava.

Valia a tentativa. Qualquer coisa valia a pena tentar.

— Venha para mim, Raze — ele disse. — Agora.

Não houve hesitação. Apenas um peso súbito, uma pressão súbita contra seu traseiro e, em seguida, a dor ardente de ser esticado. A dor cedeu rapidamente ao prazer quando

Raze começou a empurrar. Desesperadamente. Violentemente.

Os dedos de Raze cavaram em sua pele, raspando e cavando, mas a agonia só se somou à onda de êxtase que explodiu sobre Slake enquanto Raze agitava em cima dele.

O pau de Slake, comprimido entre o corpo e o colchão, não parecia notar a falta de atenção. Com cada bombeada dos quadris de Raze, Slake sentia como se estivesse sendo acariciado. Sua ereção pulsou e suas bolas se apertaram, e quando Raze caiu para frente e mordiscou a curva entre o pescoço e o ombro, Slake gritou em êxtase.

Ele gozou duro, umidade quente se espalhando por sua barriga. Raze ainda estava indo, a fúria de sua paixão cobrindo a pele de Slake onde eles se tocavam. Slake voltou a gozar com tanta força que sua visão cintilou, e então Raze estava rugindo. Por um segundo, Slake ficou frio, temendo que Raze tivesse chegado ao ponto de fracasso e dor, mas depois... então sentiu a gloriosa sensação de ser preenchido.

Os pulsos eróticos dispararam direto para a sua virilha, e outro orgasmo o rasgou. Virou sua mente. Seus sentidos. Tudo se desligou, exceto os receptores de prazer, que estavam disparando em excesso de velocidade. O tempo tornou-se um clímax maciço, e assim quando ele estava prestes a implorar misericórdia, porque certamente seu coração não podia mais suportar, Raze parou de se mover e colapsou em cima dele.

A tempestade sexual terminou. Ambos haviam sobrevivido.

Mas o que realmente isso significava?

CAPÍTULO 10



A consciência veio lentamente para Raze, arrastando o seu caminho para fora do poço negro em que havia sido enterrada. Um corpo estava embaixo dele. Um corpo duro. Um corpo ofegante que tinha sido claramente forte o suficiente para sobreviver ao ataque sexual que Raze só podia lembrar em partes enquanto sua mente tentava montar o quebra-cabeça dos eventos.

Algo pegajoso cobria sua pele, e um sabor metálico e esfumaçado girou em sua boca. Sangue? Por que haveria sangue?

Ele se moveu, sibilando de dor em suas articulações e músculos. Seu pênis escapou do calor que o rodeava, e ele ouviu um gemido. Dele? Ou o som pertencia ao seu companheiro de cama?

E por que ele não podia ver?

Ele abriu os olhos. E uau, que diferença fez. A luz fraca que se espalhava no quarto da cozinha era quase demais para suportar, mas quando ele virou a cabeça, o que ele viu era definitivamente demais para suportar.

O quarto estava destruído, havia sangue em todos os lugares, e debaixo dele, oh, inferno sagrado... Slake.

— Oh merda — ele grunhiu. — Oh... *foda*. Ele se afastou de Slake, só agora percebendo que ambos estavam deitados apenas na metade da cama, as pernas penduradas para o lado, os joelhos no chão. Os músculos inúteis de Raze fizeram com que ele ficasse desajeitado e sacolejando enquanto os puxava

para o colchão e colocava Slake de lado. Contusões e profundos arranhões e sangue marcavam sua pele, e a boca de Raze encheu de bile com a visão da marca de mordida selvagem em seu ombro. — Slake? O que diabos eu fiz? *Slake?*

Os olhos de Slake se abriram, e Raze preparou-se para ver o ódio e repugnância nas profundezas escuras e lindas de seus olhos. Em vez disso, havia apenas curiosidade sonolenta.

— Ei. — A voz de Slake estava tão rouca quanto a de Raze. — Você está bem?

A boca de Raze ficou aberta.

— Estou bem? Você é o único que eu... — Ele engoliu em seco. Engoliu de novo. Mas nada parecia suavizar a náusea que brotava de seu estômago.

Levantando-se em um braço, Slake estendeu a mão para acariciar gentilmente a bochecha de Raze.

— Estou bem. Deuses, estou tão bem. Eu fiz uma bagunça de seus lençóis, no entanto.

Os lençóis? Slake estava brincando sobre lençóis com sangue e sêmen?

— Droga, Slake, eu te ataquei! Eu...

Slake se sentou e segurou os ombros de Raze, ficando bem na sua cara.

— Escute-me. Você recuou. Você estava disposto a sofrer para me poupar. Eu poderia ter me afastado. Eu escolhi ficar. Eu escolhi, Raze.

— Mas...

— Não. Eu sabia no que eu estava entrando. — Ele fez uma pausa, e Raze prendeu a respiração, com medo de que Slake revelasse algo horrível. — Bem, mais ou menos. Mas então... maldito seja, me senti bem. E você não parecia se importar que eu fosse macho.

Ao fechar os olhos, Raze balançou a cabeça, esperando que algumas lembranças voltassem ao lugar.

— Isso não deveria ter acontecido. Eu deveria... — Ele interrompeu uma inspiração afiada, pois as implicações do que

aconteceu afundaram.

Ele gozou. Com um macho.

Um *macho*.

Não era possível. Talvez isso fosse um sonho. Ou talvez ele estivesse morto.

Sua mente girou, incapaz de processar tudo o que aconteceu. Ao redor dele, o mundo ficou confuso e os sons ficaram minguados, como se ele estivesse sendo mantido debaixo d'água. Ele começou a suar frio e, distante, ouviu a voz de Slake, sentiu-se abalado. O que estava acontecendo? Ele ouviu-se murmurar algo sobre as chaves, e então tudo ficou preto.



— Raze? — Um pico de adrenalina fez com que as mãos de Slake tremessem quando ele pegou Raze pelos ombros e sacudiu-o. — Raze!

Nada.

Raze estava desmaiado, e enquanto seu pulso estava forte e sua respiração firme, Slake tinha certeza de que não reagir depois do sexo era uma coisa ruim. Fayle tinha machucado ele? Foi Slake? E se estar com um macho tivesse causado danos permanentes?

O terror gelado encheu a cavidade do tórax de Slake. Isso poderia ser sua culpa. Tudo isso poderia ser sua culpa, até Fayle acorrentando-o por ciúmes ou alguma porcaria.

Ignorando suas dores e tremores, ele procurou em suas roupas o telefone e ligou *666 para Underworld General. Uma voz feminina respondeu.

— Underworld General Hospital. Como posso direcionar sua ligação?

— Eu preciso... merda, não sei o que preciso.

— Isso não é muita ajuda, senhor.

Certo. Sim. Ok. Talvez a chamada fosse estúpida. Ele levaria Raze para o hospital. — Deixa pra lá.

Ele desligou, pegou suas roupas e encontrou um conjunto de chaves debaixo da cômoda, exatamente onde as divagações quase incoerentes de Raze disseram que elas estariam. Depois que ele abriu o grilhão ao redor do tornozelo de Raze, Slake o enrolou em um cobertor e puxou seu pesado traseiro para o Harrowgate. Ele passou o dedo pelo símbolo do hospital na parede, e um instante depois, ele estava entrando no departamento de emergência.

Imediatamente, duas pessoas vestindo uniforme médico se apressaram. Uma, uma médica que ele tinha visto antes, aquela com mechas azuis no cabelo preto e um crachá que dizia Gem, guiou-o até uma sala de exames vazia.

— O que aconteceu? — Ela perguntou enquanto gesticulava para Slake colocar Raze sobre uma mesa.

— Eu acho que ele precisa de um médico que seja um demônio Seminus para lidar com isso.

Ela franziu a testa, mas não parou quando verificou suas vias aéreas, respiração e batimento.

— Então isso está relacionado a espécie? Sexo?

— Eu acho que sim.

— Está tudo bem — ela disse com firmeza. — Minha irmã está acasalada com um Sem. Eu sei mais sobre eles do que eu realmente quero. — Ela socou o esterno de Raze, mas não houve resposta. Mesmo Slake sabia que isso era um sinal ruim. — O que aconteceu exatamente? Você o achou assim?

— Não. — Ele a viu terminar de inspecionar as feridas auto infligidas de Raze e então cobrir sua metade inferior com um lençol. — Quando cheguei a sua casa, ele estava enlouquecido e violento. Ele precisava de sexo.

Ela agarrou seu pulso. — Ele conseguiu, ou ele é...

— Ele conseguiu — disse Slake, esperando que ele não tivesse que entrar em detalhes. — Mas então ele desmaiou.

— Onde está a fêmea? — O olhar de Gem caiu para as

mãos ensanguentadas de Raze enquanto preparava um kit IV. — Ela não pode estar em boa forma.

— Ah... — Slake nunca foi tímido em relação a sexo, mas isso era seriamente desconfortável. Não só para si, mas também não queria trair o segredo de Raze. — A parceira está bem.

— Diga a ela que ainda pode ser uma boa ideia ser examinada. — A médica pressionou um botão na parede, mas Slake não tinha ideia do que era. — Agora, eu preciso que você espere lá fora.

Slake hesitou. Ele estava certo de que Raze estava em boas mãos, e não era como se Slake pudesse fazer qualquer coisa sobre sua condição atual, mas ainda assim, a ideia de deixá-lo assim... Isso o incomodou. Raze estava vulnerável agora, e Slake tinha o mais estranho desejo de ficar ao seu lado como um cão de guarda.

— Ele vai ficar bem? — Ele perguntou, precisando de confirmação antes que ele pudesse partir.

Gem ofereceu um sorriso reconfortante. — Eu estou ligando para um especialista, mas não me preocuparia demais. Sua cor é boa e seus sinais vitais são estáveis. Dê ao recepcionista seu contato, e nós falaremos com você quando pudermos.

Relutantemente, Slake deixou Raze aos cuidados da médica, mas ele não ficou por perto. Fayle tinha feito isso com Raze. Ela o acorrentou e o deixou sofrer. Slake precisava terminar o trabalho que ele havia iniciado, mas agora capturá-la não era inteiramente sobre sua alma. Agora também era sobre vingança.

Fayle acabou de tornar isso muito, muito pessoal.

CAPÍTULO 11



De acordo com Eidolon, Raze esteve em coma por três dias. Três dias de merda. Quando ele olhou para o médico de sua cama de hospital, Raze piscou seus olhos embaçados. A última coisa que ele lembrou antes de acordar há alguns minutos foi fazer sexo. Com Slake.

Seu intestino agitou com lembrança, mas agora ele tinha que se concentrar em porque ele era um paciente no Underworld General.

Ele procurou em seu cérebro, procurando qualquer coisa que pudesse ser uma lembrança, mas tudo o que ele tinha na cabeça dele era Slake. E... Fayle. Sim, agora ele se lembrava dela o acorrentando, dizendo-lhe que estava indo embora. Isso aconteceu depois... depois que ele e Slake foram ao apartamento depois da explosão.

De repente, ele levantou-se na cama e agarrou a parte de cima do uniforme médico de Eidolon.

— Thirst... — Ele engoliu em seco, mas não fez nada para se livrar da rouquidão de sua voz. — Nate. Vladlena. Marsden. Meus amigos... quantos...

Lexi. Deuses, a morte dela voltou rugindo, e ele caiu sobre os travesseiros.

— Dez pessoas morreram na explosão — disse Eidolon suavemente. — Oito eram clientes, dois trabalhavam no Thirst. Não conheço seus nomes, mas posso consegui-los para você. Nate, Lena e Marsden estão bem.

Raze engoliu novamente. Com dificuldade. — Eu já conheço um dos nomes — ele disse, então ele precisava mudar

de assunto, e rápido. — Como eu cheguei aqui?

— Seu amigo Slake trouxe você quando você perdeu a consciência.

Raze balançou a cabeça, como se isso fosse libertar algumas lembranças. Não conseguiu. — Eu desmaiei?

Eidolon encostou sua mão em seus cabelos curtos e escuros, sua frustração evidente em seus movimentos rápidos e bruscos. — Tanto quanto podemos dizer, você passou muito tempo sem sexo, o que causou danos internos. O dano deveria ter cicatrizado rapidamente, mas quando tentei repará-lo com meu poder, nada aconteceu. Era quase como se algo estivesse drenando minha energia de cura. Nada do que fizemos podia repará-lo. Nós só ficamos esperando para ver o que acontecia.

Esperar e ver. As palavras mais comuns e exasperantes no mundo médico. Ele havia dito isso um milhão de vezes aos pacientes, e agora entendia por que eles nem sempre aceitavam bem essas palavras.

Ele passou a mão através da bata do hospital pontilhada com o caduceu do Underworld General, e tudo parecia estar bem. Ele se sentia bem. Nem sequer sentiu a necessidade de sexo.

E espere... enquanto um Sem estava se recuperando de lesões, a necessidade de sexo entrava em uma espécie de hibernação, mas no momento em que estavam bem, a necessidade deveria atingir como um soco na virilha.

— Se foram três dias, por que não estou enlouquecendo?

Eidolon, obviamente antecipando a pergunta, gesticulou para uma seringa cheia na bandeja de instrumentos próxima.

— Há alguns anos, desenvolvi uma droga para Wraith que aliviaria temporariamente os sintomas. Eu injetei em você nesta manhã depois que eu determinei que você estava curado o suficiente para a necessidade se manifestar. Você provavelmente tem de quatro a seis horas, na melhor das hipóteses, antes que a necessidade atinja você.

Ótimo. E então, o que? Ele ia procurar uma mulher... ou

Slake?

— Estou feliz que você acordou — continuou Eidolon. — Seu amigo é um pouco... persistente. Ele telefonou dez vezes por dia, e não sei por quanto tempo ele seria civilizado sobre a falta de um diagnóstico. — Ele pegou uma mochila no balcão e atirou para Raze. — Ele trouxe algumas roupas esta manhã. Ele não queria que você acordasse e não tivesse algo próprio para vestir.

A mão de Raze congelou enquanto ele alcançou a mochila. Essa foi a coisa mais atenciosa que alguém fez por ele em um longo tempo. Especialmente considerando o fato de Raze tê-lo atacado.

O pensamento tomou um deslizamento lento de seu cérebro para o intestino, onde a realidade estava assentada como um pedaço de enxofre irregular. Ele perdeu o controle e poderia ter ferido gravemente Slake. E se o coma fosse um resultado em ir contra o DNA Seminus e ter relações sexuais com um macho em vez de uma fêmea?

O que deveria ter sido uma descoberta feliz acabou de se transformar em uma pilha de merda, e quando ele puxou um moletom com capuz vermelho do Manchester United e um de jeans da bolsa, ele chegou à conclusão de que ele precisava ser claro com Eidolon.

O que o fez querer vomitar aquele pedaço de enxofre.

De pé para vestir o jeans, ele cuspiu isso antes que ele se acovardasse. — Alguma coisa está acontecendo, Doutor.

Percebendo claramente que isso não seria uma conversa leve e fofa, Eidolon afundou em uma das cadeiras ao lado da cama que tinha sido a casa de Raze por três dias.

— Conte-me.

Raze o imitou, sentando-se na cama. Então ele ficou apenas sentado lá. Olhou ao redor. Apertou os dedos em sua coxa.

— Seja o que for, você pode falar comigo — disse Eidolon. O cara poderia ser um dominante, mas ele sempre sabia como

colocar uma pessoa à vontade também.

Finalmente, Raze soprou uma respiração.

— Eu, uh... — *Apenas diga, cara.* — Eu sou gay. — Lá. Ele havia dito. Encolhendo-se interiormente, ele observou Eidolon, que, para seu crédito, manteve sua surpresa limitada ao arquear de uma sobrancelha negra.

— Dado o fato de que só temos orgasmos com as fêmeas, ser gay deve ser difícil para você.

Raze não pensou que Eidolon reagiria mal, mas sua resposta medida, totalmente livre de julgamento, ainda o surpreendeu. Seu respeito pelo médico aumentou ainda mais.

— É — admitiu Raze. — É solitário.

Eidolon inclinou a cabeça com um aceno lento.

— Então, o que isso tem a ver com sua situação atual?

— Não tenho certeza. Algo aconteceu. Quando eu estava furioso. Foi estranho. Bom, mas estranho.

— Você precisa me dar mais para continuar. — Eidolon soltou as pernas e cruzou-as nos tornozelos.

Isso era tão malditamente desconfortável para falar.

— Eu fui.. eu estava com um macho. E eu... não havia fêmea, mas eu... eu gozei.

Desta vez, ambas as sobrancelhas de Eidolon se ergueram, e sua cabeça realmente recuou um pouco. Depois de um momento de silêncio, inclinou-se para frente, apoiando os antebraços sobre os joelhos.

— Você tem certeza de que era um macho com quem você estava? Há muitos feitiços, truques...

— Tenho certeza.

O ceticismo não drenou completamente da expressão de Eidolon, mas pelo menos ele não empurrou. — Que espécie é esse macho?

— Duosos. Nunca tinha ouvido falar dessa até ele me contar.

— Interessante — pensou Eidolon. — Eles são isolacionistas. Raros fora de suas comunidades. Tão raros que

nunca conheci um, e nunca tratamos um aqui.

Raze manteve para si o fato de que Eidolon, de fato, conheceu um. — O que você sabe sobre eles?

— Não muito, e o que eu sei são principalmente rumores e especulações. Mas se você pode fazer sexo com um macho dessa espécie, então um dos rumores pode ser verdade. — Levantando, ele tirou o notebook do balcão e bateu no teclado. Ele estudou a tela por um momento, e depois voltou para Raze. — De acordo com Baradoc, que desenvolveu o sistema Demoniac de classificação biológica, demônios Duosos nascem femininos, e em algum momento de suas vidas, eles podem escolher se transformar em machos.

Raze ficou sentado, atordoado. A conversa de travesseiro que ele compartilhou com Slake voltou para ele, e as palavras que ele falou assumiram um novo significado.

Eles me aceitaram até eu me transformar em algo que não conseguiram entender: um macho que era atraído por outros machos.

Santo Inferno, ele quis dizer isso literalmente. Ele realmente se converteu em um macho.

— Se isso é preciso — disse Eidolon — e não há motivos para duvidar de que não é, então, talvez nossos instintos Seminus tenham ficado um pouco... mexidos, por falta de uma palavra melhor... na presença de um Duosos macho que costumava ser uma fêmea. — Os olhos escuros de Eidolon iluminaram-se com entusiasmo. Não havia nada mais que ele gostasse do que um mistério médico. — Você estará vendo esse macho novamente?

Eidolon também poderia ter-lhe dado um soco no intestino. Slake salvou sua vida e levou-o para o hospital, mas isso não significava que ele planejasse ver Raze de novo. Não que Raze pudesse culpá-lo se ele não o fizesse. Não depois do que Raze tinha feito com ele.

A memória permanecia, uma combinação desconfortável tanto de arrependimento quanto de excitação de que a única

coisa impossível que Raze queria toda sua vida, estar inteiramente com um macho, realmente aconteceu.

— Eu não sei.

— Bem, se você fizer isso, diga a ele que eu adoraria falar com ele.

Por “falar”, Raze imaginou que Eidolon queria dizer “picar, cutucar e tirar muitas amostras biológicas”.

— Vou avisá-lo.

A porta se abriu e o Dra. Shakvhan entrou. A succubus alta e curvilínea ofereceu um sorriso fraco. Durante todo o tempo em que Raze havia trabalhado no Underworld General, ele nunca a viu mostrar simpatia por ninguém, exceto um potencial parceiro sexual. Felizmente para ela, o fato de ela ser uma cirurgiã de primeira linha compensava a sua abordagem de merda a um paciente.

— Estou pronta para o procedimento — ela disse com determinação, e Raze franziu a testa.

— Qual procedimento?

Eidolon estava parado.

— Lembra-se que eu disse que algo era estranho com a maneira como você estava curando? Quando eu consultei a Dra. Shakvhan, ela disse que parecia familiar. Ela está aqui para testá-lo por uma ligação sexual.

— Uma o quê?

Shakvhan moveu-se como uma serpente. Um segundo, ela estava perto da porta, e a seguir, ela estava pressionando a palma de Raze na dela. — Isto vai doer...

Ele gritou enquanto sentia como um espinho preso em sua mão. — Que diabos?

— Shh. — A succubus cantarolava, e o calor abrasador se espalhava de sua mão por seu corpo, aumentando a intensidade até pensar que ele ia desmaiar novamente. O suor cobriu sua pele e seu coração batia cerca de um milhão de batidas por minuto, e assim que sua visão começou a borrar, ela o soltou. Sangue pingou no chão até Eidolon envolver a sua

mão com uma gaze.

— Assim como eu suspeitava — ela disse, com uma arrogância que só ela conseguia. — Ele está ligado a uma fêmea.

— Ligado?

Ela olhou para ele como se fosse um idiota. — De alguma forma, você permitiu que uma succubus se ligasse a você.

— Isso não é possível. Eu só estive com uma, e ela não faria... — Será que ela? Certamente Fayle não teria feito algo assim sem sua permissão?

— Seja o que for — murmurou Shakhvhan. — Mas estou lhe dizendo que uma succubus formou algum tipo de vínculo com você, e está drenando você.

Não. Raze se recusou a acreditar. Ele deve ter falado em voz alta, porque Shakhvhan bufou com impaciência. — Ela já conseguiu encontrá-lo, como, do nada? Você já quis se afastar dela, mas continuou sendo atraído de volta para ela? Você aguenta coisas que ela faz e você não tem ideia do porquê?

O intestino de Raze se agitou. Ele poderia responder sim a todas essas coisas. Este... elo... explicaria muito, na verdade.

— Como ele pode se livrar disso? — Perguntou Eidolon, evitando a humilhação de Raze.

Shakhvhan encolheu os ombros. — Ele pode matá-la. Isso cortaria a conexão. Ou ela pode removê-la se ela estiver inclinada.

Ainda meio entorpecido com a incredulidade de que Fayle poderia ter feito isso, Raze perguntou asperamente. — E se eu não conseguir encontrá-la?

— Então é uma droga ser você.

Raze apertou os punhos, pensando na sorte de Shakhvhan que o hospital operasse sob um feitiço de antiviolência. — Quão útil — ele afirmou.

— É possível — ela disse quando abriu a porta para sair — que outro vínculo poderia quebrá-lo.

— Como o nosso vínculo de acasalamento? — Eidolon

perguntou. — Se Raze passar pelo ritual de acasalamento, o vínculo que ele forma com outra fe... ah, pessoa, poderia cortar os laços que ele tem com a succubus que fez isso com ele?

— Talvez. — Shakhvan lançou a Raze um olhar curioso. — De qualquer forma, boa sorte.

Raze não gostava muito da médica, mas agora mesmo, ele pegaria toda a sorte que pudesse conseguir.



Slake esteve procurando por Fayle por três dias, e agora, quando seu prazo estava chegando às últimas horas, ele finalmente teve sorte.

Fayle o conduziu a uma perseguição pelas entranhas de Sheoul, onde ele havia se aproximado uma vez, em um bordel no Abismo Espectral. Mas de alguma forma, ela fugiu apenas alguns minutos antes de ele chegar.

A trilha ficou fria por um dia, e nem mesmo uma reunião com um vidente da Transilvânia lhe deu uma nova direção a seguir. Falhando nisso, ele havia ficado de tocaia em um pub do submundo para chocalhar alguma informação de um demônio feio e com chifres que fazia negócios regulares com o povo de Fayle.

Grande. Gordo. Fiasco.

Mas hoje a sua sorte tomou um rumo potencialmente salvador de almas. Usando uma amostra de cabelo que ele encontrou no quarto de Fayle, ele pagou um Apóstolo da Morte para realizar um feitiço de localização.

A succubus estava em Amsterdã.

Slake revirou sua cabana para terminar de carregar uma mochila com cordas, armas e algumas bombas de feitiços que selaria magicamente os quartos e o deixaria, e qualquer um que ele tocasse, temporariamente invisível. Ele olhou para o relógio e amaldiçoou. Ele tinha três horas antes de se esgotar o prazo de Dyre.

Quando ele caminhou em direção à porta da frente, seu telefone tocou. Esperando que fosse Raze, ele o arrancou do bolso. Seu coração deu uma enorme batida com a mensagem na tela.

É Raze. Estou bem. Chegando em casa em algumas horas. Me liga.

Dane-se telefonema. Slake precisava vê-lo. Para saber que ele estava realmente bem.

Mas primeiro, ele tinha que pegar Fayle. Enquanto ele levantava a mochila por cima do ombro, a sensação instantânea e alarmante de estar sendo observado fez o cabelo na parte de trás do pescoço se levantar.

— Olá, Damonia.

Slake congelou no meio de sua sala de estar. Ficou imóvel como um anjo estrangulado por seu próprio halo, como dizia o antigo ditado Sheoulic.

Ninguém o chamava com esse nome em décadas, e apenas uma pessoa era corajosa o suficiente para tentar.

Mas uma pena para Gunther que “corajoso” era apenas mais uma palavra para tolo.

Em um movimento suave, Slake tirou um *sinispherio* do bolso e girou ao redor.

— *Dhru'ga*. — O comando sussurrado lançou a pequena bola na cabeça loira do vampiro.

Gunther esquivou facilmente da arma... até que ela fez uma curva em U e perfurou seu ombro. Ele gritou enquanto sangue pulverizava do buraco que também arruinava o que provavelmente era uma jaqueta de couro muito cara.

Apertando a mão sobre o buraco, Gunther aproximou-se de Slake. — Que porra é essa? — Ele gritou, seu sotaque inglês fazendo-o soar quase razoável, mesmo em sua raiva. — Um pouco desnecessário, você não acha?

— Desnecessário teria sido enviar todo um enxame de *sinispheres* em você. — Slake flexionou a mão sobre o bolso e a dúzia de bolas letais restantes. — Mas não pense que não fique

tentado. Ou que eu ainda não esteja. — Fúria levantou-se tanto que ele teve que relaxar o maxilar para continuar. — Eu lhe disse na última vez que vi você, que se você voltasse, eu colocaria um buraco através de você. Você tem sorte que não foi em seu crânio.

Gunther sibilou, as presas peroladas que costumavam dar a Slake tanto prazer brilhando. — Você estava apontando para o meu crânio.

— E estou um pouco envergonhado pelo fato de que eu errei. — Slake fulminou Gunther com o olhar, esperando experimentar a vibração de atração que ele sempre sentiu quando Gun vinha rastejando de volta. Mas desta vez, tudo o que ele podia fazer era compará-lo com Raze, e o vampiro não podia ganhar. Não mais.

Gunther ficou ali, suas calças pretas cuidadosamente passadas, sua camisa de botão prateada tão engomada que teria medo de se enrugam. Ele sempre se vestiu impecavelmente, mas então, ele tinha passado mil anos acumulando riqueza, conhecimento e gosto.

— Você poderia ter me matado — disse Gunther, soando tão triste que Slake quase riu.

— Pare de choramingar. E pare de sangrar no meu chão. Acabei de ter o assoalho reformado.

— Veja, é por isso que nosso relacionamento não funcionou — disse Gunther, esfregando o buraco no ombro. — Você é um idiota.

— Não — corrigiu Slake — não funcionamos porque não sou fêmea, e você não conseguiu manter seu pau nas calças.

Os olhos azuis pálidos de Gunther brilharam. — Eu mudei. Eu quero você de volta.

Filho da puta. Não essa reprise novamente. — Você diz isso toda vez.

— E cada vez, você se apaixonou por isso — apontou Gunther, ainda tão arrogante como sempre.

— Não dessa vez.

— Uh-huh. — A expressão cética de Gunther irritou Slake. — E por que não desta vez?

Uma imagem de Raze brilhou em seu cérebro, mas ele rapidamente a deixou de lado. Sim, o demônio Seminus havia feito sexo com Slake, mas, além disso, estava cansado de não ser aceito pelo que era. Por quem ele era.

— Porque você nunca vai ficar bem com quem eu sou.

— Eu me apaixonei por quem você é.

Slake balançou a cabeça. — Você se apaixonou por quem eu era por fora.

— Damon — disse Gunther — se isso fosse verdade, eu não continuaria tentando estar com você.

— Não duvido que você me amou. Que talvez você ainda o faça. Mas, em última análise, o fato de eu ter um pênis irá afugentá-lo novamente. Sempre faz. Eu não posso mais fazer isso.

Gunther aproximou-se e estendeu as mãos em uma súplica. — E se eu prometer que eu estou bem com isso? E se eu jurasse ficar com você, não importa o quê?

— Você não pode fazer isso — disse Slake. Ele passou por isso antes, e sempre terminou em um desastre. — Você sabe que não pode.

— Por curiosidade. Vamos admitir que isso poderia acontecer. Você me aceitaria de volta?

Isso foi algo que Slake pensou mais de uma vez. E há muito tempo, a resposta seria sim. Mas havia passado muito tempo. Muito tinha acontecido. E depois de ver como Raze era tão dependente de Fayle e ainda tão miserável... Slake nunca poderia se amarrar a alguém que não pudesse comprometer cem por cento.

Ele queria um relacionamento. Ele queria amor. E sim, Gun o amou, mas não o suficiente para superar o fato de que Slake era cem por cento macho, sem restos de seu passado. Bem, exceto o fato de que ele ainda era atraído pelos machos, assim como ele era antes da transformação.

— Eu nunca te receberei de volta, Gun. Ponha isso em sua cabeça grande. Eu segui em frente.

Instantaneamente, Gunther ficou tenso e olhou em volta, como se ele esperasse que a pessoa com quem Slake seguiu em frente saísse escorregando do quarto. — Você encontrou outra pessoa, não é?

— Você perdeu o direito de fazer essa pergunta quando fodeu uma fêmea lobisomem na nossa cama.

Assustador como ele não estava mais bravo com isso. Ele continuou com esse rancor particular nos últimos dez anos, mas agora que Gunther estava aqui, implorando para voltar para a sua vida, já não importava mais.

O lábio superior de Gunther enrolou, suas presas brilhando úmidas contra os lábios vermelho-sangue. — Ele sabe? Ele conhece a verdade sobre você?

— Foda-se.

— Então isso é um não. — Gunther passou por Slake e abriu a porta da frente. — Boa sorte com isso, então. O seu santo pode ser menos compreensivo sobre a sua escolha do que eu.

Slake viu Gunther ir, um sentimento doentio se instalando em seu intestino. E se ele estivesse certo?

Seu telefone tocou novamente, e com uma dura maldição, ele olhou para baixo. De repente, seu coração derrapou até parar tão forte que seu peito doeu.

A mensagem, de Dyre, piscou na tela como um raio, chocando Slake através do dispositivo. Ele gritou e deixou cair, mas as palavras, duas horas antes, ficaram sentadas em sua mente.

Acabou o tempo. Sua alma agora é minha.

CAPÍTULO 12



Raze não estava ansioso para entrar num apartamento vazio. Ele morava com Fayle por mais de trinta anos, e seria estranho estar lá sem ela.

Seria bom estar lá sem ela. Ele ainda não podia acreditar que ela se amarrara a ele com um vínculo que ele não sabia. A violação estava sentada no intestino como um derramamento de óleo, fazendo-o se sentir... sujo.

Raze não significava nada para ela? Eles nunca tiveram um relacionamento romântico, mas ele pensou que sua amizade se baseou no respeito e na necessidade mútua. Aparentemente, ele estava errado sobre a parte do respeito.

E agora, depois de tantos anos de confiando nela para sobrevivência, ele teria que fazer o que todos os demônios Seminus normais e não acasalados tinham que fazer e dedicar uma grande parte do seu tempo para encontrar fêmeas para atender suas necessidades.

Ele temia a ideia. Ele estava tão cansado de ser forçado ao modo de sobrevivência. Slake o fez sentir vivo pela primeira vez desde que ele passou por sua transição há tantos anos, e se Raze pudesse realmente estar com o cara...

Ele balançou a cabeça enquanto subia as escadas até o apartamento, tentando limpar o pensamento que ele não deveria ter. De esperanças que ele não deveria estar tendo. E se encontrar uma liberação sexual com Slake foi uma anomalia que não poderia ser repetida? E se Slake não quisesse Raze?

Não, ele não iria ter esperanças.

Ele chegou a seu apartamento, mas, ao buscar no bolso

pelas chaves que Slake tinha incluído com as roupas que ele trouxera para o hospital, ele ficou em alerta. Havia som vindo de dentro.

E a porta estava destrancada.

Avançando para o lado e colocando as costas contra a parede, ele abriu a porta lentamente e o barulho da televisão aumentou. Seu primeiro pensamento foi que Fayle tinha voltado, mas, quase que instantaneamente, ele descartou isso. Ela preferiria arrancar seus próprios olhos do que assistir o *The Bachelor*.

Supondo que nenhum ladrão iria invadir para assistir a um programa de TV entorpecedor, ele entrou... e sugou uma respiração assustada. Deuses, ele tinha esquecido como Slake era incrivelmente lindo, a maneira como seus cabelos escuros moldavam seu rosto profundamente bronzeado e se enroscavam nas orelhas que Raze havia rastreado com a língua.

Suas mãos ficaram úmidas e seu coração começou a fazer uma batida louca, e ele se perguntou se era assim que parecia uma paixão. Esta corrida de excitação e ansiedade era normal quando a pessoa que você mais queria estar no mundo estava bem na sua frente?

Ele olhou por um momento, tomando a visão magnífica de Slake enquanto se sentava no sofá, suas pernas cobertas de couro esticadas na frente dele como se ele não se importasse com nada no mundo. Mas as sombras escuras ao redor de seus olhos e o sombrio conjunto de sua boca contaram outra história, e a excitação de Raze tornou-se preocupação.

A jaqueta de couro de Slake rangeu contra o sofá quando ele apertou um botão no controle remoto, silenciando uma garota que lamentava ser enganada de uma atividade altamente desejável com o *Bachelor*.

— Estou feliz que você esteja bem — Slake disse calmamente. Aquela voz. Raze sentiu falta desse som profundo e confiante.

Ele fechou a porta atrás dele. — Graças a você. — Um

silêncio constrangedor se alongou, até que ele finalmente acrescentou: — Precisamos conversar.

— Eu sei. — Slake esfregou a mão no rosto. Ele parecia exausto. Pálido. Como se estivesse sofrendo. — O que aconteceu na outra noite? O que aconteceu com você?

O estômago de Raze se agitou com a lembrança do que ele havia feito. — Desculpe, Slake. Você não merecia...

— Não é isso — Slake disse, soando como um instrutor militar. Raze poderia ter reagido por ter lhe falado dessa forma, se ele não tivesse achado isso... sexy. — Não se desculpe novamente pelo que aconteceu entre nós. Eu faria isso novamente em um piscar de olhos. — Seu tom suavizou agora, mas não era menos sexy. — Eu estou falando do depois. Por que você perdeu a consciência? Foi por minha causa? Porque você não deveria estar com machos?

Raze olhou fixamente. Slake pensava que o que aconteceu foi culpa dele? — Não. Quero dizer, Eidolon tem uma teoria sobre isso, mas estar com você não deveria ter me feito entrar em coma.

Slake olhou para longe, mas olhou de volta tão rápido que Raze pensou que ele poderia ter imaginado. — Qual é a teoria?

Raze tirou as botas e entrou na sala de estar, mas ele não se sentou. Ele esteve na cama por três dias de merda, e sentia seu corpo apertado e cheio de energia, como se ele pudesse executar um triatlo e ainda ter energia de sobra suficiente para escalar uma montanha.

— Eidolon disse que cada membro da sua espécie nasce fêmea. Isso é verdade?

Slake ficou tão rígido quanto as vigas de suporte no apartamento. Ele desviou o olhar para encerrar a TV como se estivesse esperando o conselho do atual bachelor.

— Slake?

Slake permaneceu em seu estado de estátua, olhando para a TV com uma fraca desesperança em seus olhos que perfurou Raze no coração. — Você sabe meu nome?

— Ah... eu pensei que era Slake.

— Esse é o meu sobrenome. O único que meu povo usa quando lidam com pessoas de fora. Meu primeiro nome é Damon. — Ele inalou. Exalou. — Antes era Damonia.

Raze não percebeu que ele estava segurando a respiração até que seus pulmões começaram a queimar. Ele soltou lentamente, sentindo que isso era um grande problema para Slake.

— Ok.

Slake lançou-lhe um olhar, como se ele esperasse mais de uma reação. Ou pior. Criminoso, com que tipo de pessoas ele geralmente andava por aí?

— Eidolon está certo. Na maior parte — disse Slake, quase timidamente. — De vez em quando, um Duosos nasce macho. Ele é celebrado e reverenciado, acredita-se ser beijado pelos deuses, e ele é induzido na classe real dominante. Todos os nossos líderes são machos que nasceram desse jeito.

— Eu estou supondo que você... você não nasceu macho?

Houve um longo silêncio, mas Raze não iria empurrar. Ele havia lidado com muitos traumas durante os anos em que trabalhou no hospital, e sabia que sempre era melhor convencer. Era mais seguro atrair um cão do inferno para uma armadilha do que era empurrar um, como dizia o ditado.

Finalmente, Slake disse: — Não. Mas é complicado. As fêmeas são...



Slake se afastou, incapaz de acreditar que estava prestes a discutir os maiores segredos da sua espécie, e não porque continuasse leal a seu povo... mas porque ele odiava pensar neles. Odiava quem era o seu povo, odiava como eles viviam, odiava tudo sobre eles. Ele não tinha pensado em seu passado em décadas, e agora estava prestes a tirar a tampa de anos de

vergonha, humilhação e ódio.

Mas este era apenas o início de sua confissão. Quando ele terminasse Raze provavelmente o odiaria. Não importava. Ele havia perdido a posse de sua alma, e até agora ele sentia que ela ficava escura, já que a influência de Dyre começou a infectá-la. Ele sentiu-se doente, como se tivesse comido algo muito, muito errado, e de vez em quando seus órgãos pareciam torcer juntos em um nó excruciante.

Isso poderia durar dias, e se ele fosse um dos poucos afortunados, poderia matá-lo.

Mas talvez Raze faria isso primeiro.

Raze estava a poucos metros de distância, o próprio modelo de paciência. Ele era um cara bom, uma raridade no mundo de Slake, e de repente pareceu errado contaminá-lo com sua presença.

— Eu deveria ir — Slake disse, mas Raze moveu-se para bloquear seu caminho antes que ele pudesse ficar de pé.

— Você veio aqui por algum motivo. Você está seguro aqui. Você pode me falar sobre o seu povo. — A voz de Raze era profunda. Suave. Encorajando.

Deuses, quanto tempo se passou desde que alguém tinha falado com ele assim?

— As fêmeas são... — Raze disse, e Slake hesitou por um momento antes de imaginar que ele não tinha nada a perder e deixou sair.

— As fêmeas são criadas para dar prazer aos machos e ser reprodutoras — ele resmungou. Seus dias, como uma fêmea, foram pouco mais do que um jogo de espera, pois contou os dias até que ele pôde escolher mudar seu sexo. — Em algum lugar entre a idade de vinte e trinta, as fêmeas atingem a maturidade e desenvolvem a Marca de Tiresias. Nesse ponto, nós temos uma escolha. Ignorar a marca até desaparecer em cerca de um ano, ou fazer uma viagem longa e perigosa no que se traduz vagamente nas Planícies da Carnificina, conduzir um fragmento de osso em nossos peitos e acordar macho.

Assumindo que você acorde. Cerca de metade não acorda.

— Maldição. — Raze assobiou. — A vida deve realmente ter irritado você se preferiu arriscar a morte do que permanecer uma fêmea.

Na verdade, a vida não havia irritado... ainda. As fêmeas tinham muita liberdade até ganharem a marca. Como Damonia, ele tinha permissão para deixar a comunidade por curtos períodos, para experimentar o mundo exterior. Sair para os mundos humanos e demoníacos normais foi uma experiência reveladora que mostrou a ele o quanto seu povo era atrasado e cruel.

Foi também como ele conheceu Gunther.

Gunther mostrou a Damonia a beleza das montanhas. A maravilha dos transatlânticos de luxo. O prazer do sexo. Ele tratou Damonia como uma rainha.

Mas sempre tinha faltado algo. Como uma fêmea, Slake nunca se sentiu excessivamente feminina, preferira lutar com armas ao girar a lâ das ovelhas demoníacas do seu povo. Dizia-se que as fêmeas que os humanos chamavam de mocinhas eram as melhores durante a transição, então quando ele - como ela - ganhou a Marca de Tiresias, não hesitou em fazer a viagem às Planícies da Carnificina.

Bem, ele teve um momento de dúvida. Ele sabia que perderia Gunther. Como um macho transformado, ele seria atraído pelas fêmeas. Sempre foi assim, e não havia razão para pensar que ele teria saído de sua mudança diferente. Além disso, seu relacionamento com Gunther teria sido condenado de qualquer maneira. Nenhuma fêmea com a Marca de Tiresias era autorizada a deixar a comunidade.

Sempre. As fugitivas foram caçadas e executadas em praça pública.

— Slake? — Raze disse suavemente, e ele percebeu que ele estava perdido no passado. O qual era um lugar de merda para estar.

— Certo. — Ele apertou os dentes quando uma série de

cólicas ameaçou fazê-lo dobrar, e ele jurou que ele podia ouvir Dyre cacarejar. Quando passou, ele se apressou, esperando que Raze não tivesse notado a pequena pausa. Ou o fato de que suas mãos estavam tremendo. — Sim, a vida é um pouco irritante. Minha espécie é extremamente antissocial. O único contato que temos com o mundo exterior é quando trocamos mercadorias.

— Que tipo de mercadoria? — Raze franziu a testa. — E você está bem? Você está corado.

— Estou bem — ele disse rapidamente. — Para responder a sua pergunta, o sangue das fêmeas Pós-Marca de Tiresias pode ser usado para criar e encantar armas para torná-las muito mais poderosas do que seria de outra forma. É parte de porque os Duosos são isolacionistas, dentro do clã as fêmeas dão seu sangue de bom grado. Mas se uma fêmea cair nas mãos erradas...

— Sim, vejo o problema. Mas, obviamente, eles deixaram os machos sair.

Ele balançou sua cabeça. — Os machos têm um pouco mais de liberdade. Eles podem sair para negócios ou suprimentos, mas eles têm que viver no complexo.

— Você não.

— Isso é porque eu queimei a metade da aldeia e escapei.

— Sutil — Raze disse, e Slake riu. Ele amava como o comportamento descontraído de Raze o colocava à vontade.

— Sim, sutil. Mas eu tinha que fugir, e eu precisava de uma distração. Uma vez que eu percebi que meu gênero havia mudado, mas minha preferência sexual não... — Ele balançou a cabeça, lembrando-se de como ele estava emocionado primeiro, porque ainda queria Gunther. Infelizmente, o sentimento não era mútuo. — Eu tive que ir.

A mudança em Raze foi sutil, mas tangível, uma tensão que floresceu entre eles. — Porque você é gay?

— É uma sentença de morte para meu povo. Mas deixar o clã também é. — Ele estava apavorado, sabendo que ele iria

fugir o resto de sua vida, o que ele achava que seria curta. Duosos não eram apenas especialistas em armas, mas eram rastreadores tenazes, e uma vez que encontrassem sua trilha, eles não parariam por nada até conseguir sua presa.

Foram essas qualidades particulares que o fizeram abordar Dire & Dyre com um acordo.

Proteja-me do meu povo e eu lhe darei tudo o que quiser.

Deus, ele era um idiota. Gunther tinha avisado que ele não assinasse um contrato com a Dire & Dyre, mas seu relacionamento tinha estado em um terreno rochoso, o que empurrou ainda mais Slake.

Porque ele era um idiota.

Os pés de Raze eram quase silenciosos enquanto caminhava entre duas vigas de suporte de cores vivas. — Por que isso é um grande negócio?

— Porque Duosos é mais do que o que chamamos de nossa raça. Duosos é uma religião. Um modo de vida. É político. Social. Todos os aspectos da vida dos Duosos são regidos pelo nosso sistema de crenças, do que usamos para o que comemos e como nos reproduzimos. A única saída é a morte. A menos que você tenha sorte e que tenha sangue real nas suas veias. — Ele fez uma pausa. — A vida ficaria realmente ruim se eu permanecesse uma fêmea. Eu não queria ser tratado como uma merda. Usada. Abusada. Achei que, se eu fosse um macho, eu poderia tentar fazer algumas mudanças. Mas o fato de que eu não era... *normal*... arruinou tudo.

Ele olhou para a TV, onde meia dúzia de fêmeas estavam congeladas em vários estados de sorrir para o bachelor. Ele se perguntou ociosamente se alguém no show era um demônio. Por algum motivo, sua habilidade para ver a identificação das auras só funcionava pessoalmente.

Raze pareceu considerar o que Slake disse. — Suas leis e modos de vida explicam por que há pouca informação sobre suas espécies. Eu não suponho que você estaria disposto a conversar com meu chefe no Underworld General.

— Eidolon? — Slake fez uma pausa quando ele pegou o copo de água gelada em que ele se serviu quando chegou. — Ele não quer me dissecar ou alguma merda, não é?

Raze riu. — Ele gosta de adicionar à base de dados de conhecimento do hospital. Todo fragmento de informações ajuda, especialmente quando se trata de espécies raras.

No mundo do caos e da morte de Slake, uma abordagem tão lógica e fundamentada da vida e os mistérios nela eram tão estranhos que só podia sentar-se lá, estupefato por um segundo. No fundo, ele esperou por algum tipo de julgamento ou desprezo ou algo de Raze, mas o cara apenas o observou com expectativa.

— Ah ok. — Claro. Ele olhou para Raze. — Você está tomando isso muito bem.

— Ninguém deve ser julgado unicamente por sua espécie — Raze disse com um encolher de ombros. — Nós temos demônios trabalhando no hospital para ajudar as pessoas quando noventa e nove por cento de suas espécies preferem estar matando do que curando.

— Ouça você, sendo todo progressista. — Outra onda de dor rolou sobre ele, mas ele tentou não pensar sobre isso, em vez disso, concentrou-se no sorriso melancólico enrugando os lábios perfeitos de Raze.

— Eu cresci com pais muito práticos. — Raze finalmente parou de andar e se apoiou contra um dos postes de suporte. — E vi por mim mesmo como ninguém, nem mesmo animais, se encaixavam nos moldes. Uma vez eu tive uma pata de estimação que dormia nas árvores com as galinhas. Seu companheiro dormia na base da árvore.

Slake tentou imaginar o médico da cidade em um ambiente rural e desenhou um espaço em branco. — Você tinha patos e galinhas?

— Meus pais tinham uma pequena fazenda. Tivemos quase todos os tipos de animais que existem. Foi assim que me interessei pela medicina. Costumava cuidar das lesões e

doenças dos animais. Isso foi antes que eu conseguisse meu poder de cura, mas mesmo assim, meu pai ficou chocado com o quão bem os animais ficavam sob meus cuidados. E confie em mim, eles me observaram de perto.

— Por quê?

— Porque naquela época eles sabiam que eu era um demônio. — Ele falou tão casualmente, como se os humanos criando crianças demoníacas fosse uma experiência completamente comum. Contudo, explicou porque Raze era tão diferente de qualquer outro demônio que Slake conheceu. — Eles me amaram, mas eles eram realistas. — Ele sorriu. — Eles não queriam me encontrar estraçalhando o porco da família com meus dentes ou algo assim.

Slake estudou Raze por um momento, seu olhar atraído para os desenhos no braço que brilhava quando ele estava ajudando um paciente.

— Por que você tem um poder de cura? Quero dizer, você disse que Sems tem uma habilidade inata, mas por quê? Você é um demônio sexual.

— Todos os Sems têm uma de três habilidades diferentes, todas com um propósito primário de seduzir ou impregnar as fêmeas. — A voz de Raze se aprofundou, como se falar de sexo desencadeasse seus instintos de incubus, e o corpo de Slake respondeu, sua temperatura aumentando, seu pênis agitando. — Alguns de nós podem entrar na cabeça de uma fêmea e fazê-la pensar que algo é real ou não real, mas esse mesmo poder pode ser usado para reparar a mente. Wraith pode fazer isso. Seu irmão Shade pode usar sua habilidade para afetar as funções corporais. Ele pode desencadear ovulação, por exemplo. Mas quando usado para fins médicos, ele pode diminuir ou acelerar o coração, aumentar a produção de dopamina para aliviar a dor, merdas assim.

Hã. Slake tinha uma habilidade inata de controlar certas armas com a mente, mas, além de matar imbecis que mereciam morrer, ele não conseguia pensar em nada positivo que pudesse

resultar de sua habilidade.

— Então o que você pode fazer?

— Eidolon e eu compartilhamos o mesmo dom — ele disse, sua voz baixou e ainda teve um efeito devastador sobre a libido de Slake. — Sems adultos que passaram pela *s'genesis*, usam isso para garantir que seus espermatozoides fertilizem um óvulo, mas até chegarmos a esse estágio, podemos usar a nossa capacidade para reparar o tecido danificado. — Sua boca se curvou em um meio sorriso sexy. — Claro, também podemos usá-lo para separar o tecido. É uma arma útil.

— Eu percebi — Slake disse com ironia, lembrando o lobisomem no beco. — Foi fantástico.

Raze finalmente foi a mesa de café e se sentou na cadeira verde estofada que não combinada exatamente como nada na sala, exceto um poste pintado perto do quarto de Fayle.

Por um momento, um silêncio confortável caiu, mas gradualmente, a tensão começou a engrossar o ar entre eles. Slake tinha compartilhado um segredo que ele nunca havia contado a ninguém além de Gunther, mas ainda havia a questão de Fayle para discutir.

Raze merecia a verdade. Mas ao abrir a boca, Raze falou.

— Então, o que agora? — Perguntou Raze. — Eu nunca... — Ele parou, respirou fundo e começou de novo. — Eu nunca estive nesta situação antes.

— Que tipo de situação?

— Uma onde eu quero alguém. — As sardas de Raze se destacaram quando suas bochechas se tornaram adoravelmente coradas, mas não havia nada inocente sobre a promessa em seu olhar constante. — Para mais do que, você sabe... apenas sexo.

Ah, droga. Slake nunca foi de engasgar, mas a emoção e a vulnerabilidade na voz de Raze o tocaram.

E lembrou-lhe que era um bastardo que estava prestes a esmagar o mundo de Raze.

— Eu acho — Slake disse suavemente — que antes de

irmos lá, precisamos conversar sobre Fayle.

— Fayle? — Raze ficou instantaneamente em guarda, seus olhos se estreitando. — E o que sobre ela? Ela se foi. E se Eidolon estiver certo, não preciso de uma mulher, enquanto estiver com você.

O pensamento de fornecer a Raze tudo o que ele precisava fez com que Slake tremesse de desejo. Ser aquele que o manteria saudável e inteiro... ele queria isso. Queria *tanto*.

Mas isso era apenas uma fantasia. Mesmo que pudessem superar o envolvimento de Slake em sua partida, havia o fato de que sua alma estava, até agora, murchando como carne seca. Se ele sobrevivesse ao que era conhecido em alguns círculos demoníacos como *The Darkening*, ele poderia sair dela uma pessoa diferente. Toda a última gota de decência poderia ser arrancada dele. Raze merecia melhor do que isso.

Apertando os punhos com tanta força que seus dedos estalaram, ele se perguntou por que ele estava paralisado. Arrastar isso não mudaria nada, e ele sempre encarou as coisas de frente.

Apenas cuspa isso.

— Fayle decolou por minha causa — ele falou.

Raze bufou.

— Confie em mim, não foi você. Ela saiu porque... — Ele ficou tão quieto quanto a estátua da gárgula olhando para a estante de livros na parede mais distante. — Espera. Ela disse para lhe perguntar por que ela estava saindo. — Uma cautela gelada esmaltou os olhos verdes de Raze, e Slake sentiu seu coração apertar. Ele odiava que ele colocasse isso lá, que ele acabara de esmagar a esperança de Raze para algum tipo de futuro. — Ela disse que alguém estava atrás dela. — Ele se recostou na cadeira, apenas uma mudança sutil de seu corpo, mas Slake sentiu uma retirada emocional, como se Raze tivesse erguido uma parede e estivesse esperando que Slake tentasse uma brecha. — O que você sabe sobre isso? O que você tem escondido de mim?

— Eu não tenho sido completamente honesto com você. — Ele trancou os olhos com Raze, determinado a não tomar o caminho mais fácil para fora disso. Ele enfrentaria o que ele fez de frente. — Fayle estava certa. Alguém estava atrás dela.

— Diga-me que não era você — Raze exigiu. — *Diga-me.*

Ele queria dizer a ele isso. Deuses, ele daria qualquer coisa para dizer isso a ele.

— Não posso — sussurrou Slake. — Porque era eu o tempo todo.

CAPÍTULO 13



Raze não poderia ter ouvido isso direito. De jeito nenhum. Mas quando ele se sentou em frente a Slake, examinando sua expressão por indícios de que ele estava ferrando com ele, a terrível verdade o atingiu como um soco.

Isso espreitava bem nos olhos sedutoramente escuros de Slake.

Ele respirou fundo e olhou para Slake com descrença. Primeiro Fayle, e agora... isso. De repente, sentiu como se o mundo dele estivesse ruindo. Isso machuca. Deuses, parecia como se o peito estivesse aberto e seu coração tivesse sido atingido por um dos *sinisphermes* de Slake.

— Diga-me do que diabos você está falando — ele resmungou. — A Verdade. Agora.

Slake pôs-se em pé e caminhou até a janela, onde olhou para o telhado da delicatessen ao lado. — Nós não nos encontramos por acidente — ele disse, e Raze sentiu uma dolorosa torção no intestino. — Eu vim para o Thirst encontrar Fayle.

A torção tornou-se mais feroz. — Por quê?

Os ombros de Slake levantaram-se e caíram com cada respiração, e talvez fosse a imaginação de Raze, mas sua respiração parecia trabalhada. Dolorida. Bom. — Lembra-se quando eu disse que meu trabalho era adquirir coisas?

A raiva levantou-se, rápida e quente. — Então você está dizendo que quando você saiu para o beco naquela primeira noite, e quando você foi atrás de mim no hospital no dia seguinte... tudo isso foi para chegar a Fayle? Você me seduziu

para chegar até ela? — Quando Slake não disse nada, Raze grunhiu: — Olhe para mim, caramba!

— Não. — Slake virou-se. — Quero dizer, sim, mas...

— Mas o que? — Raiva transformou seu sangue em vapor enquanto ele se levantava. — Você achou que você ganharia seu prêmio e transaria ao mesmo tempo?

As memórias o atacaram, de todas as vezes que Fayle implorou que eles mudassem, mas ele a ignorou. Ela finalmente sentiu a necessidade de tomar medidas drásticas para fugir, e tudo por causa de Slake. Certamente, ela também mentiu para ele sobre esse vínculo louco em que ela o selara, mas agora isso não importava. Era muito para pensar, muita traição por um dia. Além disso, ela não estava aqui. Slake estava, e ele iria tomar todo o peso da raiva de Raze.

— *Seu filho da puta.* Ela foi embora por sua causa. Eu pensei que ela tinha me traído, mas o tempo todo era você.

Os segundos seguintes foram um borrão de fúria e o som do punho de Raze encontrando o maxilar de Slake. Slake cambaleou para trás, batendo no poste verde Kermit que Fayle pintou. Na verdade, ela tinha pintado todos eles, e não seria apropriado para Slake ter seu rosto apresentado a cada um deles.

Raze lançou outro soco, mas Slake esquivou-se e colocou-se em uma posição defensiva na frente da TV.

— Raze, ouça-me. — Ele levantou as mãos em um gesto não ameaçador, como se isso aplacasse Raze, mas foda-se isso. A única coisa que aplacaria Raze agora seria se o bastardo sangrasse mais. — Sim, eu fui uma merda. Mas Fayle estava mentindo para você também.

— Realmente. — Raze se aproximou, ansioso para continuar com a coisa mais sangrenta.

— Sim, realmente. — Slake tocou sua boca, saiu com sangue, o que deu a Raze uma grande sacudida de satisfação. Era um começo. — Ela é uma succubus...

— Eu sei disso — ele afirmou.

— Mas você sabia que sua espécie é parasitária? — Slake recuou, mas Raze combinou com ele, passo a passo. — Eles se juntam a um hospedeiro para tirar energia deles. Eu acho que ela se ligou a você.

O poste vermelho era o próximo. Raze se aproximou.

— Eu já sei disso. E agora eu não dou uma merda. Achei que você me desejava. Eu pensei que tínhamos... alguma coisa. Eu estava assustado, pensando que eu tinha machucado você na outra noite, quando o tempo todo você estava planejando levar Fayle. Por quê? Para onde? Você iria matá-la?

Tão irritado quanto Raze estava com Fayle, ele não a queria morta. Ela o violou de uma maneira imperdoável, mas ele também entendeu que, para muitos demônios, ir contra a natureza deles era quase impossível. Os instintos eram coisas poderosas, e quanto mais intrinsecamente maligno era o demônio, menos provável era que eles pudessem ignorar seus impulsos mais básicos.

— Matá-la? — Slake abriu os dentes em um sorriso vicioso. — Eu adoraria torcer o pescoço dela por deixá-lo acorrentado daquele jeito. Mas não, fui instruído a levá-la viva e ilesa.

— E você ia fazer isso me seduzindo e a sequestrando. Bom. — Ele pulou, segurou a jaqueta de Slake e jogou-o contra um poste. O vermelho. Azul era o próximo. — Por quê? — Ele o bateu contra o poste novamente, e Slake grunhiu. Seus olhos escuros se nublaram de dor, mas Raze estava muito distante com sua raiva para questionar por que um pouco de força machucaria tanto a Slake. — Conte-me!

Raze sacudiu Slake com força, saboreando o eco do corpo de Slake batendo no metal, saboreando a forma como o suor explodiu em sua pele. Raze nunca foi de curtir a dor de outra pessoa, mas, pela primeira vez, era como se o demônio nele estivesse realmente emergindo. Como se ele tivesse deixado de lado a humanidade que seus pais haviam incutido nele e estava indo para o monstro. A vergonha se sacudiu no fundo da sua

mente, mas ele a empurrou impiedosamente.

— *Diga-me por quê* — ele perguntou com uma voz tão espessa de raiva e ódio e diabos, que ele mal reconheceu como sua.

— Porque — disse Slake, os olhos arregalados, como se uma faísca tivesse sido apagada — se eu não fizesse isso, eu perderia minha alma.

Através da neblina de fúria de Raze, ele lutou para entender o que Slake acabara de dizer. — Sua alma. Você quer dizer, figurativamente?

— Literalmente — ele grunhiu.

— Explique. — Ele apertou mais a jaqueta de Slake, pronto para jogá-lo pela janela se esta fosse mais uma mentira.

— Eu assinei um contrato quando comecei na Dire & Dyre. — Slake engoliu em seco, seus músculos da garganta trabalhando duro. Raze observou-os trabalhar quando Slake tomou sua ereção na boca, e Raze jurou que nunca viu nada tão erótico em sua vida. E agora... agora estavam em um maldito pesadelo. — Eu tinha que completar uma centena de tarefas, e se eu falhasse em uma única, minha alma se tornaria propriedade do escritório de advocacia. — Ele respirou profundamente, e Raze teve um mau pressentimento sobre o que ele ia dizer Em seguida. — Fayle era minha centésima tarefa.

Raze sugou ar entre os dentes cerrados e se perguntou se esta situação poderia piorar. — Então você está dizendo que você ainda precisa levá-la.

— Não. Já acabou. — Slake caiu contra o poste como se a última gota de energia estivesse escorrendo dele. — Eu falhei. A partir de uma hora atrás, minha alma pertence a empresa. Então faça o que quiser comigo, Raze. Não importa muito de qualquer maneira.

Oh... *oh, deuses*. A alma de Slake já não pertence a ele? Raze sabia como funcionava, que a alma continuava a residir no corpo do hospedeiro até sua morte, quando seria obrigado a

ir imediatamente ao seu novo dono. O novo dono poderia absorvê-la, devorá-la, torturá-la, vendê-la... havia cerca de um milhão de coisas que uma pessoa poderia fazer com uma alma, e nenhuma delas era agradável.

Mãos tremendo, Raze soltou Slake e recuou, sua mente tão abalada quanto suas mãos. — Santo inferno — ele respirou. — Eu não... eu não sei o que dizer.

— Desculpe. — Slake não se moveu, simplesmente permaneceu contra o poste, seus ombros caíram, seu olhar baixou. — Eu deveria ter confessado. Eu precisava dela, mas então eu conheci você, e... porra. Eu tentei sair disso, Raze. Liguei para o meu chefe, pedi uma nova tarefa. Eu não queria machucá-lo. — Ele olhou para cima, a raiva invadindo a tristeza em seus olhos. — Mas eu ainda quero encontrá-la e fazê-la pagar pelo que ela fez com você.

Por um longo momento, Raze ficou parado, atordoado por tudo o que acabava de acontecer, mas nada era mais surpreendente do que aquele homem grande e forte que se importava o suficiente com Raze para querer caçar alguém que o tinha machucado. Não desde que seus pais estavam vivos, Raze sentiu como se alguém fosse ao tapete por ele.

Slake estendeu a mão para ele, e Raze fechou os olhos, deixando a palma quente de Slake envolver sua bochecha. — Por favor — sussurrou Slake. — Me perdoe. Eu sinto muito.

Ele estava arrependido. Por tentar salvar sua alma. Raze ergueu a mão e cobriu a mão de Slake com a dele. — Eu queria que você tivesse dito alguma coisa antes.

— Eu... — Slake interrompeu com um grito dolorido.

— Slake? — Raze o agarrou, mas Slake bateu no chão como se ele tivesse sido jogado. — Slake!

Slake se contorceu no chão, seu rosto pálido, seu corpo torcendo com a força de sua agonia. — Dói — ele ofegou.

Raze se ajoelhou no chão e engajou seu poder de cura. — O que dói? Slake, fale comigo.

Ele agarrou o pulso de Slake e deixou sua habilidade

escorrer pelo corpo de Slake, mas ele não conseguiu encontrar nada errado. Bem, nada além do dano que o próprio Raze causou. Ele reparou as lacerações e as contusões, mas também poderia ter sido só como um curativo em uma decapitação porque Slake não parou de se contorcer, e sua pele ficou ainda mais branca.

— Minha... Alma. — Slake falou entre respirações ofegantes. — Dyre está... me torturando.

— Ele pode fazer isso?

— Ele é um Ceifeiro de Alma. — Ele gemeu, apertando os dentes enquanto outra onda aparente de dor o levava. — Muito poderoso.

Raze nunca tinha ouvido falar de alguém capaz de afetar uma alma enquanto ainda residia em seu anfitrião, mas então, ele não era exatamente o demônio do submundo.

— O que posso fazer? — Raze estava desesperado para ajudar, mas maldição, ele não viu como ele podia. A impotência o invadiu, e tudo o que ele podia fazer era sentar-se lá e observar o macho por quem se apaixonara se contorcer na miséria.

— Nada — Slake rosnou. — *Porra.*

Recusando-se a acreditar nisso, Raze recolheu Slake em seus braços e segurou-o, apoiando os espasmos violentos de Slake contra seu próprio corpo. A pele de Slake passou de gelada a quente, de úmido a seco, e os sons que ele fazia... Santo Inferno, era desolador. Parecia durar para sempre, mas finalmente, Slake se acalmou e a tempestade passou. Suavemente, Raze colocou Slake no chão e pegou um refrigerante da geladeira, pensando que agora mesmo, um pouco de açúcar faria bem a ele.

Quando voltou para a sala de estar, Slake se arrastou para o sofá e estava parecendo um milhão de vezes melhor, embora seus olhos ainda estivessem injetados em sangue e ele estava muito pálido para o conforto de Raze.

— Aqui. — Raze entregou-lhe a Coca, mas Slake segurou-a

em seu colo, olhando para baixo como se fosse a coisa mais preciosa que ele já havia visto.

Quando ele ergueu o olhar, a tristeza em seus olhos rasgou Raze. — É melhor eu ir. Isso só vai piorar.

— Quanto pior? — Quando Slake não respondeu, Raze repetiu a pergunta.

— Poderia me matar — disse Slake calmamente.

O coração de Raze pulou uma batida. Duas. Terror manteve o órgão em seu aperto gelado, e não foi até que ele convocou cada gota de fúria aquecida que ele teve seu coração funcionando e ele poderia falar novamente.

— Besteira — ele rebateu, e então ele se sentiu como uma merda por praticamente gritar com um cara que já havia sido nocauteado. Pela vida. Por seu chefe. Por Raze. — Desculpe, Slake. Mas eu não vou deixar você passar por isso sozinho. E eu certamente não vou deixar você morrer.

Slake deu-lhe um sorriso triste. — Eu não acho que depende de você.

Ah não. Isso realmente era uma besteira. Raze pode não ser capaz de curá-lo com seu poder, mas não estava completamente desamparado. Não com as conexões que ele tinha. Ele tinha recursos à sua disposição que o cara não podia sequer começar a compreender.

Ele se pôs de pé e estendeu a mão para Slake. — Vamos. Nós vamos ao hospital.

Slake balançou a cabeça. — Você não pode consertar isso com remédio. Vamos encarar. A menos que você seja um bom amigo do meu chefe, ou melhor ainda, do Satanás, eu estou fodido.

Não, Slake não estava fodido. Mas se Raze pudesse conseguir isso, ele também poderia organizar uma foda muito completa.

Mais tarde. Agora mesmo... eles tinham uma alma para salvar.

CAPÍTULO 14



— Ok, então... por que estamos na Underworld General Clinic? — Slake andou ao lado de Raze enquanto atravessavam os salões sinuosos da clínica que estava escondida na rede de metrô de Londres. Ele nunca tinha estado aqui antes, mas achou que era um lugar tão bom quanto qualquer outro se ele tivesse outro ataque de agonia.

Dyre era um idiota.

— Estamos aqui porque vou cobrar um favor — Raze disse, soando excessivamente tagarela para alguém que estava caminhando ao lado de um macho condenado.

Instantaneamente desconfiado, Slake estreitou os olhos para Raze quando eles viraram uma esquina. — Que tipo de favor?

Raze cumprimentou um demônio com chifres cobertos com capuz e que passou por eles em seus cascos antes de se virar para Slake.

— Blaspheme, uma das médicas que dirige a clínica, está acasalada com o Rei do Inferno. Ele pode ser capaz de fazer algo sobre seu problema de alma.

Slake riu, mas essa situação não era tão engraçada. — Ok, claro. Vou morder. A companheira de Satanás é uma médica.

— Satanás se foi. — Raze abrandou quando se aproximaram da porta aberta para uma sala de exames. — Um Anjo das Sombras chamado Revenant chutou seu traseiro e depois assumiu Sheoul.

Slake parou no meio do corredor e lhe deu um olhar fixo.

Raze estava sério. Pelo menos, ele acreditava no que estava dizendo. Talvez o coma tivesse afetado algo na cabeça.

— Você está tentando me dizer que Satanás não é apenas real, mas ele está morto. — Slake tentou não soar demais como um idiota incrédulo, mas convenhamos. — E você sabe disso... como?

— História longa, mas o fato é que Satanás é real. — Raze gesticulou para que Slake entrasse na sala. Ele ainda estava vestindo as roupas que Slake tinha levado ao hospital para ele, e ele tinha que admitir que o Sem preenchia o jeans ainda melhor do que ele imaginava. — Mas ele não está morto. Ele ficará preso por mil anos. — Ele entrou no quarto atrás de Slake, tão em casa aqui como ele estava no apartamento. — É por isso que há tanta turbulência em Sheoul. Bem poucas pessoas sabem a verdade. Inferno, uma grande porcentagem da população demoníaca é como você. Eles pensam que o próprio Satanás é um mito, assim como os humanos com Deus.

Na verdade, Slake não tinha acreditado em Satanás ou Deus durante a maior parte de sua vida. Não foi até ele encontrar um anjo caído que suas crenças foram testadas. Se os anjos caídos existiam, então também os anjos, o que significava que deveria haver um Céu. E se houvesse um Céu, talvez houvesse um deus que o criou. Mas ainda.... A ideia de Satanás tinha sido difícil de engolir.

— Tudo bem, digamos que você esteja certo. Satanás foi chutado e esse cara... Relevante? Reverente?

Raze riu e fechou a porta atrás deles. — Revenant.

— Revenant. — Slake cruzou os braços sobre o peito, embora ele estivesse meio tentado a chamar Eidolon para se certificar de que Raze não estava sentindo alguns efeitos colaterais de seus três dias no hospital. — Ok, então Revenant administra Sheoul. Você realmente acha que um cara que é poderoso o suficiente para derrotar *Satanás* vai mover seu maldito traseiro de seu trono de enxofre para chegar a uma clínica médica assustadora para ajudar alguém estranho? E

mesmo que o fizesse, há o todo, “fazer um acordo com o diabo” a considerar.

O sorriso arrogante de Raze fez com que Slake ficasse um pouco mole por dentro. Deuses, ele queria beijá-lo, aqui mesmo, agora, mas ainda não estava inteiramente certo de onde estavam neste relacionamento.

— Ouvi dizer que seu trono é feito de ossos — Raze disse levemente, como se não estivessem falando sobre o maldito *senhor* do inferno — não de enxofre. E que escolha você tem? Sua alma já está perdida para um bastardo que fará quem sabe o que com isso.

— É verdade, mas Dyre administra um escritório de advocacia. Com certeza é o mais poderoso do mundo, mas este *Anjo da Sombra* que você alega conhecer administrar Sheoul.

— Você ainda parece cético.

— Você acha? Em seguida, você vai me dizer que o Grim Reaper, o Papai Noel e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse são reais.

— Bem — começou Raze, ainda arrogante e lindo — até onde eu sei, Papai Noel é uma besteira, mas o Grim Reaper é real. Ele atende pelo nome de Azagoth. E os Cavaleiros passam pelo hospital de vez em quando. Eles são muito legais. Mas eles podem ser idiotas sérios se eles não gostam de você. Nunca fique em seus lados ruins.

Slake revirou os olhos. Raze estava totalmente fodendo com ele. — Olha, eu sei que você quer ajudar, mas eu não sei que isso é...

A porta se abriu, e um enorme cara vestido de couro saiu de dentro, seus longos cabelos pretos chicoteando em torno de ombros tão largos que ele mal cabia na entrada. Botas maciças com sinistras garras de metal nas pontas soando como trovões a cada passo, e Slake jurou que o quarto encolheu.

— Raze — ele disse. — Amigo. Blaspheme disse que queria falar comigo. Ele olhou para o relógio no pulso. — Faça isso rápido. Tenho uma revolta Nightlash para esmagar. Ele sorriu,

possivelmente o sorriso mais malvado que Slake já havia visto.
— Literalmente. Droga, eu amo meu trabalho.

— Revenant. — Raze gesticulou para Slake, que de repente queria fugir. Para a Escócia. — Este é Slake.

No segundo que Revenant centrou seu olhar escuro em Slake, todas as dúvidas fugiram. Esse cara era o verdadeiro negócio. O poder que emanava dele fez o corpo de Slake tremer. Merda sagrada. Ou, mais precisamente, uma merda profana.

— Precisamos que você compre sua alma — continuou Raze. — Você sabe, se você quiser.

— Espere, o que? — Perguntou Slake incrédulo. — Esse era o seu plano? — Mau o bastante que Dyre tinha sua alma. O que o Senhor do Inferno faria com isso?

E, novamente, merda sagrada.

Revenant e Raze ignoraram Slake.

— Por que eu faria isso? — Perguntou Revenant.

— Satanás costumava comprar almas — Raze disse. — Eu esperava que você também.

— Satanás era um idiota. Eu administro as coisas de forma diferente. — Ele olhou para Slake. — Então, por que você quer vender sua alma para mim?

Raze respondeu antes que Slake pudesse abrir sua boca atordoada. — Porque ele vendeu sua alma para um Ceifador de Alma...

— Isso foi estúpido.

— Sim — Raze disse, sem perder uma batida — concordamos com isso. De qualquer forma...

— Não, quero dizer, realmente estúpido. — Revenant inclinou-se contra o batente da porta e dividiu sua atenção desconcertante entre Raze e Slake. — Quer dizer, parece-me óbvio. Não venda sua alma. A sério. Quem faz isso? Por que diabos?

Adequadamente castigado, Slake esfregou a mão sobre o rosto. — Sim. Eu sei. Sou um idiota. Entendi. Estou cheio de arrependimento. Mas o que eu preciso agora é...

A voz profunda de Revenant fez vibrar toda a sala. — Você precisa de alguém que ultrapassa um Ceifador de Alma para reivindicar sua alma e negar o acordo que você fez com ele, e você espera que eu seja mais generoso do que esse cara. Certo?

Além de seu hábito irritante de entrar em frases, Revenant parecia bastante sério.

— Essa é aparentemente a esperança, sim.

— Huh. — Revenant materializou uma garrafa de tequila e tomou um gole. — Você está assumindo um grande risco, dado que eu sou o Rei do Inferno.

Raze ergueu uma sobrancelha. — Você também é um anjo.

— Assim como Satanás.

— Satanás era um anjo caído.

Deus, essa conversa era tão surreal. Slake teve a sensação de que, se ele sobrevivesse à essa noite, ele acordaria amanhã se perguntando se alguma coisa realmente tinha acontecido.

— E você acha que meu status como um anjo faz a diferença? — Revenant perguntou, mas pareceu mais divertido do que irritado, o que pode ser realmente ruim. — Eu nasci e cresci no inferno. O sangue de Satanás atravessa minhas veias. O que faz você pensar que a alma de Slake estaria mais segura comigo do que com o Ceifador de Alma?

Slake olhou para Raze. — Ele meio que tem um ponto. Talvez essa tenha sido uma má ideia.

Rindo, Revenant bateu nas costas de Slake. — Cara, você é crédulo. Não é que eu não goste de rasgar alguém lentamente das suas unhas dos pés até os folículos capilares de vez em quando, mas eu tenho uma regra de fazer isso apenas para as pessoas que merecem. — Ele fez uma pausa dramaticamente. — Você não merece, não é?

— Ah, não. — Bem, talvez, mas foda-se se ele fosse dizer isso.

Revenant bateu as mãos com uma alegria malévola. — Então vamos fazer isso. — Um pergaminho apareceu do nada,

pendurado no ar, com uma caneta de pena pingando sangue fluando ao lado dele. — Assine na linha pontilhada, e sua alma é minha. — Ele acrescentou um cacarejo maligno para efeito dramático, que funcionou melhor do que o Slake teria gostado, porque ele tinha uma sensação de arrepio espalhando para cima e para baixo em sua coluna vertebral.

— Raze? — Slake perguntou, precisando de um último aceno de segurança, que Raze forneceu.

— Está tudo bem — Raze disse. — Eu prometo.

Slake leu o documento, que era simples e direto. Revenant possuía sua alma e poderia usá-la como papel higiênico, se assim ele desejasse. E sim, ele realmente mencionou papel higiênico.

Slake rabiscou sua assinatura na página, e a pena e o pergaminho desapareceram. — O que agora?

— Agora — disse Revenant — você é meu.

— Você tem certeza? — Slake acariciou-se como se pudesse sentir a alma com as mãos. — Não sinto nada diferente.

— Você quer se sentir diferente? — Revenant perguntou. — Porque se você gosta de dor, sou generoso assim.

Slake não teve dúvidas sobre isso, mas em vez de dizer isso, ele ofereceu um simples. — Não, mas obrigado de qualquer maneira.

— Pode apostar. E não se preocupe, você não sentirá nenhum efeito colateral enquanto sua alma for minha. — Ele balançou as sobrancelhas. — A menos que você me irrite. — Revenant abriu a porta da sala de exames. — Agora, se vocês não se importam, eu tenho uma consulta com uma médica que me prometeu um exame minucioso antes de enfrentar a rebelião do Nightlash.

Ele decolou, mas o que ele disse deu a Slake uma ótima ideia. Pelo menos, ele esperava que fosse ótima. Raze acabou de dar-lhe um presente inestimável, um novo contrato de vida, porque agora ele sabia que ele não sofreria todos os caprichos

de algum bastardo.

Sem se dar uma chance de pensar demais, ele trancou a porta, girou em torno de Raze e empurrou-o contra a parede.

— O que você está fazendo? — Raze perguntou, mas ele já estava sem fôlego, e com seus sentidos de incubus, ele poderia cheirar o desejo de Slake. Sim, ele sabia bem o que Slake estava fazendo, mas Slake entrou no jogo de qualquer maneira.

— Estou executando testes. — Slake sorriu quando abriu as calças de Raze e se ajoelhou. — Precisamos descobrir se a outra noite foi um acaso.

Praticamente tremendo de antecipação, ele pegou o pênis de Raze e deslizou a mão para cima e para baixo em uma série de traços lentos e preguiçosos. Raze estava tão duro. Slake podia senti-lo pulsar na palma da mão, combinando a batida do coração de Slake.

A voz de Raze ficou baixa e rouca, vibrando através de Slake em uma onda erótica. — Inteligente.

— Então você aprova?

— Oh, inferno, sim. — Raze sibilou quando Slake levou sua ereção a boca para capturar a gota perolada de líquido que se formou na ponta. O líquido picante e ousado do afrodisíaco que era exclusivo da espécie de Raze atingiu na língua e se espalhou por sua garganta. Dentro de alguns batimentos cardíacos, a sensação infundiu todo o seu corpo, e quando Raze apertou os dedos nos cabelos de Slake enquanto ele o sugava, ele sentiu isso até suas bolas. — Na verdade — Raze respirou roucamente — eu acho que talvez precisemos executar muitos testes.

Isso, Slake decidiu, seria uma ideia *muito* boa.

CAPÍTULO 15



Descobriu-se que ser capaz de ter orgasmo com Slake não era um acaso. Raze e Slake testaram a teoria várias vezes nas próximas vinte e quatro horas, com paradas apenas para comer e tomar banho.

Então, na hora vinte e cinco, eles receberam uma chamada da Dra Shakvhan. Ela arranhou um feitiço para revelar o vínculo com o qual Fayle o havia selado e, como efeito colateral, ele podia senti-la. O sentimento era vago, como um zumbido no peito que se fortalecia quando ele estava de frente para a direção certa.

Eles a encontraram em Amsterdã, exatamente onde Slake disse que ela estaria, e Raze conseguiu levá-los até a porta dela.

Raze não tinha certeza de por que ele estava surpreso com o fato de ela ter se escondido em um apartamento alugado perto do distrito da Luz Vermelha, mas talvez fosse porque achava que ela deveria ter se escondido em algum lugar um pouco menos óbvio. Uma succubus no distrito da Luz Vermelha de Amsterdã. Quão original.

Então, novamente, era quase tão clichê que poderia ter funcionado. Mesmo Slake admitiu que não pensou em olhar até que algum Apóstolo da Morte o ajudasse.

Enquanto eles batiam educadamente na porta de seu apartamento, Slake tocou a adaga no quadril e murmurou algumas palavras ásperas em um idioma que Raze não conhecia.

— *Bauknein maltz. Naychitz!*

— E quão estúpido é uma succubus se esconder na central

do sexo?

Raze bufou.

— Você está apenas chateado que não pensou em procurá-la aqui primeiro.

Slake olhou com raiva, mas ele sabia que Raze estava certo, então ele apenas amaldiçoou um pouco mais. Raze adorou isso. Fayle teria fugido e ameaçado fazê-lo esperar pelo sexo. Mas Slake... Apenas algumas horas atrás, quando ele cobriu o corpo de Raze com o dele, ele colocou a boca no ouvido de Raze e jurou que Raze nunca mais teria que se preocupar em conseguir o que precisava. Slake prometeu estar lá para ele a qualquer hora, em qualquer lugar.

Raze quase gemeu na memória, e o seu maldito pênis também estava se lembrando. Apenas o som de alguém do outro lado da porta, destravando a fechadura, impediu que ele empurrasse Slake contra a parede daquele sombrio prédio de apartamentos e o beijasse sem sentidos.

A porta se abriu, e Fayle ofegou, tentou fechar a porta, mas a bota tamanho 45 de Slake a bloqueou. Ameaça rolou para fora dele em ondas e sua mão flexionou-se sobre sua lâmina, mas ele deixou Raze ser o único a avançar em Fayle enquanto ela olhava com descrença, os olhos arregalados, o rosto tão branco como o traseiro de um troll.

— O que você está fazendo aqui? — Sua voz tremeu, e Raze teve um prazer perverso no fato de que era a primeira vez que ele a ouvia soar menos confiante. — Como você me achou?

— Coisinha engraçada — Raze rosnou quando ele entrou, forçando-a para trás. — Veja, eu descobri tudo sobre como sua espécie se liga a um hospedeiro para se alimentar de sua energia sexual. Eu não acreditei quando outra succubus me disse que eu era uma vítima exatamente disso, mas acontece que um simples feitiço de revelação deixou claro. Eu realmente posso sentir a amarração, o que nos levou a você.

Seu coração estava batendo tão forte que Raze poderia realmente ouvi-lo. Talvez fosse parte do feitiço que lhe dava a

habilidade de senti-la, ou talvez fosse porque ela realmente estava aterrorizada agora, mas de qualquer maneira, não importava. Ela estava fora de equilíbrio e encurralada, e era exatamente onde Raze a queria.

— Raze, eu... você não deveria descobrir. Como um demônio sexual, você tinha mais energia para dar do que a maioria, e...

— *Cale a boca* — ele falou, não querendo ouvir nenhuma mentira ou desculpas. — Você me traiu. — Ele apontou um dedo para seu esterno, forçando-lhe a dar outro passo. — Você me violou. Depois de todos os nossos anos juntos, você não sentiu que poderia me dizer a verdade? Qual é a verdade?

Ela apontou a mão para Slake, que fechou a porta e bloqueou a saída.

— Por que você não pergunta a ele, porque ele parece saber muito sobre mim. Ele lhe disse que ele é algum tipo de mercenário e um caçador de recompensas? Que ele se aproximou de você para chegar até mim?

— Sim, ele disse. E não demorou mais de trinta anos para me dizer a verdade.

Ela sibilou para Slake, e garras desagradáveis brotaram da ponta dos dedos. — Você quer a verdade? — Ela gritou de repente. — Que tal essa verdade? Se você tivesse me escutado, se você tivesse se mudado comigo quando eu lhe pedi, não teria necessidade de explodir o Thirst. Eu nunca...

— Você *o que?* — Raze olhou fixamente, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. — O que você acabou de dizer?

— Você me ouviu. — Seu queixo levantou obstinadamente, e ele procurou seu belo rosto, procurando algo, qualquer coisa, que mesmo remotamente se parecesse com remorso. Não havia nada. Na verdade, seus olhos escuros brilhavam com um orgulho profano.

A fúria e a dor da traição transformaram sua respiração em ardentes chicotes de fogo em sua garganta, e ele teve que

apertar as mãos ao seu lado para evitar estrangulá-la onde ela estava. — Por quê? Por que você faria isso? — Sua têmpora palpitou e sua visão ficou turva, deixando-o saber o quão perto da violência ele estava. — Você matou pessoas, Fayle!

— Foi a única maneira de te afastar daquele maldito trabalho. Seus trabalhos foram a razão pela qual você não queria mudar, sim? E aquela cadela Lexi. Deuses, ela merecia morrer.

Raze literalmente estremeceu de raiva. Fayle realmente pensava que o que ela tinha feito era justificado. — Você estava planejando explodir o Underworld General também? Esse era o próximo da sua agenda?

Ela fungou. — Eu não tinha chegado tão longe no planejamento. Esperava que você mudasse de ideia sobre mudar depois do Thirst. Eu tinha que fugir, Raze. Meu pessoal está atrás de mim. Eles são os que o enviaram. — Se os olhos pudessem matar, Slake seria uma mancha gordurosa agora.

Slake disparou um olhar exasperado. — Posso matá-la agora?

Raze estava tentado a fazê-lo ele mesmo. Mas ele tinha perguntas, e antes que alguém a esfaqueasse no coração negro, ele queria respostas.

Ainda assim, ele se encontrou envolvendo sua mão ao redor de sua garganta e levantando-a com força em uma parede.

— O que está acontecendo, Fayle? — Deixando sua raiva reinar pela segunda vez em tantos dias, Raze focou em seu rosto. — Você me disse que você fugiu do seu povo porque queria liberdade. Isso foi há trinta anos. Então, por que eles querem você agora?

Ela agarrou suas mãos com suas garras de navalha, mas ele ignorou a dor e apertou até que ela ofegou: — Eles me querem porque a rainha morreu. — Ela sugou um pouco de ar. — Eu sou a próxima na sucessão.

Ele olhou fixamente. — Você é uma espécie de princesa?

— Eu sou a princesa — ela sufocou, e ele aliviou a pressão. Só um pouco. Apenas o suficiente para ela poder falar sem lutar por oxigênio. Ele cortaria seu oxigênio mais tarde. — Eu só queria ser normal. Encaixar em um macho como qualquer outra succubus que se respeite, em vez de governar um reino e lançar ninhada após ninhada de bebês em um mundo sem cor. — Ela olhou para ele, mas seu olhar estava distante, sombreado, perdido em um lugar onde Raze não poderia seguir. — Eu contei sobre minhas terras, Raze? Eu disse que há apenas preto e cinza, e mesmo o ar é da cor da névoa? Mas o mundo humano é tão vibrante, e quando encontrei você nele, eu sabia que tinha ganhado o prêmio. — Um sorriso melancólico tocou seus lábios, os lábios feitos para fazer os machos implorar. Homens e demônios, pensou Raze amargamente. — Muito poucos de nós têm a sorte de se ligar a um incubus. Toda aquela energia sexual... — Ela estremeceu, a luz em seus olhos voltando e ficando aquecida, como fazia quando ela sentia sexo nas proximidades. — Mas agora vou para casa. Vou tomar o meu lugar no trono. Só estou aqui para carregar e curtir uma última aventura no reino humano.

Ele odiava que ele realmente entendesse seu pensamento, porque tudo o que ele queria desde que alcançou a maturidade sexual era ser normal. E nem mesmo um demônio normal, heterossexual Seminus. Para ele, normal significava ter um relacionamento com alguém com quem pudesse compartilhar uma vida e uma cama. Alguém com quem ele pudesse conversar. Alguém que o desejava tanto quanto ele desejava.

Normal... era Slake.

Muito devagar, ele soltou Fayle, mas, se achasse que terminara com ela, teve uma enorme surpresa. Ele olhou para Slake, que lhe deu um aceno de compreensão e puxou o telefone.

— Você estava planejando me libertar? — Perguntou Raze, ficando onde ele estava, o que era no rosto dela.

Um rubor envergonhado varreu suas bochechas. — O que

posso dizer? Eu amo você tanto quanto eu posso amar qualquer coisa, Raze, mas sou um demônio.

— Então eu sou, mas não sou...

Ela o cortou com uma onda de mão.

— Eu sei, eu sei. Você não suga a energia de ninguém. Bem. Tanto faz.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo, ela estava beijando-o, dirigindo a língua entre os dentes enquanto ela levava seu corpo contra o dele. Ela não o beijou assim desde a primeira vez que eles estavam juntos, quando ela o ajudou na transformação. Ele lembrou tudo como se estivesse acontecendo agora, sentiu o chiado elétrico exclusivo de seu beijo.

Um grunhido profano e possessivo vibrou o ar. Instantaneamente, o corpo de Raze respondeu como se fosse uma ligação de acasalamento. *Slake*.

Fayle interrompeu o beijo e deu um passo atrás, dando a Raze um sorriso trêmulo. *Slake*, por outro lado, tinha fechado a metade da distância entre eles, tirado lâminas dos arreios sob o casaco e olhava para ela com a morte nos olhos. Porra, isso era quente.

— Está pronto — disse Fayle, mantendo um olho em *Slake*. — Meus laços com você estão quebrados.

Essa não era a única coisa quebrada aqui. Ele confiou nela uma vez, mas ela tinha quebrado isso. Ele se importou com ela uma vez, mas ela também quebrou isso. Ele pensou que os últimos trinta anos foram sobre o respeito mútuo. Ela quebrou essa crença.

— Diga-me — ele disse — se seu conselho só começou a procurá-la porque sua rainha morreu, por que nos mudamos constantemente? Sua espécie não é realmente nômade, não é?

Ela arrancou um doce da tigela no balcão e o colocou em sua boca como se tudo estivesse bem agora que ela tinha quebrado o vínculo entre eles.

— Oh, somos nômades — ela disse — mas não é por isso

que eu insisti em mudar todos os anos. Meu povo sempre estava procurando por mim. A busca simplesmente não ficou séria até a rainha morrer. — Ela mastigou o doce com uma forte mordida. — Agora, a menos que você esteja aqui para me matar, há um distrito de luz vermelha que está maduro com energia sexual para colher. Então vá embora.

— Oh, querida — Slake disse, sua voz raspando cascalho — você é a única que está indo embora.

Em um movimento tão rápido, Raze não o viu até que terminasse, Slake lançou um dardo que atingiu Fayle na garganta, penetrando tão profundamente que o sangue brotava por toda a área picada.

— Que porra — ela gritou, agarrando sua garganta até quando suas garras se estendiam como a de um tigre e seu corpo começou a inchar e se transformar.

— Aprese-se! — Gritou Raze para Slake. Ele atacou Fayle, levando-a ao chão enquanto Slake envolveu seus tornozelos com uma corda que ele jurou que conteria uma succubus de sua espécie.

Fayle bateu em Raze, pegando-o na mandíbula, e a dor queimou do queixo até o couro cabeludo.

Rosnando como um urso acordado da hibernação, Slake conteve os seus pulsos e a amarrou, de barriga para baixo no tapete barato. Suas maldições abafadas os seguiram enquanto os dois estavam de pé e olharam para o trabalho deles.

— Você fez a ligação? — Confirmou Raze.

— Sim. Os Negociantes da Justiça devem estar aqui a qualquer momento.

Excelente. Os Negociantes da Justiça eram a polícia do mundo dos demônios, e nada lhes davam maior tesão do que levar uma pessoa da nobreza para prisão. Raze se certificaria de que Fayle pagasse pelo que tinha feito com o Thirst. E ele apreciaria cada minuto.

Slake se virou para ele, e abruptamente, seu humor voltou a preocupação.

— Você está ferido. — Alcançando, ele suavemente alisou o polegar ao longo do maxilar de Raze, e Raze suspirou com prazer que ultrapassou qualquer dor que Fayle lhe infringira hoje à noite.

— Estou bem — ele disse. — Eu acho que sempre vou ficar bem agora.

Slake sorriu. — Nesse caso, eu diria que é hora de lidar com a *minha* Fayle.

— Você precisa de mim lá?

— Não. — Slake puxou Raze contra ele. — Encontre-me em sua casa. E eu quero você nu quando eu chegar lá.

Só havia uma resposta para isso.

Dã.



Pela primeira vez em sua vida, Slake entrou na sede de Dire & Dyre, Nova York, sem um pingão de medo.

Ele estava preparado para uma batalha para entrar no elevador, mas, surpreendentemente, a recepcionista de entrada o enviou para o último andar sem uma discussão. Por enquanto, tudo bem.

Quando saiu do elevador e entrou nos luxuosos escritórios que pertenciam ao Big Boss, a chifruda assistente cabra de Dyre o deteve. Não era inesperado.

— Você terá que aguardar. O Sr. Dyre está...

— Morda-me. — Slake passou por ela e bateu no escritório de Dyre.

Dyre olhou para cima, mas se ele estava irritado com a intrusão, não mostrou.

— Slake. Que surpresa. — Ele sorriu, piscando os dentes afiados. — Uma surpresa de que você não está vomitando o seu interior de dor por perder sua alma.

O idiota. — Sim, bem, e sobre outra surpresa? — Ele se

moveu para a mesa, colocou os punhos no topo de carvalho brilhante e se inclinou. — Eu. Sai. — Como uma reflexão tardia, ele acrescentou — Idiota.

Os olhos negros de Dyre rolaram como bolas de gudes oleosas em sua cabeça.— Você não pode sair. Eu sou seu dono.

— Se você está falando sobre minha alma, bem, mesmo que isso fosse verdade, você não poderia me impedir de sair. Meu corpo ainda é meu, não importa quem possui minha alma.

As bolinhas nas órbitas de Dyre ficaram rodeadas de vermelho. Dyre tinha um temperamento curto, e seu demônio interior adorava sair para jogar. Provavelmente era hora de desacelerar a situação. Mas só um pouco. Slake precisava que o cara ficasse agitado para que tinha planejado.

— Vou matá-lo e colher sua alma muito antes de permitir que você saia.

Que babaca. — Você percebe que quando seus funcionários estão aterrorizados com você, eles não vão além disso, certo?

— Eles vão se eles gostam de sua pele. — Dyre sorriu mais largo, e Slake jurou que o número de dentes em sua boca multiplicara. Eles também ficaram maiores. — Ou suas almas.

— Sim, sobre isso...

Um flash prata iluminou a sala e, de repente, Revenant estava de pé, suas enormes asas negras, rajadas com prata e ouro, arqueadas acima de suas costas. Se Slake não conhecesse o cara antes, ele estaria se mijando. Por assim dizer, ele ainda deu um passo para trás para que ele não fosse espancado pelo movimento negligente de uma asa.

— Então — disse Revenant, sua voz rosnando com tanta força que os bonitos brinquedos das prateleiras tremeram — acontece que quando você possui uma alma, você é notificado quando há perigo. — Revenant franziu o cenho para Dyre. — O que você estava fazendo com ele?

Dyre se pôs de pés. — Quem diabos é você?

Revenant deu a Slake um olhar fulminante de

desapontamento. — Você realmente deu a este saco de banha sua alma?

De repente, a pele de Dyre tornou-se preta como a noite e os chifres saíram do crânio, que começou a alongar-se quando seu corpo dobrou em tamanho. Muito devagar, Slake procurou sob sua jaqueta por sua lâmina de sangue, uma arma Duosos, apenas um macho de sua espécie poderia executar.

— Você se atreve a me insultar? — Dyre rugiu. — Você tem alguma ideia de quem eu sou? O que eu sou?

Um sorriso tão frio que fez cair a temperatura na sala curvava os lábios de Revenant.

— Você pensa honestamente que eu me importo?

Todo os objetos perigosos na sala foram ativados de uma só vez, todos visando Revenant. Em um borrão de movimento, ele foi atacado por vários instrumentos contundentes, atingidos por raios de calor derretido e empalados por objetos afiados. Mas quando isso acabou, ele simplesmente se contorceu, e tudo voltou ao normal. Suas roupas pararam de fumar, o sangue desapareceu, e não havia nada de pontiagudo sobre dele.

A pele preta de Dyre ficou cinza. — O que...

Revenant levantou Dyre de seus pés. E, tanto quanto Slake poderia dizer, Rev estava usando a Força, porque o cara não tinha movido um músculo.

— Eu fiz uma pequena pesquisa sobre você depois de conversar com Slake. Parece que você e Satanás eram bem próximos. Ele deixou você fazer o que quisesse com as almas que você colecionava, desde que você lhe desse todas as suas filhas. Isso é certo?

Dyre parou de arranhar sua garganta tempo suficiente para coaxar. — Sim. Eu, vou te oferecer o mesmo negócio.

O riso que veio de Revenant fez o sangue de Slake congelar em suas veias. — Você vai me oferecer um acordo. Mesmo? Porque de onde eu estou de pé... bem, estou de pé. Você, no entanto, está flutuando no ar e estrangulando lentamente. Então vamos tentar isso de novo. — Ele jogou Dyre

em uma parede, destruindo obras de arte, fotos e prêmios e certificados emoldurados de Dyre. Quando o sujeito se levantou, Revenant avançou sobre ele. — Aqui está o acordo que vou lhe oferecer. Devolva todas as almas que você não vendeu ou usou para qualquer propósito vil e feche seu escritório de advocacia.

— E o que — Dyre disse — eu consigo em troca?

— Você consegue não morrer.

Dyre ficou boquiaberto. — Você é maluco? Eu não posso desistir da minha escritório por nada! — A mão de Dyre escorregou atrás de suas costas. Slake abriu a boca para avisar a Revenant, mas não havia necessidade.

Dyre explodiu. Somente... explodiu em uma nuvem de névoa vermelha atomizada que se instalou ao redor do escritório em um manto horrível de sangue coagulado.

Revenant suspirou. — Eu tive que fazer isso muito ultimamente.

Piedosos. Droga. — O que — murmurou Slake — explodir as pessoas?

Revenant assentiu.

— Acontece que, quando você assume o inferno, as pessoas não são todas, “Ei, ele baniu Satanás, o mais maligno de todos os tempos, então ele deve ser um superfodão”. Não, eles são todos, “Ei, ele deve ter tido sorte, então vamos ver se podemos derrubá-lo”. — Revenant encolheu os ombros. — Explodir as pessoas realmente passa uma mensagem.

— Eu nunca vou irritar você.

— Sábio. — Um pergaminho materializou do nada, se desenrolou, e Slake reconheceu sua assinatura. Era a escritura de sua alma. Revenant estalou os dedos, e a coisa virou confetes. — Você é livre.

— Mas... por quê?

— Porque não gosto de estar ligado a ninguém.

— Oh. Bem, ah, obrigado. — Ele olhou para a bagunça que costumava ser Dyre e sentia pena pela equipe de limpeza

da empresa. — Então eu recebi minha alma de volta, mas agora estou sem emprego.

— Você gostava do seu trabalho?

Slake encolheu os ombros. — Não. Mas pagou as contas e impediu que meu povo me arrastasse de volta ao complexo e me executasse.

— Então, por que você veio aqui? Para matá-lo e assumir a posição dele?

Slake ergueu a lâmina que ele tinha pressionado nos últimos minutos.

— Eu não sou um demônio suficientemente poderoso para matá-lo, mas eu poderia ter...

— De jeito nenhum! — Revenant arrebatou o punhal da mão de Slake como uma criança que queria um doce de outra criança. — Esta é uma lâmina de sangue Duosos. Você sabe o quanto elas são raras?

— Ah, sim, tenho uma ideia.

— Você poderia ter infundido a lâmina com o sangue de Dyre e seria imune a qualquer movimento que ele fizesse contra você por um ano.

— Esse era o plano — murmurou Slake.

Como disse Revenant, as lâminas de sangue eram raras, tornado ainda mais pelo fato de que cada uma delas poderia ser usada apenas uma vez. Slake planejava neutralizar Dyre, e então usaria o ano para entregar os clientes imbecis de Dire & Dyre para os Negociantes da Justiça. Trabalhar com os Negociantes para capturar Fayle abriu uma porta estimulante, e ele achou que ele teria a chance de usar suas habilidades para o bem.

Revenant virou a adaga no ar e a pegou entre o polegar e o indicador.

— Venha trabalhar para mim.

— O quê? — Slake ficou boquiaberto. — Você está falando sério? Acabei de sair do polegar de um psicótico poderoso... er, quero dizer...

— Pare com a lisonja. — Revenant levantou a mão. — Eu entendo. Eu costumava ser o bode expiatório de Satanás, e é uma merda trabalhar com um maldito que é louco e pode acabar com você com um simples pensamento. — Ele dobrou as asas atrás de suas costas, e um segundo depois, elas desapareceram. Deve ser legal ter asas. — Mas aqui está o acordo. Eu sou o novo Rei do Inferno, o que significa que as pessoas me sugam porque querem algo ou pensam que vou explodi-las, ou querem me matar. Não tenho ninguém ao meu redor em que eu possa confiar. Você parece ser bom em seu trabalho, e enquanto eu segurei sua alma, eu percebi que você é. Eu poderia usá-lo na minha folha de pagamento.

A boca de Slake ficou tão seca quanto a areia no deserto de Blighted. — Agradeço a oferta.

— Mas?

Slake realmente desejou que o cara deixasse de fazer isso. — Mas eu não vou matar ninguém que não merece. Não vou seduzir ninguém. Eu não...

— Sim, sim — Revenant grunhiu. — Você não vai comprometer sua moral ou fazer qualquer coisa que vai irritar seu companheiro. Bem. Se você se opuser a um trabalho, você pode discutir isso comigo. Eu não sou completamente irracional. — Ele pareceu reconsiderar isso. — Minha companheira pode estar em desacordo.

Revenant era um cara estranho. Mas Slake gostava dele. Em qualquer caso, ele poderia estar empregado por alguém muito pior do que o Rei do Inferno.

— Você realmente sabe como oferecer um emprego — Slake disse, talvez um pouco sarcasticamente. — Estou dentro.

— Bom. Mas eu tenho um requisito. — A expressão de Revenant ficou sombria e séria, e Slake teve a sensação de que tudo o que ele ia dizer era de importância letal para ele. — Nunca minta para mim. Nunca. E se eu estabelecer uma lei, você deve seguir à risca. Você entende?

— Compreendo.

Revenant estendeu a mão.

— Então, bem-vindo a bordo.

Cara, Raze nunca vai acreditar nisso.

CAPÍTULO 16



Raze adorava a floresta. As árvores. A vida selvagem. A paz.

E agora, seis meses depois que Raze disse adeus a sua vida antiga, estava entrando em uma nova.

O que significava morar com Slake.

Desistir do apartamento foi fácil, mas sentia saudade ao ver o Thirst todos os dias. Ele não ficaria longe por muito tempo, no entanto. A nova construção estava quase terminada, e ele achou que voltaria a trabalhar lá no próximo mês ou mais. Entretanto, ele pegou horas extras no hospital para se manter ocupado enquanto Slake estava ajudando Revenant a dominar Sheoul.

E fale sobre um emprego de tempo integral. Revenant sempre se certificou de que Slake pudesse chegar a Raze quando necessário, mas Slake definitivamente continuou ocupado. Hoje, no entanto, eles estavam de folga, e eles planejavam ter um dia relaxante.

— Café da manhã? — A voz rouca da manhã de Slake foi direto para a virilha de Raze. Ele ergueu os olhos da cadeira no pátio onde estava sentado no sol da manhã e estava ouvindo a correnteza do riacho a alguns metros de distância.

— Você fez alguns?

Slake usava nada, exceto sua boxer, com os cabelos emaranhados pelo sono, o que lhe dava um charme de aparência juvenil. — Eu estava esperando que você fizesse.

— Idiota — Raze disse, escondendo seu sorriso em sua caneca de café. Seu insulto lhe valeu um beijo persistente e um

golpe leve, mas promissor, da mão de Slake sobre o pau rapidamente inchado de Raze.

Slake era uma provocação. Sorrindo perversamente, ele se sentou na cadeira em frente a Raze e esparramou-se ao sol, sem nenhuma preocupação. Ele havia mudado muito nos últimos meses, perdendo a cautela que ele usara como uma armadura quando eles se conheceram, e finalmente se deixando rir. E brincar. E confiar.

— Revenant disse que eu posso ter uma semana de folga. — Slake ergueu o rosto para o céu azul sem nuvens, um sorriso curvando os lábios que poderiam fazer Raze implorar. — Você consegue algum tempo de férias?

Movendo para dar a sua ereção mais espaço em seus calções, Raze tomou um gole de café. — Claro. Por quê?

Slake encolheu os ombros. — Eu nunca tirei férias com ninguém. Você sabe, o sol, a areia, o oceano. Eu acho que podemos ir a algum lugar exótico. E, então, ficar em nosso quarto e...

— Foder nossos cérebros para fora?

Os olhos de Slake escureceram, e o pau de Raze ficou mais duro. Não precisava de sexo por mais seis horas, mas ele queria, e isso era completamente novo. Bem, novo desde que conheceu Slake.

— Estava pensando... talvez possamos tentar esse acasalamento no qual você continua falando.

Raze engasgou com o café. Só um pouco. Mas ainda assim. — Acasalamento? Você quer se acasalar comigo? Tipo, eu estar amarrado a você até que um de nós morra? Esse acasalamento?

Slake apoiou os cotovelos em suas pernas espalhadas e se inclinou para frente, enquanto sua voz baixou para um ronronar íntimo. — Quando você coloca assim... sim.

Uma enxurrada de emoções lavou Raze, mas ele não conseguiu agarrar uma. Era como se ele estivesse feliz e em pânico, e com raiva de que isso não seria possível de uma só

vez.

União. Droga. Era um ritual de acasalamento que, até agora, foi apenas algo que os demônios Seminus faziam com fêmeas. Seria mesmo possível com um macho? Com uma fêmea, o vínculo era praticamente uma rua unidirecional, permitindo que as fêmeas controlassem as rédeas. Ela ganhava um *dermoire* que combinava com o de seu companheiro, mas no braço oposto, enquanto o macho... bem, é aí que o vínculo realmente descansava. Um macho vinculado nunca mais poderia ter relações sexuais com outras pessoas enquanto seu companheiro vivesse. Unir com alguém era um grande compromisso. Um compromisso de vida, e dado que sua vida durava centenas de anos...

— Ei — Slake disse calmamente. — Não precisamos. Eu sei que a coisa com Fayle foi fodida, e se eu fosse você, não deixaria a palavra *vínculo* entrar em meu vocabulário. Mas só estava pensando ...

— Não, eu quero — Raze disse, porque diabos, se ele ia deixar essa oportunidade passar por seus dedos. — Eu quero. É só que não sei se é possível entre dois machos.

— Nós podemos fazer sexo, e antes que você me conhecesse, isso não deveria ser possível também. Não saberemos até tentarmos.

Verdade. Mas era um grande passo.

Além de grande.

E era um óbvio.

Raze estava esperando toda a sua vida por Slake, e agora que ele o tinha, ele não o deixaria ir.

Ele levantou-se e estendeu a mão para o magnífico macho que o havia dado tanto. A mão de Slake se fechou ao redor dele, e juntos eles se dirigiram para o quarto. Eles tiraram seus shorts, e em um momento raro de constrangimento, eles se encararam, nus em mais de uma maneira.

— Como isso funciona? — Perguntou Slake, sua voz profunda e ansiosa, e o corpo de Raze respondeu com uma

pressa de endorfinas que dizia que estava certo. Tudo sobre isso estava certo.

— Eu não sei... — Na verdade, Raze sabia. Seus instintos estavam aumentando nele, dizendo-lhe o que fazer depois, e sem pensar, pegou a lâmina que Slake sempre manteve na mesa de cabeceira.

— Seus olhos — soprou Slake. — Eles são ouro puro. Eu sei que eles ficam assim quando você está ligado, mas isso... uau.

Raze foi até ele, então eles estavam cara a cara, e com um desespero que ele não conseguiu explicar, ele pegou a boca de Slake, lambendo a costura de seus lábios até que Slake o deixou entrar.

Quando eles caíram na cama, Raze cortou a borda afiada da lâmina em seu peito. A dor era nítida, mas fugaz, embotada pela antecipação do que estava por vir.

— Você precisa beber — ele murmurou contra a boca de Slake. — Agora.

Slake não hesitou. O cheiro de sua excitação subiu até Raze, chutando sua própria excitação em um entalhe quando Slake beijou seu caminho para baixo do pescoço de Raze, demorando apenas para beliscar a clavícula e fazer Raze rosnar com prazer. Mas no momento em que a boca de Slake se fechou no corte que ele fez, o prazer tornou-se tão intenso que ele não pensou que sobreviveria.

— Raze — sussurrou Slake contra sua pele. — Droga, você tem um gosto... bom. — Ele arrastou a língua ao longo do corte enquanto Raze alcançava o lubrificante.

— Agora — Raze gemeu. — Eu preciso estar dentro de você agora. Mas você tem que fazer isso. Você deve estar disposto.

Slake olhou para cima, confuso, mas um segundo depois, ele estava passando um bom fluxo de lubrificante no pau duro de Raze com uma mão e acariciando suas bolas com a outra. Doce, doce agonia ondulou até a virilha de Raze. Como sempre, o toque de Slake era mágico. Ele intuitivamente sabia o que

Raze queria e como queria, quão duro, quão rápido, quão profundo, e Raze só podia imaginar que se o vínculo funcionasse, eles estariam ainda mais sincronizados. As possibilidades eram infinitas e quase incompreensíveis.

Cada músculo nos braços de Slake ondulava sob sua pele flexível quando arrastou o corpo de Raze, beijando e lambendo cada centímetro. Seus olhos escuros brilhavam com necessidade enquanto olhava para Raze e condenado se Raze não se inchava com emoção. Ele amava Slake com cada célula em seu corpo, e se isso não fosse bom o suficiente para um vínculo, ele não sabia o que era.

Lentamente, gentilmente, Slake soltou a ereção de Raze. O êxtase o engoliu enquanto Slake o penetrou completamente e começou a se mover, seu ânus apertado e quente, apertando a cada golpe.

Raze mal teve a presença de espírito para levantar a adaga do colchão.

— Você precisa se cortar. Punho direito. Eu tenho que beber.

Se Raze pensasse que Slake se desviaria, estava completamente errado. Em um único movimento suave, Slake passou a lâmina em seu pulso e segurou-a na boca de Raze.

O sangue quente e sedoso caiu sobre a língua de Raze e merda sagrada, ele bem poderia ter se conectado numa tomada elétrica, porque seu corpo começou a acender e formigar. Ele se tornou um fio vivo, conectado a Slake de uma maneira que ele não poderia ter antecipado. Não poderia ter esperado porque não sabia que tal sentimento existia.

À beira do orgasmo, ele entrelaçou os dedos com Slake, a mão direita de Raze com a esquerda de Slake. Quando pegou a veia de Slake, uma corrente circulou por eles, e Raze sentiu tudo o que Slake estava sentindo. Havia carinho, calor, respeito, amor. Eles estavam conectados de muitas maneiras, e era assim... certo.

— Raze — Slake ofegou. — Ah, droga, eu posso... sinto

você. — Ele balançou contra Raze, todo o seu corpo se transformando em uma tempestade de sexo e paixão que não poderia ser contida.

Raze tirou um gole profundo no pulso de Slake quando o êxtase o lançou sobre a borda. Ele jogou a cabeça para trás e arqueou-se em Slake, batendo-o com tanta força que ele teve que se apoiar contra a parede. Gesso choveu na cabeça de Raze, mas ele mal notou, muito perdido no orgasmo de corpo inteiro que parecia não terminar.

Distante, ele ouviu o grito de Slake enquanto Raze bombeava nele. Salpicos quentes e úmidos atingiram seu peito, seu pescoço, seu queixo. O cheiro almiscarado de Slake cobriu sua pele e levou Raze a novas alturas.

Ele perdeu a noção de tempo e orgasmos. Eventualmente, talvez um mês depois, se a sua exaustão fosse uma indicação, ele alcançou a consciência completa e se encontrou em cima de Slake, sua pele quente e úmida colando-os. Em algum momento, ele jogou Slake de costas, as mãos ligadas, as bocas trancadas.

Slake estava meio entorpecido, seus olhos sonolentos apenas se abrindo quando ele olhou para Raze. — Eu acho — ele respirou — que estou morto.

— Eu sei que estou — ele gemeu. Deuses, todo o seu corpo parecia borracha e, no entanto, uma nova energia estranha o infundiu. *Slake*, ele pensou. A nova energia era Slake. Raze podia senti-lo em todos os lugares. Dentro. Do lado de fora. Na sua cabeça.

Agora, Slake estava feliz. Contente. Quando Raze olhou para a melhor coisa que já aconteceu com ele, Slake sorriu. — Você está feliz.

— Estamos ligados.

Como se o braço de Slake pesasse meia tonelada, ele o levantou. — Caramba — ele respirou. — Veja.

Raze lutou para concentrar seus olhos, e quando finalmente conseguiu, ele sorriu. Linhas negras começaram a

aparecer na mão de Slake e espalhar pelo seu braço, solidificando-se em uma cópia perfeita da *dermoire* de Raze.

— É incrível. — Raze olhou com admiração. — Bonita.

Slake estendeu a mão e passou o dedo sobre a garganta de Raze. Sua pele ardeu sob a ponta do dedo de Slake e se espalhou como um fogo erótico ao redor de seu pescoço.

— Está acontecendo — ele murmurou. — Você é meu companheiro. Nós acabamos de fazer história.

Raze teria rido se tivesse tido a energia. — Eidolon vai gozar em suas calças quando eu disser a ele. Ele adora anomalias.

— Eu te amo.

Rolando para um lado, Raze entrelaçou os dedos e trouxe Slake com ele. Eles estavam sujos e suados e precisavam tomar banho, mas eles poderiam fazer isso em um minuto. Agora, tudo o que Raze queria era aproveitar a única coisa que ele nunca pensou que poderia ter. Para dizer a única coisa que ele nunca pensou que ele diria.

— Eu também te amo.

Fim

{1} No original “sleeve of tattoos”. É uma tatuagem grande ou uma coleção de tatuagens menores com tema unificado, que cobre a maioria ou todo o braço de uma pessoa, geralmente do ombro ao pulso. O termo manga (“sleeve”) faz referência a similaridade do tamanho da tatuagem na cobertura de uma manga longa de uma camisa.

{2} Calça de combate

{3} No original “bedside manner”. O sentido da expressão está relacionado a maneira como um médico trata os seus pacientes, demonstrando especialmente um comportamento amável, amigável e compreensivo. Ou seja, a conduta profissional do médico. No entanto, a Autora usa a mesma expressão fazendo trocadilhos no texto em seguida com as boas maneiras à cabeça de alguém ou com alguém. Por isso, para facilitar, foi adotada a forma mais literal “boas maneira à cabeceira”.

{4} Referência a frase de Obi-Wan Kenobi no filme Star Wars (Stars Wars IV – Uma Nova Esperança)

{5} Morto aqui mesmo.

{6} No original “bleed” (sangrar, hemorragia)